



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MAHIS - MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E CULTURAS**

**UMA ESQUERDA EM SILÊNCIO:
Militantes trotiskistas de Fortaleza no período de 1963-1970**

ANDREYSON SILVA MARIANO

**FORTALEZA
2011**

ANDREYSON SILVA MARIANO

UMA ESQUERDA EM SILÊNCIO: Militantes trotiskistas de Fortaleza no período de 1963-1970

Dissertação submetida à Banca Examinadora do Curso de Mestrado Acadêmico em História – MAHIS, da Universidade Estadual do Ceará - UECE, como exigência final para obtenção do grau de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucili Grangeiro Cortez (Orientadora)

Prof. Dr. Fábio José Cavalcanti

Prof. Dr. Jawdar Abu El- Háj

Aprovada em ____ de _____ 2011.

DEDICATÓRIA

Ao meu Senhor e Salvador!

“Sê forte e corajoso; não temas nem te espantes, porque o senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9.

Aos meus Pais!

“São crianças como você. O que você vai ser, quando você crescer?” Legião Urbana – Pais e Filhos.

Aos meus irmãos!

“Que acreditaram quando nem era mais possível acreditar...”

A minha linda Natália!

Que tem me feito tão bem.

Aos trotiskistas do passado e do presente!

“Os trotiskistas nadam na contracorrente da história...” Leon Trotsky.

AGRADECIMENTOS

“Nada existe de grandioso sem paixão...” Hegel.

Agradeço...

À professora Lucili Grangeiro Cortez, por ter acreditado em nosso trabalho. Conseguimos professora!

Ao professor Fábio José Cavalcanti, que prestou solidariedade quando tive que travar meu “combate nas trevas” na graduação do Curso de História. Obrigado mestre!

Aos companheiros que lutam todos os dias comigo pela superação dessa forma de sociabilidade exploradora e desumana que é o Capitalismo. “Nosotros pasaremos, ellos no pasaron”.

Ao Instituto de Pesquisas do Movimento Operário (IMO), que me acolheu na pessoa da professora Susana Jimenez e a todos os seus membros e bolsistas que me fizeram entender as palavras de Rosa Luxemburgo: “A liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa diferente”.

Aos companheiros do Centro Acadêmico de História da Gestão Combates pela História (2009-2010). Fizemos História nesse curso amigos, na teoria e na prática, sem posturas vacilantes ou oportunismo, com independência política e financeira, com coragem e ousadia. Sem cair nos modismos teóricos ou academicistas. “Somente a luta pode mudar a vida!”.

Aos companheiros da “minha turma” do Mestrado Acadêmico de História (Ari, Aristides, Gerardo, Samuel, Flávio, Leidjane, Luciana, Daniele, Matilde), agradeço pelas suas contribuições e por termos vivido bons momentos juntos em nossas aulas. Uma turma maravilhosa!

Ao grupo de História Oral, principalmente ao professor Gisafran Nazareno pelas contribuições nesse campo e em especial à Luciana e ao Cícero Joaquim, pessoas maravilhosas.

Aos depoentes Mário Albuquerque, Paulo Emílio, Gilvan Rocha, Inocência Uchoa e Luis Cruz Lima. Pela solicitude em ceder as entrevistas. Suas histórias e lutas serão lembradas.

Aos professores do MAHIS que tiveram criatividade e elegância, sabendo cativar um estudante questionador, inquieto e crítico. Obrigado pela paciência.

Aos funcionários do MAHIS que sempre me trataram com afabilidade e atenção.

Aos camaradas da Xérox do Mazim: André, Alexandre, Jorge, Magão e outros. Valeu mesmo caras...

Aos meus queridos estudantes do Projeto Nascente, muitos já nas Universidades. “O mal que a Prefeitura fez jamais será esquecido”. Virão outros tempos e essa mancha será apagada.

Aos companheiros e companheiras do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), que sempre apostaram em minha potencialidade e me ajudaram a descobrir que tinha outras.

Aos combatentes do movimento estudantil da UECE pelas lutas e atividades que compartilhamos juntos.

RESUMO

O presente trabalho interpreta e analisa a História dos militantes trotiskistas de Fortaleza dos anos de 1963 a 1970. Busca assim, preencher uma lacuna na historiografia local e ampliar o horizonte de pesquisa sobre o assunto. Através da análise das entrevistas, jornais e de fontes bibliográficas, pudemos reconstruir parte de suas vivências, suas memórias, lutas, vitórias e desencantos no movimento estudantil universitário durante os anos de chumbo. Através da História Oral, procuramos cruzar os depoimentos e elaborar um conjunto de informações que expressem o pensamento trotiskista no período. Também foi importante traçar todo um panorama do trotiskismo na Europa, América do Norte, América Latina e Brasil, devido principalmente aos próprios depoimentos relatarem conceitos e acontecimentos que reportavam a um histórico do trotiskismo, permitindo ao leitor uma familiaridade maior com um grupo político local, mas que tem toda sua matriz de conhecimento no trotiskismo internacional.

Palavras-chave: Trotiskismo. Militantes trotiskistas. História Oral.

ABSTRACT

The present paper interprets and analyzes the history of the trotiskist militants of Fortaleza at the years 1963 to 1970. It tries, this way, to fill a blank in the local historiography and to expand the horizon of research about the subject. Through the analysis of the interviews, newspapers and bibliographical sources, we could rebuild some of their experiences, memories, struggles, victories and disappointments at the university student movement during the lead years. Through oral history, we crossed the testimonies and a set of information that expresses the trotskist thought at the period was elaborated. It had been also important to draw a whole panorama of trotiskism in the Europe, North America, Latin America and Brazil, mainly because their own testimonies report concepts and events, which made reference to a history of trotiskism, allowing the reader a greater familiarity with a local political group, which has, despite of that, its whole knowledge matrix in the international trotiskism.

Key words: Trotiskism. Trotiskist militants. Oral History.

“Não há estrada real para a ciência, e só têm probabilidade de chegar a seus cimos luminosos aqueles que enfrentam a cansaça para galgá-los por veredas abruptas.”

Karl Marx (O Capital, v.1).

Para liberdade e luta

“Me enterrem com os trotiskistas
Na cova dos idealistas
Onde jazem aqueles
Que o poder não corrompeu
Me enterrem com meu coração
Na beira do rio
Onde o joelho ferido
Tocou a pedra da paixão.”
Paulo Leminski (Poesias).

Sigla dos Partidos e Organizações citados:

GCL (Grupo Comunista Lênin)
GOM (Grupo Operário Marxista)
LCI (Liga comunista Internacional)
POL (Partido Operário Leninista)
PSR (Partido Socialista Revolucionário)
POR-T (Partido Operário Revolucionário Trotiskista)
FBT (Fração Bolchevique)
Primeiro de maio (Organização primeira de maio dos Trabalhadores)
OSI (Organização Socialista Internacional)
CS (Convergência Socialista)
Liga Operária
PCB (Partido Comunista do Brasil)
PC do B (Partido Comunista do Brasil)
PCB(R) (Partido Comunista Brasileiro Revolucionário)
POC (Partido Operário Comunista)
AP Ação Popular
COB (Central Obrera Boliviana)
ANL (Aliança Nacional Libertadora)
POL (Partido Operário Leninista)
PSR (Partido Socialista Revolucionário)
POUM (Partido Operário da Unificação Marxista)
MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário)
FSTMB (Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros)
POSDR (Partido Social Democrata Russo)
LSSP (Lanka Samaya Party)
SWP (Socialism Workers Party)
CIO (Congress off Industrial Organization)
PCI (Partido Comunista Internacional)

SUMÁRIO

Introdução: Uma pesquisa marcada pelo silêncio.....	12
Capítulo primeiro: A construção de um panorama sobre o trotiskismo.....	34
1.1 Leon Trotsky e o trotiskismo.....	36
1.2 O trotiskismo e a Revolução Russa de 1917.....	44
1.3 Trotiskismo e Stalinismo.....	54
1.4 O trotiskismo internacional.....	62
1.5 América Latina e “Los troskos”.....	75
Capítulo segundo: Silenciados ou esquecidos: onde estão os trotiskistas brasileiros na história?.....	82
2.1 O trotiskismo no Brasil (1928-1964).....	82
2.2 Os grupos trotiskistas de Fortaleza.....	94
2.3 O Regime militar e os trotiskistas de Fortaleza.....	108
Capítulo terceiro: As formas organizativas e o programa político.....	116
3.1 As formas organizativas.....	116
3.2 O programa político.....	130
Considerações finais	135
Fontes	142
Bibliografia citada	143
Bibliografia consultada	147
Anexos	162

INTRODUÇÃO



Uma pesquisa marcada pelo silêncio

O passado não traz consigo um índice misterioso que o impele à redenção. Pois, não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos ecos de vozes que emudeceram? Não tem as mulheres que cotejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. (BENJAMIN, 1987, p.223).

Esta dissertação é a continuação de um estudo monográfico¹, desenvolvido no Curso de História da Universidade Estadual do Ceará. Nosso tema se intitula **Uma esquerda em silêncio: militantes trotiskistas de Fortaleza (1963-1970)**. A escolha foi embasada devido aos anos em que estivemos no movimento estudantil, nos quais constatamos a existência de grupos que ainda se intitulavam trotiskistas.

O período de 1963-1970 foi um momento de contestação, em que se viviam sonhos de mudança do mundo, que deveria partir do poder jovem. Estudantes, *hippies*, mulheres, negros, homossexuais, feministas, comunistas, anarquistas e socialistas, e não esqueçamos os trotiskistas, passaram a contestar a sociedade, seus hábitos, costumes, tradições, os governos, o sistema capitalista. Era um período em que parte da juventude acreditava na mudança, convivendo com notícias de guerras, revoluções, libertação nacional, terceiro mundo, manifestações e passeatas. Esse momento passa a inserir-se no cotidiano dos jovens como algo realizável. No Brasil, o golpe-civil militar de 1964 levou muitos jovens a pensar e lutar contra a ditadura militar. Um aspecto que pode ser mencionado como importante para que surgisse maior diversidade das esquerdas, foram as concepções adotadas pelo PCB. O Partido entendia que a “revolução brasileira” ocorreria em duas etapas: a primeira de libertação nacional e democrática, anti-imperialista e anti-feudal, fruto da aliança com setores progressistas da pequena-burguesia e a burguesia nacional. Isso ocorreria pela legalidade e pela via pacífica, amadurecendo o País para o socialismo, tendo em vista que o capitalismo brasileiro ainda não estava amadurecido para a “revolução socialista”. A segunda etapa seria, segundo o PCB, a socialista. Esta concepção e análise ficaram conhecidas como teorias do etapismo do PCB. O descontentamento de vários setores com esta política levou aos rompimentos e à abertura para atuação de grupos, partidos e setores que não concordavam com o etapismo. Em Fortaleza, a descrença nessa política abre espaço

¹ Ver bibliografia.

para a formação do Partido Operário Revolucionário Trotiskista (POR-T) e de outros partidos.

João Goulart, antes de 1963, estava autorizado a assumir a Presidência da República diante da renúncia de Jânio Quadros, segundo a Constituição. Entretanto, as oposições de setores das elites conservadoras brasileiras (UDN e setores civis anti-varguistas, opositores militares e o núcleo ligado ao Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais – IPES) já tinham suas desconfianças para com o seu governo. Impedido de assumir a plenitude dos seus poderes resguardados na Constituição da época, Goulart foi submetido às novas regras de um parlamentarismo invocado por meio de uma emenda constitucional.

A reação de Goulart foi realizar um Plebiscito, cujo resultado o legitimou no poder. E assim, a força das mobilizações populares em torno das “reformas de base”, que era um programa político de ações governamentais, visando promover a reforma agrária, reforma bancária e outras. Seu objetivo maior era dar continuidade ao projeto de desenvolvimento econômico, com ampliação do mercado interno, atendendo demandas populares. O cenário para a deposição de João Goulart está ligado a outros dois elementos. O primeiro diz respeito ao apoio que o Partido Trabalhista Brasileiro – (PTB) recebeu do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Esse apoio se dava pelo fato de ambos terem uma perspectiva nacionalista, com a defesa da modernização industrial independente dos interesses norte-americanos. Assim, o PCB acreditava que, apoiando o desenvolvimento político e econômico do País, desenvolvendo as relações capitalistas da economia, estaria, na verdade, criando as condições para que, no futuro, a revolução socialista se efetivasse. Essa aliança e as reformas de base, para os setores conservadores: latifundiários, banqueiros e industriais, além de empresários ligados às multinacionais, eram vistas e entendidas como a implantação do comunismo no País.

Deste modo, o agravamento da crise socioeconômica e o aumento das mobilizações dos trabalhadores organizados nos sindicatos e movimentos sociais eram vistos pelos setores das elites conservadoras como uma debilidade do governo, gerada por sua fraqueza e incapacidade em controlar a instabilidade econômica e os conflitos sociais. Devido à dependência política em relação às elites, principalmente ao PSD, João Goulart não radicalizava a política das reformas de base para atender os anseios

dos trabalhadores, gerando insatisfação desses setores com o Governo. Mesmo assim, o presidente João Goulart perdeu o apoio do setor político das elites conservadoras.

Diante do cerco de seus conspiradores e no labirinto de seus limites políticos, além de uma forte crise econômica (o País não crescia desde o ano de 1960 e a inflação estava no patamar de 100% ao ano), o governo João Goulart foi derrubado pelo golpe civil-militar de 1964. Isso não implica afirmar que toda sociedade brasileira tenha se resignado ao golpe e ao seu regime. Sua marca foi de repressão e falso crescimento econômico, acelerando o processo de endividamento externo.

Toda essa repressão deixou também espaço para uma literatura sobre esse período. Assim, toda uma geração de intelectuais passou a não se calar diante das injustiças, resistindo com a escrita aos ditames repressivos. De certa forma este trabalho inicia o debate com ênfase para os grupos trotiskistas que atuaram durante a ditadura militar. Mas, de acordo com o pensador revolucionário italiano, Antônio Gramsci: “não se pode pretender que um indivíduo ou um livro mudem a realidade; eles só interpretam e indicam uma linha possível”, passemos a entender um pouco da conjuntura internacional do período.

Citamos golpe civil-militar por concordarmos com as abordagens de Dreyfus (1981), nas quais o autor mostra, com farta documentação, a participação de setores do empresariado, formando um complexo burocrático-militar que deu suporte ao golpe. Outro autor que destaca o golpe civil-militar é Aarão (2002). Ele confirma que setores do empresariado tinham ligações com fortes grupos estrangeiros que articularam o golpe. Apesar de ter havido interferências do governo norte-americano para a ruptura do andamento político institucional, o golpe de 1964 foi gerado também internamente por interesses de diferentes segmentos da sociedade brasileira, aliados às Forças Armadas que reforçaram uma tendência histórica intervencionista, permanecendo no poder por 21 anos. A ditadura militar reduziu os espaços públicos, criando fortes mecanismos de repressão política. No plano econômico fez-se a idéia de um estatismo avançado e “maquiado”, ou seja, completamente dependente dos capitais estrangeiros.

Durante os anos dourados do capitalismo do século passado (50-60), segundo Eric Hobsbawn, no livro *História do século XX*, a existência de um Estado de Bem-

Estar Social, ou como também é conhecido “planejador”, coincide com um contexto de generalização de métodos de trabalho como o taylorismo e o fordismo, que comportaram um importante aumento da produtividade. Este Estado de Bem-Estar permitiu a forte acumulação de capitais e a organização de uma expansão do consumismo das massas. E esse fator se concentrou nas garras dos governos sociais-democratas, que ganharam força com sua fórmula política de compromisso entre o capital e o trabalho, sendo a própria máquina do Estado o principal regulador de qualquer conflito. Passou a existir uma profunda articulação entre as dimensões econômico-tecnológicas, com as profundas mudanças sociais e políticas que foram impostas pela sociedade de consumo. Isso não foi imposto apenas aos países avançados do Ocidente no contexto da hegemonia política e econômica dos Estados Unidos, mas também foi imposto aos países do Terceiro Mundo em crescente processo de urbanização. Os anos setenta encontraram um mundo qualitativamente e quantitativamente diferente, tendo em vista as mudanças sociais dos tempos de bonança. Assim, os trabalhadores e estudantes eram convidados a consumir, mas eram reprimidos quando pretendiam subverter. Mas, em 1973, o capitalismo passa por mais uma de suas clássicas crises de superprodução capitalista, trazendo consigo um crescente questionamento das formas de exploração e organização do Estado. De tal forma que há todo um processo de reorganização das lutas dos trabalhadores e estudantes, que foram antes dispersos em decorrência da tortura e perseguições políticas.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é identificar as implicações e causas que produziram o silêncio histórico dos grupos de esquerda que se intitulavam trotiskistas em Fortaleza, no período de 1963-1970, ampliando o horizonte de pesquisa histórica dessa organização. Dois grupos foram pesquisados: o POR-T (Partido Operário Revolucionário Trotiskista) e a FBT (Fração Bolchevique Trotiskista). A temporalidade foi demandada a partir do ano de 1963 pelos primeiros trabalhos do POR-T em Fortaleza e por termos colhido informações da FBT até o ano de 1970, em Fortaleza. Como afirma Pilar (2000, p.20): “O interesse do pesquisador por certo assunto e o modo de abordá-los dependerá de sua visão de sociedade e de sua proposta de intervenção nela. A partir de suas preocupações no presente escolherá os registros e os tratará de uma dada forma”.

O Partido Operário Revolucionário Trotiskista (POR-T), fundado em 1953, sob a influência do argentino Homero Cristali, conhecido pelo pseudônimo de José Posadas², foi um dos grupos trotiskistas mais importantes do Brasil nesse período. O POR-T foi introduzido em Fortaleza nos primeiros meses de 1965, porém iniciou seus trabalhos em anos anteriores. A Fração Bolchevique Trotiskista (FBT) surgiu em 1968, fruto de uma dissidência interna do POR-T. A FBT teve atuação no Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco, Paraíba e Ceará. O estudo desta organização é relevante, tendo em vista que pouco se pesquisou sobre ela.

Nossa problematização, a respeito da produção do silêncio desses militantes, baseava-se no pressuposto de que, sendo os trotiskistas minoritários, o fato estaria já explicando o silêncio. Constatamos o erro ao ver que os trotiskistas foram a maior força política do movimento estudantil secundarista de Fortaleza. Daí, partimos do pressuposto de que, dentro do movimento estudantil universitário, os trotiskistas eram a terceira força política e devido à hegemonia do PC do B dentro da Universidade na época, os trotiskistas foram silenciados. Outra vez nossa pressuposição foi em parte desconfirmada, pelo fato de os trotiskistas terem vencido eleições no Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito da UFC, demonstrando que mesmo a hegemonia do PC do B não conseguiria silenciá-los. Passamos a questionar: quais os motivos de não haver nenhuma pesquisa sobre os trotiskistas de Fortaleza, apesar de encontrarmos citações em outros autores cearenses, mas nenhum trabalho específico sobre os militantes desse período? A ausência ou insuficiência de fontes escritas poderia justificar em parte o silêncio. Nosso último questionamento se baseou no seguinte: quais os motivos dos trotiskistas daquela época não construírem sua história? Diante disso, pudemos perceber que os traumas, as divisões, as torturas, as decepções, as mudanças em seus projetos de vida, levaram os trotiskistas do passado em Fortaleza a não divulgarem sua história, apesar de terem toda possibilidade para executar essa tarefa, pois todos são intelectuais da sociedade cearense. Daí em diante, passamos a compreender que o silêncio sobre os trotiskistas foi gerado por uma série de fatores e não apenas por um só, desarticulado.

² Vide Anexo I e Anexo XXVI.

Ao realizarmos mais entrevistas e colhermos mais fontes, nossas hipóteses “caíam por terra” (e nesses momentos “batia um desespero”). A cada nova descoberta, pudemos perceber que somente a aglutinação das hipóteses (entenda: analisadas e comprovadas ou não) poderia oferecer uma resposta mais elaborada. Então, percebemos que havia um conjunto de fatores que justificavam em parte esse silêncio, pois não descartamos outros: como o da própria universidade e das informações se encontrarem dispersas.

Durante o ano de 2004, diante de vários eventos que destacavam os quarenta anos do golpe civil-militar, pudemos descobrir a existência de grupos políticos que tinham seu referencial teórico e prático baseado nas idéias de Leon Trotsky. Acompanhando os debates na Universidade Estadual do Ceará, pudemos perceber uma lacuna no que diz respeito ao tema. Passamos a pesquisar o assunto e encontramos muitas dificuldades. Primeiramente, como desenvolver uma pesquisa sem fontes? A repressão militar destruiu vários documentos referentes aos mais diversos grupos políticos de esquerda, inclusive dos trotiskistas. Veio então a idéia de entrevistar os ex-militantes. Onde estavam? Outro problema. Procuramos armazenar o maior número de obras que versassem sobre o tema. Mesmo assim, ainda eram poucas. Daí em diante, temos a participação na disciplina de História Oral, lecionada pelo professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá. Desde aquele momento, foi adquirido um maior fôlego para a pesquisa, sendo possível iniciar um plano de mapeamento dos entrevistados e dominar minimamente a História Oral.

Durante esse período, iniciamos a pesquisa sobre o trotiskismo, com uma relativa bibliografia do assunto, lapidada e conseguida via “sebos” e bibliotecas, para obter um relativo conhecimento sobre o assunto. Mas foi a militância política com os grupos trotiskistas que ajudou a compreender melhor seus conceitos, apesar das profundas diferenças que se apresentaram entre o trotiskismo do passado e o do presente. Não procuramos estabelecer qualquer paralelo entre ambos, pois já se manifestava uma profunda diferença temporal e prática, os tempos eram outros e, além disso, duas gerações apartadas por décadas de mudanças como a queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu, já era suficiente para perceber o quanto ocorreram de mudanças entre as duas gerações de militantes. Isso nos garantia de certa forma um distanciamento do tema.

Seguindo os passos de Benjamin (1987, p.224): “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”. Ao historiador cabe lançar problemas às suas fontes, construir um “mosaico” das informações dispersas que o auxilie na construção do passado. Há na junção das fontes e das informações um verdadeiro “campo de possibilidades” históricas a serem investigadas. A história irá se apresentar repleta de sonhos, emoções, visões, conflitos, gestos e vida. Não se trata mais do desprezo por estes aspectos, como se apenas restasse, aos historiadores, o desvendamento da realidade dos acontecimentos. Trata-se de “escovar a História à contra pêlo”, tanto metodologicamente quanto em seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Para o senso comum, a expressão “trotiskismo” possui um valor negativo, provocando uma associação imediata que os relaciona mentalmente a posição radical, de traição ao socialismo, esquerdismo e sectarismo. Os tradicionais textos stalinistas cumpriram muito bem seu papel nesse sentido. Para gerações mais novas não houve sequer a possibilidade de conhecer o trotiskismo. Um verdadeiro silêncio foi produzido, associado a uma manipulação simplista de que os trotiskistas eram esquerdistas e traidores dos processos revolucionários. Os Partidos Comunistas hegemônicos no mundo foram a principal “correia de transmissão” desses postulados.

Nossa proposta nesta pesquisa é “fazer falar o silêncio” produzido sobre o trotiskismo principalmente em Fortaleza, jogando uma “zona de luz” nessa área encoberta por penumbras e mitos. Desvendar toda uma geração histórica que silenciou e silencia sobre o tema. Nossa perspectiva é a de que com a trama histórica elaborada em nossa pesquisa, possamos fazer aparecer, por meio das fontes históricas e bibliográficas, o implícito e o explícito. De tal forma, que, trabalhando com o pensamento crítico, possamos estar melhor balizados para desconstruir silêncios e lugares comuns, estabelecidos pelo pensamento tradicional. Essa forma de se trabalhar não busca ser um agregado de informações, muito menos um empirismo ou um descritivismo. Buscamos, na realidade, compreender o trotiskismo sem idealismo e como uma totalidade social, determinada historicamente em um contexto histórico específico. Trabalhamos com a história política não desligada dos outros aspectos da vida humana, mas articulados e

dinamicamente autônomos segundo as conjunturas e especificidades históricas de seu tempo.

Segundo o senso comum, os historiadores “adoram revirar a tumba de assuntos mortos”. Pois bem, é do nosso ofício fazer falar o silêncio, (des)calar, investigar, problematizar e analisar os documentos históricos, visando compreender o passado. E sobre esse passado tão ligado ao nosso presente que nos faz tomar escolhas, seja sobre temas, seja sobre caminhos, seja sobre métodos e teorias. Reviramos as tumbas históricas ao escolhermos trabalhar com a história política e com o nosso objeto de pesquisa. A história dos trotiskistas, tão colocada em descrédito, retoma um fôlego e o trotiskismo tem a possibilidade da elaboração de uma pesquisa que retome uma discussão sobre seu passado silenciado. Ferro (1995) destaca que a sociedade frequentemente impõe silêncios à história; e esses silêncios são tão históricos quanto à própria história. Ainda segundo o mesmo autor:

Somos assim levados a nos questionar sobre as condições que determinam a produção e a natureza das obras históricas, ou seja, que temas elas privilegiam, de que maneiras abordam e como eles evoluíram no tempo. (FERRO, 1995, p.25).

No caso dos trotiskistas, o silêncio produzido sobre eles e por eles assume motivos e circunstâncias de enorme complexidade. Para poderem romper esse silêncio em meio às mudanças ocorridas, aos traumas e decepções políticas, para relatar suas vivências, eles precisaram ser convencidos de que essa escuta (pesquisa) valeria a pena. Ao se rememorar sobre esse passado que poderia ser interpretado como um mal-entendido, ao apontar pessoas, tristezas e decepções não seria melhor calar, se abster de falar? Esse processo foi indutor de silêncio.

Tendo em vista que os silêncios produzidos sobre a história do trotiskismo são construções sociais, estivemos em todo o processo de pesquisa enfrentando desafios. Como exemplo, podemos citar a dificuldade de localizar os ex-militantes e, principalmente, de conseguir seus depoimentos. Entendemos que a reconstrução desse passado recoloca a questão dos vencidos da História, dos silenciados. Quando mencionamos vencidos da história nos referimos a uma maneira de observar e analisar historicamente as diversas minorias, uma história dos excluídos, daqueles que foram

ignorados no passado pela historiografia tradicional ou oficial. Também destacamos que os setores intelectuais, traumatizados pelos acontecimentos de 1964, passaram a produzir discursos diferenciados, silenciando também o eco de experiências sociais dos mais diversos grupos, partidos, sujeitos (DE DECCA, 1994). Os trotiskistas fazem parte desses grupos que classificamos “silenciados e vencidos”.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foi de fundamental importância estudar e nos apropriar dos referenciais teóricos ligados à Nova História Política. Buscamos uma investigação que cumprisse a articulação dos fatores econômicos, sociais e culturais com o político, percebendo as autonomias de cada aspecto estudado em um determinado momento histórico.

A importância da História Política reside na busca de se compreender o todo social, mostrando os percalços, as inovações e renovações empreendidas nesse campo de estudo. Surgem com isso “novas abordagens, novos objetos e novos problemas”, para o estudo de questões ligadas a esse campo histórico, antes esquecido. Como exemplos dessa renovação, podem ser destacados o contato com outras áreas de conhecimento, que passam a desempenhar o papel de contribuição para as pesquisas de estudo da política, por exemplo: a Ciência Política, a Psicologia Social, a Linguística e a Antropologia são apenas algumas dessas disciplinas que destacamos nesse intercâmbio metodológico.

O estudo do político vai compreender [...] não apenas a política em seu sentido tradicional, mas em nível das representações sociais ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou as memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder. (FALCON, 1997, p.76).

A questão do político foi hegemônica nos estudos e pesquisas históricas nos fins do século XIX, pode-se ligar tal fato ao momento histórico daquele período. Era nesse contexto que vários Estados-Nacionais se consolidavam utilizando a história como instrumento de legitimação para seus projetos de poder e dominação. Uma história factual, narrativa, em que os documentos históricos eram a mais “pura” verdade, onde se apresentavam os feitos dos “grandes homens”, construtores das Nações e da própria História. Ganham vitalidade os documentos diplomáticos, o que demonstra a ênfase dada ao político. Talvez por todos os argumentos apresentados, Burguière (1986, p.8)

tenha afirmado: “O casamento entre a história e a política nada tem de excepcional. Podemos encontrá-lo em todos os países que necessitaram, para legitimar a unidade nacional, mobilizar a memória coletiva e inscrevê-la numa mitologia das origens”.

Trata-se de perceber a autonomia do político em determinados contextos históricos, em seu movimento real e dinâmico. No movimento histórico em que a História Política demonstra-se mais atenta e voltada para o particular, sem perder de vista sua dimensão articulativa com outros aspectos da vida humana. Em sua antiga forma de trabalho, voltava-se para as formações nacionais e para a factualidade, permanecendo na superfície da compreensão histórica, não conseguindo apreender o real devido à particularidade e se perdia ao não se conectar aos outros aspectos de constituição históricos - o social, o cultural, o econômico. Nesse sentido, ela permaneceu em um terreno estático, na medida em que incorria em um idealismo.

Anedótica, individualista, essa história incorria ainda no erro de cair no idealismo. Por desconhecer as forças profundas e as causas ocultas, ignora as necessidades e os mecanismos, ela imaginava que as vontades pessoais dirigem o curso das coisas, e às vezes levava mesmo a cegueira até ao ponto de acreditar que as idéias conduzem o mundo. Quando as idéias nunca são mais que a expressão dos interesses de grupos que se defrontam, e os atos políticos apenas revelam relações de forças definidas, reguladas pela pressão dos conjuntos socioeconômicos. (REMOND, 1996, p.18).

Com tudo isso, ficava o historiador, que almejava desenvolver seu trabalho com a História Política, refém do factualismo e subjetivismo dos atos daqueles “grandes homens”, que com seus “atos de brilhantismo” conduziam as nações a suas vitórias. O fazer histórico do político estava regulado por uma epistemologia, que, segundo Remond (1996, p.19), “inscrevia-se numa filosofia global que participava do clima da época, e encontrava conviências e pontos de apoio na ideologia dominante”.

O estudo da História Política dentro de nossa pesquisa está relacionado a dois outros aspectos que são o da investigação dos partidos políticos e o do papel dos intelectuais na política. Se levarmos em consideração que pesquisamos duas organizações: partidos políticos trotiskistas inseridos no movimento estudantil universitário de Fortaleza e de que esses estudantes são hoje intelectuais, nossa pesquisa merece uma argumentação inicial sobre esses dois aspectos.

De acordo com Berstein (*apud* Remond, 1996, p.55), “o estudo dos partidos políticos passou a sofrer descrédito que refletia aquele que atingia a história política como um todo”. O mesmo autor mostra que tal desprezo era resultante, de forma parcial, pela natureza das pesquisas que tinham duas orientações básicas: 1. monografias nacionais ou locais, empenhadas na reconstituição da origem, dos erros políticos, desenvolvimento dos congressos partidários e suas lutas internas; 2. pesquisas voltadas aos seus projetos de sociedade. Esses tipos de produção, segundo o autor, conduziam a uma história ligada à crônica e à factualidade, marcada pelo simplismo e indiferente à realidade. Esse agregado despertou a indiferença e a ironia. Na verdade, não se analisavam outros aspectos como: a força da tradição, as disputas das mentalidades, a cultura, os discursos, grupos sociais, a ideologia, a psicologia social. A ação dos homens e mulheres não era posta sob um “feixe mais completo de parâmetros”.

Se os historiadores renovaram extensamente a história das forças políticas, lançando as bases de uma visão nova das tradições e ideologias políticas, foram, contudo, os trabalhos dos cientistas políticos que mudaram as perspectivas de abordagem e a natureza do questionamento sobre os partidos políticos enquanto organizações. (REMOND, 1996, p.60).

A reflexão que trouxeram os cientistas políticos levou a que os historiadores olhassem outro parâmetro, ao se interrogarem sobre aspectos antes não observados, como: qual o significado e o papel dos partidos políticos em sua estreita área de atuação?

Na interpretação dos historiadores, os partidos são locais onde acontecem as mediações políticas. De tal forma que não podemos incorrer no erro de ver seu programa político como expressão direta das circunstâncias de sua elaboração:

Na verdade, entre um programa político e as circunstâncias que o originaram, há sempre uma distância considerável, porque passamos então ao domínio do concreto para o do discurso, que comporta uma expressão das idéias e uma linguagem codificada. É no espaço entre o problema e o discurso que se situa a mediação política, e esta é obra das forças políticas, que têm como uma de suas funções primordiais precisamente articular, na linguagem, o que lhes é própria, as necessidades ou as aspirações mais ou menos confusas das populações. Por isso, a mediação política assume o aspecto de uma tradição e, como esta, exibe maior ou menor fidelidade ao modelo que pretende exprimir. É precisamente uma das tarefas do historiador que trabalha com forças políticas tentar perceber essa distância, fundamental para a

compreensão dos fenômenos históricos, entre a realidade e o discurso. (REMOND, 1996, p.61).

O estudo do político passa por uma mudança epistemológica e se relaciona com o estudo da memória. Passamos a analisar a história política desta forma, a dar um sentido novo ao passado, juntamente com as memórias. Trabalhar desta maneira nos ajuda a relacionar o passado e o presente, desconstruindo os silêncios e os vazios historiográficos. Desse modo, a memória será um manancial de reminiscências do passado que possibilitam um maior conhecimento do passado. Segundo Le Goff (1996), a memória tem a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou interpretadas como passadas. A substância social da memória mostra que ali estão imersos elementos do social e do político, que os indivíduos trazem marcas de espontaneidade no ato de recordar que lhes é peculiar e coletiva. Peculiar na exata medida de poder elaborar sobre um passado observado em detalhes próprios, marcados pelos seus valores atuais e passados, carregados de sentimentos. É coletivo pelo fato de terem sido formulados em experiências sociais permeadas pelas classes sociais. Dentro dos “subterrâneos das memórias” podemos perceber aquilo que era tido como o “não-dito” em outros momentos e/ou documentos. Essa substância social passa a ser um ato humano e todo ato humano é histórico. Diante de tantos desafios na pesquisa histórica, não podemos mais desprezar os aspectos apresentados pela memória social e política.

Dar espaço à voz e às memórias dos excluídos com um sentido revelador seria uma vantagem que enriquece ainda mais a pesquisa histórica. A memória serve a rememoração do passado, apresentando uma heterogeneidade de visões com o objetivo de colher e armazenar os resultados das experiências humanas e a possibilidade de desenvolver uma riqueza de detalhes que por vezes não se encontram em outras fontes históricas. Estão presentes por muitas vezes a simbologia e a imaginação dos depoentes, apresentando mais aspectos a serem investigados pelo historiador. Além disso, sua utilização não fica presa aos “muros da academia”, democratizando ainda mais o conhecimento humano. Outro aspecto é o de que a memória se apresenta como a elaboração de uma troca de experiências entre o entrevistador e o entrevistado. Diante da aceleração dos processos de produção do sistema capitalista, onde há uma presentificação do passado e uma efemeridade da vida, a preservação da memória, seu

estudo como elemento subjetivo-objetivo que se torna fonte histórica é crucial para o combate a aceleração e descartabilidade que se tem produzido sobre pesquisas históricas, levando ao imediatismo de pesquisas que não se aprofundam nas temáticas, pesquisas descartáveis ao sabor e teor do consumismo e exotismo da reificação capitalista. (WOOD, 1999).

Existem verdadeiros combates pela memória dos mais diversos grupos e temas, sendo importante para a construção de identidades, ou mesmo, de ser lembrados estes grupos nas pesquisas históricas. Entendemos que os militantes que entrevistamos se inserem nestes aspectos. Nesse sentido,

[...] essa metodologia abre novas perspectivas para o entendimento do passado recente, pois amplifica vozes que não se fariam ouvir. Além de nos possibilitar o conhecimento de diferentes ‘versões’ sobre determinada questão, os depoimentos podem apontar continuidade, descontinuidade ou mesmo contradições no discurso do depoente. (FREITAS, 2002, p.21).

Trotsky (1978), em seu ensaio autobiográfico *Minha Vida*, escrito durante um de seus exílios, destacava como se irradiavam na sua época as obras que tratavam da memória. Enquanto hoje, muitos travam suas batalhas teóricas sobre a importância ou não da memória para a história, o militante revolucionário russo, afirma que:

Os livros de memórias estão em voga na nossa época, talvez mais do que nunca. É que se tem muita coisa a contar. O interessante que desperta a história contemporânea é tanto mais vivo quanto mais dramática e mais rica de sinuosidades é a nossa era. A arte da paisagem não poderia ter nascido do Saara. As épocas interceptadas como a nossa criam a necessidade de considerar o dia de ontem, que já nos parece longe, sob o ponto de vista daqueles que se empenharam ativamente nas lutas. Explica-se assim o enorme desenvolvimento da literatura memorialista desde a última guerra. E assim também se justifica talvez este livro. (TROTSKY, 1978, p.9).

Outro ponto de destaque é o conceito de memória social. De acordo com Bosi (2001) e com o que pudemos compreender, a memória social não é uma reprodução exata do que aconteceu, ela possui dentro de si uma memória coletiva e individual, onde estão imersos sinais, idéias, valores e sentimentos. Ela procura o rememorar, trazer um passado onde memória e história se complementam. A memória social está em constante disputa, e passa a ser, enquanto lembrança, constantemente reconstruída, pois antes os depoentes tiveram seus discursos silenciados ou esquecidos. Diante disto, as

narrativas orais estão carregadas de memórias sociais que passam a ser objetos cruciais na reconstituição do passado.

Destacamos que cada depoimento adquire dimensões únicas e fascinantes por serem repletas de experiências e interpretações variadas, instigando ainda mais a pesquisa pelo fato de reconstruírem vivências e acontecimentos. A diversidade que assumem as formas e conteúdos elaborados pela oralidade faz a relação entre a história e a memória se tornar cada vez mais significativa para os pesquisadores. Benjamim (1996) já destacava que o maior desafio da memória, seria contribuir para que as lembranças continuassem vivas e atualizadas, não procurando ser transformadas em exaltação ou numa crítica pura e simplória de que se passou. Ela deveria elucidar os meios de vida, no meio dos escombros, para trazer de volta o estímulo na reativação do diálogo permanente que deve existir no historiador. O diálogo do passado com o presente.

A metodologia da História Oral foi auxiliar ao possibilitar a coleta e comparação dos depoimentos e o cruzamento com outras fontes. Lembranças, fatos, interpretações que não se remetem apenas a fatos locais foram analisados, percebendo a conexão com a política nacional e internacional. Torna-se evidente que temos a necessidade da inevitável atividade de selecionar, fazer recortes e construir nosso objeto.

Nesse mesmo sentido se desvela o campo de lembranças que se aglutinam em depoimentos e principalmente na reconstituição de memórias, selecionadas e repletas da relação passado-presente. Elas atingem uma forma individual e coletiva, na sua individualidade aparecem fatos, momentos, particularidades, sentimentos, interpretações políticas, teóricas e morais que se diferenciam em cada depoente. Em sua forma coletiva, temos a expressão das experiências comuns de uma época, partilhadas pelos militantes, lembranças de momentos e construção de relações sociais comuns, que entram em convergência com os pontos de vista sobre muitos dos relatos de passeatas, atos, discursos teóricos e políticos.

Dessa forma, a História Oral precisa ser apresentada aqui como uma abordagem teórica e metodológica que serviu de base para a coleta de informações. Os depoimentos orais e suas junções e intersecções permeadas pelas memórias dos militantes passam a

ser organizadas e elaboradas para alimentar a reconstituição histórica, suas interpretações, analisadas e transformadas em história. Na realidade, temos a memória como uma (re)construção do passado que ainda não é história, atualizada e renovada no tempo presente. O que tratamos não se reduz a um relativismo, mas sim as diversas manifestações cognitivas inseridas numa realidade do tempo presente de cada depoente. Temos a manifestação das possibilidades construtivas do conhecimento histórico mediadas pelas relações sociais, econômicas e políticas dentro do trabalho oral.

Nessa perspectiva, a História Oral passa a ser um procedimento metodológico que tem a finalidade de auxiliar na construção de fontes e documentos, um registro de narrativas induzidas, sob o estímulo das testemunhas que apresentam uma diversidade de visões e interpretações sobre a História nas suas mais variadas formas e dimensões: desde as factuais, as temporalidades, os espaços, os conflitos, os consensos e até mesmo os silêncios e vazios históricos. Aglutinam-se depoimentos sobre as histórias vividas pelos trotiskistas, de tal modo, que a História Oral passa a ser, conforme assinalamos, um procedimento, um meio, um caminho na elaboração do conhecimento histórico. Portanto, ela passa a ter um duplo aspecto sobre o passado e sobre o presente, sendo um procedimento que envolve o entrevistador, o depoente e os aparelhos para a gravação.

Procuramos, com o recurso da abordagem teórico-metodológica da História Oral, no cruzamento com outras fontes, preencher algumas lacunas sobre o tema. Um quadro comparativo das narrativas orais forneceu uma amplitude analítica sobre o tema, contribuindo para a compreensão de gestos, emoções, alegrias, tristezas e decepções dos narradores em suas lutas sociais, políticas e cotidianas. Estas memórias retiradas dos depoimentos orais estão carregadas de história, na verdade alimentam-na. A memória dos ex-militantes assume o papel do que foi vivido, enquanto a história é aquilo que passa a ser elaborado. Os depoentes ao narrarem algum fato, buscam elaborar uma visão de si, individual e coletiva. Ao utilizar a História Oral, além de registrar as experiências e vivências dos indivíduos, de buscar os motivos de sua seletividade, e como isto interfere na história, buscamos perceber o que poderia ser evidenciado naquela narrativa e quais seus desdobramentos políticos e sociais.

Destacamos que aquilo que os depoentes lembram ou esquecem passa a ser uma substância valiosa para a história. Com o depoimento oral podemos perceber o relembrar, o passado, como uma pluralidade interpretativa dos depoentes. Analisam-se vozes, pronúncias, variações interpretativas, entonações, ritmos, linguagem, que expressam uma maior aproximação do documento vivo. Saber ouvir assume forte importância e o documento produzido é o resultado do diálogo entre pesquisador e pesquisado, entre entrevistador e entrevistado, marcado por uma aproximação diferenciada dos documentos escritos. A História Oral passa a valorizar mais a subjetividade dos indivíduos, que também estão marcados pela coletividade.

Devido às formas diferenciadas de recordar gera-se uma polifonia fragmentada, que deve ser agrupada, comparada e analisada no cruzamento com outras fontes, para daí ser elaborada uma possibilidade interpretativa sobre o tema. Segundo Thompson (1992, p.113), “o uso difundido da expressão ‘História Oral’ é novo, tanto quanto o gravador; e tem implicações radicais para o futuro. Isto não significa que ela não tenha um passado. Na verdade, a História Oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a primeira espécie de história”. Apesar de ser antiga, a forma como abordamos metodologicamente os depoimentos é bem recente, devido principalmente aos conceitos que articulamos com as fontes. A utilização da História Oral foi de grande importância em nosso trabalho. A História Oral permite também

[...] mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção, do eu, que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e coerência - isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de entrevistas da História Oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma nação, são importantes para se compreender em um grupo, em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou sociedade como um todo. (ALBERTI, 1993, p. 45).

De acordo com Thompson (1992), a marca que a História Oral traz como lição histórica é a sua singularidade. O mesmo autor também destaca as inúmeras potencialidades e experiências que pode oferecer aos utilizadores de sua metodologia. Por exemplo, ela pode revelar novos campos e temas para a pesquisa (entendemos que isso ocorreu aqui); pode também apresentar novas hipóteses e versões sobre

interpretações já tradicionais e recuperar memórias e informações sob diferentes aspectos, possibilitando a constituição de evidências por meio do entrecruzamento dos depoimentos e o registro de visões antes esquecidas ou silenciadas dos anônimos, vencidos, membros de movimentos étnicos, políticos e grupos sociais minoritários. Possibilita ainda o registro e a investigação sobre visões alternativas em contraste com as visões predominantemente “oficiais”.

Em nossa pesquisa, buscaremos explorar essas e outras potencialidades, procurando interligar as narrativas em todos os tópicos dos capítulos, tentando uma articulação que esclareça e investigue o trotiskismo como corrente política e suas principais características que se apresentaram nos depoimentos e documentos. O domínio dos conceitos, do vocabulário e a forma de interpretação política dos acontecimentos e fatos se expressam também nos depoimentos. Com o domínio dessa teoria, pudemos, ao entrevistar os depoentes, contar com maior confiança de sua parte. Isso se explica pelo fato de ao perguntarmos sobre determinado assunto ao entrevistado, ele pôde perceber que tínhamos um domínio mínimo do assunto, pois o contrário poderia comprometer a entrevista, inibindo ainda mais os testemunhos e percepções dos militantes. As entrevistas permitiram a utilização do procedimento comparativo, no qual tivemos pontos de convergências e divergências sobre o trotiskismo e até mesmo novas interpretações que foram analisadas.

Durante o processo de entrevista, foi importante considerar alguns pontos, como: diálogo prévio sobre a importância e os objetivos da pesquisa, o ato da entrevista ser constituída de uma relação humana, portanto, permeada pelo respeito e alteridade, construindo um diálogo sincero e consistente com os entrevistados, respeito aos momentos de silêncio e esquecimento dos entrevistados; procuramos não elaborar perguntas longas e indiretas, deixando fluir a entrevista fazendo perguntas que evocassem respostas claras; respeito ao temperamento e personalidade de cada entrevistado. Elaboramos roteiros semi-estruturados, os quais podem ser vistos nos anexos, em que adequamos aos acontecimentos e ao vocabulário dos entrevistados, daí ser primordial um conhecimento prévio do assunto antes da realização das entrevistas.

Sem dúvida, o maior desafio que enfrentamos foi e é o de análise das entrevistas, que passamos a buscar, em seus pontos comuns e incomuns, as singularidades

históricas, a construção das evidências e o estabelecimento de correlações em análises comparativas que nos permitisse atingir parte dessas histórias. Buscamos ordenar os depoimentos, pois suas narrativas não eram lineares, tentando, assim, esclarecer questões e conferir hipóteses. Seleccionamos e organizamos o processo de conhecimento do assunto, procurando perceber e conhecer melhor os conceitos e a linguagem que adotavam e adotam os trotiskistas. Ao seleccionarmos o assunto, passamos a fazer recortes temáticos, que poderão ser vistos na síntese apresentada no final da introdução. Articulamos os depoimentos a uma trama histórica em que se possa ter uma dimensão abrangente do assunto, ainda que repleta de limites. Não procuramos, assim, deixar que os depoimentos falem por si mesmo, passando a analisá-los e interpreta-los de forma articulada com o trotiskismo e suas idéias de forma construtiva e crítica.

O tempo das narrativas é um tempo fragmentário, selecionado, repleto de recortes, em íntima relação do passado com a vivência presente do depoente. É um movimento multifacetado, repleto de características e ritmos, que inseridos em vivências e expectativas humanas passa a ser revelador de continuidades e descontinuidades, durações e rupturas, demonstrando uma dialética particular que se torna um processo complexo e dinâmico em permanente devir histórico.

Para a pesquisa foram entrevistados cinco ex-militantes trotiskistas que pertenceram a duas organizações já citadas que são o POR-T e a FBT. O primeiro entrevistado foi o presidente da Associação 64-68: Anistia Ceará, Mário Miranda de Albuquerque³, realizada no dia 08 de Maio de 2006, na própria Associação. Mário pertenceu ao POR-T. O segundo entrevistado foi o professor aposentado do Curso de História da UECE, Paulo Emílio Andrade Aguiar⁴. A entrevista foi realizada no dia 26 de fevereiro de 2007, na sala H-3 do bloco do Curso de História da UECE. Paulo pertenceu ao POR-T e a FBT. O terceiro entrevistado foi o Sr. Gilvan Rocha⁵, atualmente militante do P-SOL (Partido Socialismo e Liberdade). A entrevista foi realizada em sua residência, no dia 1 de maio de 2008. Gilvan pertenceu ao POR-T, sendo um dos fundadores do Partido aqui no Ceará. O quarto entrevistado foi o Juiz do

³ Vide Anexo XII.

⁴ Vide Anexos XVI e XVII.

⁵ Vide Anexo XIV.

Trabalho aposentado, Inocêncio Uchoa⁶. A entrevista foi realizada em sua residência, no dia 8 de maio de 2008. Inocêncio pertenceu ao POR-T e a FBT. Por fim, o quinto entrevistado foi o professor do Mestrado Acadêmico em Geografia, Luis Cruz Lima⁷, que pertenceu a FBT. A entrevista foi realizada no dia 20 de novembro de 2009, na UECE. As entrevistas duraram em uma média de quarenta e cinco minutos à uma hora. O acesso aos entrevistados não foi fácil, devido a alguns fatores: primeiro, tivemos de localizar e identificar quem eram os trotiskistas de sua época; segundo, os depoentes demonstraram certo receio de relembrar seu passado. Foi, inclusive, necessário um rápido esclarecimento sobre a pesquisa. Tivemos que dialogar com um entrevistado durante um mês para conseguirmos seu depoimento. Isto apenas mostrou o quanto é problemático para alguns, ou melhor, para quase todos relembrarem seu passado enquanto trotiskistas.

Outras perspectivas que serão importantes em nossa pesquisa dizem respeito à forma de se analisar metodologicamente os jornais. Pesquisamos dois periódicos: O Povo e o Correio do Ceará do mês de maio de 1970 e encontramos valiosas informações sobre a prisão de militantes trotiskistas em Fortaleza. Geralmente os jornais buscavam mostrar os militantes como grupos muito bem organizados e perigosos, noticiando mega-operações na prisão dos mesmos. Neste sentido, a importância de pesquisar os periódicos também exige de nós historiadores uma metodologia adequada. Pinsky (2005) destaca que aconteceram importantes renovações no estudo sobre a imprensa, que, diante do cotidiano, juntamente com as contribuições da História Cultural, enriqueceram as pesquisas históricas. A autora afirma também que seria impossível um estudo mais detalhado do comunismo ou do anticomunismo sem observar os periódicos. A fonte periódica é rica em detalhes, o papel desempenhado pelos jornais em regimes autoritários pode assumir a forma de difusor de propagandas políticas favoráveis ao regime, ou mesmo de sutis resistências, ou até projetos alternativos podem surgir. Ainda na questão da pesquisa com fontes impressas, merece nossa atenção a obra de Capelato (1994), que afirma haver nos jornais um manancial dos mais férteis para a pesquisa histórica. A imprensa traz a possibilidade do acompanhamento das trajetórias dos homens diante das temporalidades. Os jornais que em outros períodos, eram considerados fontes suspeitas e pouco valiosas, hoje são valorizadas pela variedade de

⁶ Vide Anexo XII.

⁷ Vide Anexo XV.

informações para o estudo de uma época. A imprensa trava uma permanente luta pelas emoções e consciências, registrando, participando, comentando e buscando “fazer a história sob seu ponto de vista”.

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Partindo desse pressuposto, o historiador procura estudá-lo, como agente da história e captar o movimento vivo das idéias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais. A categoria abstrata imprensa se desmistifica, quando se fazem emergir a figura de seus produtores como sujeitos históricos dotados de consciência determinada na prática social. (CAPELATO, 1994, p.21)

Para finalizarmos, façamos uma breve exposição do que pretendemos analisar em cada capítulo, no início de cada um deles, faremos uma exposição mais detalhada de cada ponto, como forma de introdução aos mesmos.

No primeiro capítulo, **A construção de um panorama histórico do trotiskismo**, buscamos fazer um levantamento dos aspectos que originaram esse conceito a partir de Leon Trotsky e sua vida, passamos a perceber como se desenvolveu esse movimento na Revolução Russa de 1917, as diferenças programáticas e políticas com os stalinistas e o desenrolar na fundação da Quarta Internacional e suas perspectivas internacionais e na América Latina, onde os trotiskistas são conhecidos como “*Los troskos*”. Procuramos, aqui, ter uma compreensão mais abrangente para perceber as dimensões conceituais e políticas dos trotiskistas, bem como sua história.

No segundo capítulo, **Silenciados ou esquecidos: onde estão os trotiskistas na História?**, iniciamos com a trajetória dos grupos trotiskistas no Brasil, fazendo um apanhado de suas origens até chegarmos aos grupos que pesquisamos durante o Regime Militar, procuramos perceber e analisar a sua elaboração política sobre a ditadura, suas formas de luta contra ela, sua atuação no movimento estudantil e as prisões que sofreram.

No terceiro capítulo, **As formas organizativas e o programa político**, procuramos analisar e compreender como se organizavam os grupos trotiskistas de Fortaleza em suas perspectivas internas e as tarefas políticas que estavam colocadas para os militantes, em conjunto perceber seu programa, suas táticas e estratégias para

chegar aos seus objetivos, bem como se isso se articulava ou não com sua prática nas lutas cotidianas.

Uma última explicação deve ser feita. Nos anexos estão documentos fotografados como jornais⁸, fotografias de ex-militantes e dirigentes internacionais, além, de documentos importantes como os encontrados na Universidade Federal do Ceará⁹ e na Biblioteca Menezes Pimentel. Isso foi necessário pelo fato dos locais de conservação dos documentos serem inadequado, inclusive seu manuseio. Pensamos no caso de que outros pesquisadores se interessem pela pesquisa do trotiskismo, podendo ter seu acesso a essas fontes por meio de nosso trabalho dissertativo. Outra preocupação diz respeito a se por acaso houver algum acidente com essa documentação e ela passe a se perder, ou ser danificada, ou mesmo destruída. Teremos sua preservação aqui em nossa pesquisa. Assim, contribuímos para sua conservação e preservação. Fato importante, em meio a tanto descaso com as fontes históricas por parte do poder público.

⁸ Vide Anexos XVIII e XIX.

⁹ Os documentos são da LCI (Liga Comunista Internacional) do ano de 1935 e do PSR (Partido Socialista Revolucionário) do ano de 1945. Portanto, são documentos raros que precisam ser preservados. Vide Anexos XXII (LCI) e XXIII (PSR). Eles estão micro-filmados e se encontram no NUDOC - UFC.

CAPÍTULO PRIMEIRO



A construção de um panorama sobre o trotiskismo

Durante cerca de 30 anos as poderosas máquinas de propaganda do stalinismo trabalharam furiosamente com objetivo de arrancar seu nome (**TROTSKY**)¹⁰ dos anais da revolução, ou deixá-lo ali apenas como sinônimo de arquitetador. Para a atual geração soviética, e não apenas para ela, a história da vida de Trotsky é quase como uma antiga sepultura egípcia, onde sabemos que havia o corpo de um grande homem e a relação, gravada em ouro, de seus feitos. Mas ladrões de túmulos e vampiros saquearam-na e a deixaram tão vazia e desolada que não se encontra mais nenhum traço dos registros que conteve. No caso que tratamos, o trabalho dos violadores de túmulo foi tão persistente que afetou fortemente até mesmo o ponto de vista dos historiadores e estudiosos ocidentais independentes¹¹. (DEUSTCHER, 1968, p.2).

Devemos enfatizar que o poder das ideologias burguesas e stalinistas era indubitavelmente superior, não só pelo seu esmagador poder material e por seu equivalente arsenal político-cultural à disposição das classes dominantes e da casta burocrática soviética, mas também porque esse poder ideológico só pode prevalecer e se consolidar pela predominância das mistificações elaboradas pelos mesmos. Assim, os receptores sociais podem ser induzidos a endossar, silenciar e obscurecer valores, diretrizes políticas que eram opostas aos seus interesses viscerais.

O trotiskismo, sendo inimigo da burguesia e adversário do stalinismo, passa a ser atacado nos dois *fronts*, formando uma ideologia estabelecida e organizada na dinâmica social e política. Tais ataques criam visões deturpadas do movimento trotiskista se levarmos em consideração o desequilíbrio indiscutível no poder material, político e cultural nas mãos dos grupos dirigentes. Uma história que se coloca como dominante não pode ir contra a ideologia dominante (DOSSE, 1992). Deste modo, por questionar e agir contra essa história dominante, o estudo do trotiskismo por longos anos foi alvo de ataques e desqualificações por parte de seus inimigos e adversários. No entanto, conforme assinala Deustcher (1968, p.30), “somente as idéias claras, ousadas e expostas de forma explícita podem entusiasmar as inteligências e os corações jovens”.

Entendemos que o estudo do trotiskismo só pode ser compreendido se levarmos em consideração a tarefa de conhecer seu movimento numa amplitude maior, internacional, para que saia de seu terreno específico num dado momento e retorne a

¹⁰ Acréscimo e grifo nosso.

¹¹ Vide Anexo XXV (Que trata das falsificações stalinistas).

ele. Dentro dessa perspectiva, precisaremos conhecer um pouco sobre quem foi Leon Trotsky, quais suas contribuições teóricas e políticas e como estas se desenrolaram ao longo da história; como se desenvolveu a Revolução Russa, matriz conceitual e experimental da primeira tomada de poder de um país, exercida pela classe trabalhadora e que inspirou e inspira gerações e mais gerações de trotiskistas. No decorrer desse processo de revolução surgiu o termo “trotiskismo”, que desencadeou a luta pelo melhor projeto de estratégia da construção do socialismo. De um lado Stalin, reivindicando e impondo pelos métodos mais nefastos sua teoria do socialismo em um só país, do outro, o “Profeta Desarmado”, segundo Deustcher (1968), com a teoria e estratégia da “revolução permanente”. Diante de tais lutas, as experiências históricas de derrotas em várias revoluções sob a direção de Stalin e da Terceira Internacional iriam mostrar como o stalinismo conseguiu organizar as derrotas que sepultariam por longos anos os processos revolucionários. A última grande capitulação foi quando Stalin resolveu assinar um tratado com Hitler. Antes desse momento, Trotsky já assinalava a capitulação e a Terceira Internacional não tinha mais a possibilidade de estar a serviço da classe trabalhadora. Na visão de Trotsky e de alguns trotiskistas, diante da impossibilidade e das experiências de derrotas, foi fundada a Quarta Internacional.

O professor da Universidade Estadual de Campinas, Álvaro Bianchi, em um levantamento bibliográfico de Trotsky e das publicações trotiskistas, constatou com consternação que, contrariando o crescimento do número de organizações trotiskistas nos anos de 1990¹², em países como Brasil e Portugal, as publicações sobre o trotiskismo tinham sido acompanhadas por um declínio, concluindo que a história editorial de Trotsky no Brasil sempre foi acidentada.

¹² Os anos noventa do século XX foram anos de muita dificuldade para o marxismo. Diversos autores se comprometeram com a ideologia capitalista e decretaram que a queda dos regimes stalinistas do Leste Europeu e da URSS era na verdade a queda do próprio marxismo e o fim da história para a luta pelo socialismo (Francis Fukuyama, Milton Friedman). Assim, muitos partidos revolucionários e militantes de diversos movimentos sociais perderiam seus referenciais teóricos. Em um tempo curto, muitas obras de referenciais marxistas passaram a cair em descrédito.

1.1) Leon Trotsky e o trotiskismo

Na construção de biografias não podemos incorrer em uma descrição linear, na qual os sujeitos aparecem como seres personificados de uma perfeição quase a beirar o “Olimpo”. Bourdieu (1986) afirma que a história de vida passou a ser uma dessas noções que se incorporaram ao senso comum e contradizem o universo científico, passando a descrever a vida como uma estrada, uma carreira, um caminho sem sinuosidades. Em suma, um percurso linear, unidirecional, como se os sujeitos históricos não fossem seres humanos. Não é nosso objetivo, ao esboçar biograficamente a vida de Trotsky, seguir esse percurso. Aglutinando informações dos mais diversos biógrafos, tentamos uma descrição que traga informações importantes para compor o campo analítico da pesquisa, que se articule com indagações dos depoentes e se oponha ao senso comum estabelecido pela história tradicional. Não há em nossa pesquisa a intenção de elaborar uma “ilusão biográfica”, onde a vida passa a ser um todo, conjuntamente coerente e orientado, como uma expressão unitária.

A importância do estudo de Trotsky e de suas idéias é uma realidade que se desenvolve na medida em que acompanhamos suas análises políticas e sua contribuição para a história do século XXI, se levarmos em consideração os mais diversos grupos trotiskistas no mundo. O marxismo de Trotsky é marcado por uma negação das concepções mecanicistas que procuravam apontar o desenrolar da revolução por meio de aspectos econômicos apenas. De tal modo:

Dentre todos os socialistas que se destacaram no século XX, foi Trotsky quem identificou com maior clareza as principais tendências de seu desenvolvimento e as principais contradições de sua época. Foi também Trotsky quem formulou de maneira mais clara, uma estratégia emancipatória dos trabalhadores. Sua contribuição para a história deste século foi predominantemente política e não, como alguns têm dito puramente sociológicos, e teve um caráter eminentemente prático - teórico. Trotsky desenvolveu um conceito, ou modelo dos diferentes processos da luta de classes numa escala global e tirou conclusões práticas, táticas, organizacionais e estratégicas. (MANDEL, 1995, p.21).

O verdadeiro nome do revolucionário russo era Lev Davidovich Bronstein¹³. Segundo Garza (1990), a mudança de nome aconteceu durante sua fuga de Verkholsk, local de uma prisão para militantes que lutavam contra o czarismo. Em sua primeira parada na longa jornada de fuga que enfrentava no inverno siberiano, com dezenas de quilômetros sendo cruzados a uma temperatura de 55 graus negativos, sob neve, florestas escuras, pequenos rios que congelavam, representando um arsenal de armadilhas, principalmente para aqueles que não conheciam a região, depois de conseguir um passaporte falso que surge o nome com o qual ele passaria a ser conhecido e assim:

[...] escreveu o primeiro nome que lhe veio à cabeça: Leon Trotsky. Era um sobrenome comum na Rússia, derivado da palavra alemã “trotz”, que significa coragem, confiança, atrevimento, insolência, obstinação. No futuro, o grande líder revolucionário ouviria essas expressões associadas ao seu nome, em alguns casos como elogio, em outros como insulto. (GARZA, 1990, p.9).

Lev Davidovich Bronstein nasceu no dia 26 de outubro de 1879, em Yanovka, pequena cidade no Sul da Ucrânia, mais conhecida como cinturão do trigo. Podemos destacar que Lev Bronstein era filho de judeus e que estes sofriam duras perseguições do regime czarista. Seu pai chamava-se David Leontievich Bronstein e sua mãe era Ana Bronstein. (TROTSKY, 1978).

A Ucrânia era uma região destacada pelo czarismo para acolher os judeus, onde eles podiam se dedicar ao trabalho nos campos agrícolas. Foi durante um momento de breve apaziguamento na perseguição dos judeus que os Bronstein se mudaram para Yanovka.

Por meio de um esforço econômico e vivendo uma vida simples, eles conseguiram acumular uma soma pequena de capital e, antes do nascimento do Lev Bronstein, compraram alguns hectares de terra e arrendaram outros. Morando em um casebre de barro e coberto de palha, com cinco diminutos cômodos, os Bronstein passaram ao trabalho cotidiano. Os resultados dos lucros do trabalho, fizeram com que David Bronstein fosse o fazendeiro de Yanovka, que empregava o maior número de camponeses e se tornasse, também dono de um moinho de trigo. Toda essa atmosfera de

¹³ A partir desse momento, passaremos a grafar Lev Bronstein, até que diante da narrativa biográfica explicitemos o momento da escolha de Lev Bronstein pelo pseudônimo Leon Trotsky.

trabalho absorvia os Bronstein e sua atenção para com os filhos era escassa. Ao que se apresenta, Lev Bronstein (Trotsky) teve uma infância solitária, apesar das brincadeiras com seus irmãos. Essa vivência na fazenda talvez o tenha levado a aprender a conviver com a solidão, habituando-se aos períodos mais extensos de reflexão. Após uma infância solitária, vivendo nos campos e na fazenda de seus pais, Lev Bronstein passou receber informações sobre a cidade. Um sobrinho de sua mãe, conhecido como Monya, vem para Yanovka e passa a ensinar ao primo boas maneiras, aritmética, geometria, gramática e a língua russa. Monya despertará em Lev Bronstein uma atmosfera de paixão por movimentos políticos, sonhos de democracia e liberdade. (TROTSKY, 1978).

Lev Bronstein é convidado por Monya para ser seu hóspede na cidade de Odessa, local onde vivia com Fanny, uma jovem culta com quem era casado. Com nove anos de idade, Lev Bronstein passa a ter uma afeição pela aprendizagem e uma forte disposição para os estudos. De acordo com Deustcher (1968, p.23), “o adolescente começou a ler Leon Tolstói com tantas dificuldades para compreender, que frequentemente se exasperava”. E também, “sentia-se quase humilhado ao ouvir referências a livros e autores que desconhecia”. Segundo esse autor:

A vida em Odessa limitava-se a escola e a casa, praticamente sem divertimentos. Não acompanhava os colegas nos esportes, passeios, pescarias, não chegou a ter nenhum amigo íntimo. Logo assimilou a idéia de que a cidade era o local de trabalho - onde se exigia estudo, disciplina e método – e o lazer ficava para as temporadas em Yanovka. O adolescente simplesmente não compreendia como é que se podia divertir ou praticar esportes numa cidade. (DEUSTCHER, 1973, p.27).

De tal forma, que Lev Bronstein, aos 17 anos, era um jovem talentoso, bastante intelectualizado, que manifestava interesse por dois campos aparentemente contraditórios: o estudo literário com a perspectiva de escrever peças de teatro, tendo iniciado alguns escritos e a matemática pura, através das quais desejava entrar para a Universidade.

No ano de 1896, Lev Bronstein precisa continuar seus estudos em Nikolaiev. Nessa cidade, Lev Bronstein irá ter experiências que mudariam sua vida e passaria a iniciar seu contato com o marxismo. Foi nessa mesma cidade que Lev conheceu sua

primeira esposa, a jovem Alexandra Sokolovskaia, quando tinha 17 anos apenas. (DEUSTCHER, 1968).

Morando em quarto alugado de uma pensão, ele tem os primeiros contatos com os debates políticos e com as mais variadas vertentes do socialismo na Rússia. A convite de um de seus colegas da escola vai à sua primeira reunião em um pomar, que tinha como arrendatário um homem de vinte e oito anos, de nacionalidade tcheca e que se chamava Franz Chigovsky. Ele era um homem culto, inteligente e que chamou a atenção do jovem Lev Bronstein. Os membros desse grupo se reuniam no pomar e se denominavam jardineiros. Lev achava que era este o momento de partir para a ação e fundou um sindicato, surgindo, assim, a União dos Trabalhadores do Sul da Rússia, não chegando a ter mais de duzentos membros. Após algumas ações acabou sendo preso e passou por muitas prisões e deportações. (DEUSTCHER, 1968).

Foi ainda no presídio de Moscou que Lev se casou com a jovem Alexandra Sokolovskaia,¹⁴ no ano de 1900. Mais tarde, depois da Revolução Russa de 1917, Alexandra sofreria com as perseguições de Stalin aos trotiskistas. Lev passou quatro anos e meio na prisão, quando foi chamado a fazer parte do Iskra, juntamente com Lênin. Nesse mesmo período já havia escolhido o nome que o marcaria para a história, Trotsky¹⁵.

Daí em diante, passou a colaborar com os revolucionários em torno do jornal Iskra, ou a Centelha. Diante do Iskra irão se abrir os primeiros passos para a divisão entre os bolcheviques, os partidários de Lênin (bolchevique era uma palavra derivada de *bolchevivikè*, que em russo é comparativo de grande) e Martov, a oposição dos mencheviques (que quer dizer pequeno em russo). O centro do debate girava em torno da questão de quem era militante do partido. Martov defendia que aqueles que simpatizassem com o programa e o partido seriam militantes; já Lênin achava insuficientes essas condições, estabelecendo que seriam militantes aqueles que se reunissem em seus organismos seguindo as deliberações centralizadamente e financiassem seu partido. Todo esse debate ocorria no Partido Operário Social Democrata da Rússia. Segundo Garza (1986), Trotsky posicionou-se inicialmente com

¹⁴ A segunda esposa de Trotsky foi Natália Sedova, com quem ele teve mais dois filhos.

¹⁵ Daqui em diante, em vez de Lev, usaremos seu nome de guerra: Trotsky.

uma postura de independência política em relação a ambos, mas ressalta sua atenção para os perigos de uma organização do tipo bolchevique no período.

Trotsky concordava com Lênin quanto à necessidade de uma única autoridade centralizadora, mas colocou-se ao lado de Martov por acreditar na importância de abrir o partido a todos os que se comprometessem a defender seu programa. Nesse congresso (**II Congresso do POSDR**),¹⁶ consagrou-se como orador brilhante e debatedor agressivo e irônico de Leon Trotsky: “Os métodos de Lênin, disse ele aos congressistas, nos levarão à seguinte situação: a direção do partido acabará por substituir o partido como um todo; depois, o comitê central substituirá a direção e, por fim, um único ditador acabará assumindo o lugar do Comitê Central”. (GARZA, 1986, p.33).

Trotsky tentava encontrar formas para a unidade dos dois grupos, sem perceber que as diferenças organizativas estavam postas diante da constituição de uma organização partidária que efetivamente pudesse tomar o poder em meio à repressão e à luta contra todo um estado autoritário e repressivo. Ele mesmo faz seu balanço, dando razão a Lênin e destacando que a tendência à unidade era forte, inclusive nos bolcheviques. Em suas palavras:

Também entre os próprios bolcheviques a tendência a unidade era muito forte, e eu esperava que isso impelisse Lenine a tomar parte na Conferência. Lenine, porém, se opôs com todas as suas forças a conciliação. **Os fatos lhe deram razão**¹⁷. A conferência reuniu-se em Viena em agosto de 1912, sem os bolcheviques, e eu me encontrei formalmente num “bloco” com os mencheviques e com grupos isolados de bolcheviques dissidentes. O bloco não tinha nenhuma base política, pois em todas as questões de princípio eu me afastava dos mencheviques. No dia seguinte ao da conferência retomei a luta contra eles. Todos os dias surgiam conflitos entre as duas tendências diametralmente opostas: a dos social-revolucionários e a democrático reformista. (TROTSKY, 1978, p.194).

Diante dos acontecimentos políticos e protestos populares contra a política czarista, Leon Trotsky sai do exílio e volta clandestinamente para a Rússia. Passou a atuar na clandestinidade, tendo uma forte influência no processo revolucionário de 1905. Diante das greves surgem os *soviets*. Deustcher (1968) assinala que, com o desenvolvimento da greve (1905), nasceu uma instituição criada na essência da Revolução Russa: o primeiro conselho, ou *soviet*, dos representantes dos trabalhadores. O *soviet* não foi uma invenção bolchevique. Foi dentro do *soviet* de Petrogrado que surge a liderança de Trotsky. Sobre esses acontecimentos, Trotsky destaca:

¹⁶ Grifo nosso para ressaltar o congresso.

¹⁷ Grifo nosso para destacar a referência a Lênin. Segundo Deustcher (1968), o mesmo Lênin afirmou: “depois da adesão de Trotsky ao bolchevismo, não houve melhor bolchevique que ele”.

Os acontecimentos de 1905 constituíam um vigoroso prólogo do drama revolucionário de 1917. Durante alguns anos, enquanto triunfava a reação, o ano de 1905 nos aparecia como um todo: a revolução russa. Atualmente perdeu esse carácter independente, sem deixar de manter integralmente seu próprio significado histórico. A revolução de 1905 surgiu ditretamente da guerra russo - japonesa, assim como a revolução de 1917 foi a consequência direta do grande massacre imperialista. Dessa maneira, tanto nas origens quanto no desenvolvimento, o prólogo continha todos esses elementos do drama histórico de que hoje somos testemunhas.

A luta de Trotsky no *soviet* de Petrogrado durou 52 dias. Em 1917, Trotsky era novamente o presidente do *soviet* de Petsburgo. No dia 3 de dezembro de 1905, o revolucionário russo foi preso, juntamente com outros companheiros e passou um tempo na prisão, onde elaborou o livro conhecido como *Balanços e perspectivas*. É nessa obra, em seu último capítulo, que ele dá uma explicação básica da teoria da “revolução permanente”. Acerca dos acontecimentos de 1905, Trotsky (1978, p.163) ressalta:

As minhas bases teóricas, o meu método político, encontravam pela primeira vez, aplicação prática na batalha. Diante dos acontecimentos, eu me sentia seguro. Compreendia-lhes o mecanismo pelo menos assim, me parecia, imaginava como teriam que repercutir na consciência dos trabalhadores e previa nas suas linhas mestras, o que podia trazer o dia seguinte. De fevereiro a outubro participei dos acontecimentos apenas como escritor. Em outubro, atirei-me no vórtice titânico e essa foi a prova maior.

Os anos de 1907 até 1914 foram calmos em relação aos turbulentos anos de 1905-06, passando Trotsky a exercer uma atividade política bem inferior ao seu cotidiano, vivendo durante todos esses anos em Viena com sua segunda esposa Natália Sedova e os dois filhos, Liova e Serguei, nascidos dessa relação. Foram dez anos de exílio até os acontecimentos de 1917. (TROTSKY, 1978).

Foi durante os acontecimentos de 1917 que Trotsky passa a atuar dentro da Rússia novamente no *soviet* de Petrogrado. O país, em 1917, estava esgotado e, com ele, o Czarismo. Na Primeira Guerra, as tropas russas lutavam contra as tropas alemãs e contra a falta de mantimentos, armamentos e equipamentos. As derrotas eram constantes, com espaços rurais arrasados e em revolta. Subiam constantemente os preços dos alimentos e bens de consumo, pois, à medida que aumentavam seus valores, também passaram a sumir dos mercados. Havia um País com fome, cansado e em guerra, sem as condições básicas de vida. Com a derrubada do Czar Nicolau II, em fevereiro de 1917, se colocava na ordem do dia: que tipo de governo? Como governar?

Que tipo de regime? Com quem governar e para quem? As respostas estavam entre os dois grupos políticos: os bolcheviques e os mencheviques. (TROTSKY, 1973).

Diante dos dois programas, Trotsky se colocou decisivamente do lado dos bolcheviques. Já deixara de lado suas velhas polêmicas com Lênin, de acusá-lo de criar uma “ditadura dentro do partido”, e se colocava na defesa do projeto bolchevique, de que somente um partido coeso, organizado e disciplinado poderia promover a insurreição e se impor no governo. Tal atitude mostrava que as antigas polêmicas com Lênin sobre a questão organizativa do partido tinham convergido para as interpretações teóricas de Lênin: Trotsky agora era um bolchevique-leninista convicto. Suas dúvidas quanto à forma organizativa passaram a não ter mais eco político e ele se colocou para o cumprimento das mais diversas tarefas políticas e organizativas dentro do Partido Bolchevique.

No dia 20 de agosto de 1940, Trotsky é assassinado por Ramon Mercader, nome do verdadeiro assassino, que era um agente da polícia secreta stalinista (GPU) antecessora da KGB. O crime foi planejado durante um longo período, estimado que durante alguns anos. Mercader viajou para a Rússia em 1937, permanecendo lá por seis meses. Depois foi para o México, único país a conceder asilo político a Trotsky. Ele conseguiu se aproximar de Trotsky por meio de sua secretária, Sílvia Ageloff, apresentando-se como um simpatizante de suas idéias. No dia do referido assassinato, com o pretexto de que Trotsky examinasse um texto escrito por Mercader, desferiu-lhe um golpe mortal. Ressalte-se que, após sair da prisão, Mercader foi para a Rússia e foi condecorado com a medalha de Herói da União Soviética, em 1961.

O assassinato de Trotsky expressa uma política consciente do Stalinismo para eliminar qualquer laço de continuidade entre os experientes militantes da Revolução Russa de 1917 e as gerações novas. Leon Trotsky não tinha sido apenas o organizador do Exército Vermelho e um dos principais dirigentes da revolução. Foi ele quem primeiro identificou os perigos da crescente burocratização do partido e do Estado Operário soviético que colocavam em constante risco as conquistas da Revolução de Outubro, pois, após a morte de Lênin, ele dedicou sua vida na luta prática e teórica pela libertação do movimento Operário Internacional da dominação burocrática do Stalinismo. Apesar de Stalin dirigir um aparato nunca visto antes na história (A Terceira

Internacional), ele sabia o que poderia significar a presença de Trotsky em outros ascensos revolucionários. (MANDEL, 1995).

Leon Trotsky lutou dentro do *soviet* de Petrogrado, um dos mais importantes da Rússia, sendo sua principal liderança. Daí em diante, Trotsky passou a ser um dos principais dirigentes da Revolução Russa de 1917, participando de forma direta da tomada do poder pelos trabalhadores, destacando-se como liderança, também merecendo destaque na organização do Exército Vermelho¹⁸, durante o período de Guerra Civil, diante da invasão de 14 países capitalistas que queriam derrotar o governo que buscava construir o socialismo. Até 1927, foi membro do Comitê Central e do Birô Político do governo dos bolcheviques. Mereceu atenção também por ser um teórico original do marxismo ao esboçar as linhas mestras de suas teses sobre a “revolução permanente”¹⁹, desde 1905, além de líder da oposição a Stalin, foi o fundador da Quarta Internacional.

O esboço biográfico atende a nossa intenção de se conhecer mais sobre a vida de Trotsky. Ao longo dos outros pontos, poderemos identificar e explicar o desenvolvimento de suas idéias, pois, de acordo com Mandel (1995, p.234),

Após setenta anos de mentiras e difamações, e cinquenta de silêncio, podemos dizer: O moinho da História gira bem lentamente, mas gira, e gira. À luz dos acontecimentos atuais na Rússia e no mundo, não temos a menor dúvida de que a história fará justiça a Trotsky.

¹⁸ No que toca a isso, preferimos realçar seu papel de organizador do Exército Vermelho diante do panorama da Revolução Russa e do trotiskismo. O exército russo estava completamente arrasado diante da luta na Primeira Guerra Mundial, coube a Trotsky recrutar e reorganizar o Exército Vermelho, além de recompor a moral do mesmo. (Deustcher, 1968).

¹⁹ Sobre a Revolução Permanente, iremos abordar mais adiante, quando tratarmos das divergências entre o stalinismo e o trotiskismo.

1.2) O trotiskismo e a Revolução Russa de 1917

O trotiskismo surge das lutas contra o processo de burocratização pelas quais passou o Partido Comunista, mas, segundo Marie (1990, p.12): “O trotiskismo nasceu da Revolução de 1905”. Nossa discordância dessa afirmação ocorre por alguns pontos que questionamos: 1. O que surge em 1905 são as suas bases teóricas, como a teoria da “revolução permanente” e não as bases políticas para testar suas teorias, como por exemplo: a afirmação de um levante revolucionário contra o czarismo. 2. Os argumentos desse autor são de que, na cisão de Trotsky, em 1903, com os bolcheviques, já se antevia um processo de críticas ao modelo organizacional bolchevique e que haviam espaços estritos que mostram a posição política de Trotsky, além das facções mencheviques e bolcheviques. Ali apenas se apresenta uma independência política frente a ambas, nada há de organizacional entre os trotiskistas, aliás sequer podemos falar de trotiskismo.

Entendemos que o que ocorre nesse momento são as elaborações teóricas de Trotsky. Não existe no período um corpo organizado, politicamente atuante para se falar em trotiskismo. Conforme o autor citado, Trotsky recusa-se a constituir o seu próprio grupo político. Ora, será que isso marcaria o surgimento do trotiskismo apenas pela questão teórica, sem uma organização política e muito menos sem um programa claro e atuação concreta? Entendemos que não. Marie (1990) afirma que somente se pode analisar o trotiskismo durante os quatorze anos pelos elementos teóricos elaborados por Trotsky e por suas ações. Aqui se encontra o equívoco: não há trotiskismo, há elaborações teóricas de Trotsky que foram apropriadas para estudos e análises da realidade.

Se examinássemos dessa forma poderíamos apontar a existência do trotiskismo, até mesmo em momentos anteriores. Bastaria, para isso, observar os escritos de Trotsky anteriores a 1905 e ver quais contribuições ele deixou aos trotiskistas. Outro problema se refere à independência política de Trotsky em relação aos mencheviques e aos bolcheviques. Isso em nada caracteriza o trotiskismo que não se postulou durante o período, sequer existindo como setor de elaboração política e ação. Aliás, essas

divergências, a independência política de Trotsky nesse período foi muito bem utilizada por stalinistas dos mais diversos matizes para destacar que Trotsky não era um leninista. Marie (1990) percebe a independência, mas antecipa em muitos anos o surgimento do trotiskismo. Trotsky durante essa independência política, busca a unidade do partido acima de tudo, não percebendo naquele momento que a forma organizativa que mais teria possibilidades para a tomada do poder era a bolchevique. Nesse sentido, somente a história concreta, a luta e a revolução mostraram em 1917, que os bolcheviques e Lênin tinham razão nesse aspecto, e que os mencheviques, com sua forma organizativa, tinham aspectos de capitulação ao regime parlamentar e a deficiência em concretizar as tarefas revolucionárias, como a destruição do parlamento (Duma) e o controle sob o governo dos *soviets* e as plataformas das “Teses de Abril” elaboradas por Lênin.

Para uma melhor compreensão do trotiskismo, façamos uma análise histórica da Revolução Russa de 1917 e a sua relação com essa tendência política, para que possamos delimitar os marcos de seu surgimento, não apontando 1905 como sua origem. Apesar de Marie (1990) contribuir para a identificação de seus aspectos teóricos, que foram apropriados posteriormente pelos trotiskistas. Dentro dessa análise histórica, poderemos esclarecer ao leitor os marcos de surgimento do trotiskismo, bem como suas contribuições teóricas, esboçadas por Trotsky e apropriadas pelos trotiskistas.

A Revolução Russa de 1917 tem duas histórias entrelaçadas, seu impacto sobre a Rússia e sobre o mundo e, do mesmo modo que a Revolução Francesa, ela continuará a dividir as opiniões. Se atentarmos para o fato de que na Revolução Russa os trabalhadores pela primeira vez conseguem tomar o poder em um país, já teremos as dimensões de seu impacto no mundo e seus desdobramentos se refletiram mundialmente mesmo após a revolução. Ela faz parte de um conjunto de fatos que constantemente são lembrados e rememorados por terem causado uma reviravolta no cotidiano desta ou daquela sociedade, alterando a ordem universal. Isso nos leva a indagar sempre sobre a necessidade de repensar as memórias históricas. (COGGIOLA, 2005).

A Rússia pré-revolucionária contava com uma população de mais ou menos 150 milhões de habitantes, repleta de contradições sociais como a autocracia do antigo regime Czarista, composto e apoiado socialmente pela classe dos grandes proprietários,

do clero e dos oficiais do exército que detinham os títulos de terras. Havia toda uma organização social e produtiva que buscava manter as relações servis. Para se ter uma noção, nem mesmo um estatuto de emancipação, de 1861, era cumprido para os camponeses, que era a maioria esmagadora da população. Por esse estatuto, 40% das terras eram mantidas com a nobreza russa (boiardos), enquanto 80% da população camponesa (mujiques) permaneciam em péssimas condições de vida.

Trotsky desenvolve sobre esse aspecto toda uma teoria (Desenvolvimento desigual e combinado), que demonstra as contradições de uma Rússia semi-feudal e com uma tardia industrialização, com forte dependência dos capitais estrangeiros, diante de uma fraca burguesia nacional e poucos investimentos no campo, com a força de uma autocracia, em que os recursos estavam destinados em sua maioria para o setor militar. Assim, ele denuncia que o Estado Czarista retardava o desenvolvimento das classes sociais e procurava avançar em sua conformação tradicional com uma industrialização estrangeira, agravando a servidão ainda mais pelo destino dado aos recursos na indústria bélica. Com a abolição da servidão em 1861, desloca-se toda uma mão-de-obra para a construção de ferrovias e portos para realizar a criação de uma infra-estrutura que atendesse aos capitais estrangeiros. Nesse sentido, vemos uma Rússia em parte dominada pelo atraso no setor agrário e repleta de uma estrutura industrial sob o patrocínio estrangeiro. (TROTSKY, 1978).

A indústria na Rússia, segundo Trotsky, não se desenvolveu, passando pelos mesmos estágios da Europa: do pequeno artesanato à manufatura. Essa análise que Trotsky elaborou vigora sob o nome de lei do Desenvolvimento desigual e combinado, que se manifestava no terreno econômico de uma Rússia agrária servil, com um clero retrógrado em relação aos anseios da classe trabalhadora, a autocracia czarista e sua nobreza parasitária com seu corpo administrativo, em contradição com uma indústria nascente dos capitais estrangeiros e com uma burguesia nacional débil nos seus desejos políticos de tomada do poder e independência em relação aos capitais estrangeiros, mas com um proletariado novo e numeroso que surgia na Rússia. Assim, Trotsky demonstra que a “corrente do capitalismo rompeu no seu elo mais fraco”, a Rússia Czarista e em processo de industrialização dependente dos capitais estrangeiros. (TROTSKY, 2007, p.37).

O processo de industrialização implementado pelo Czar Pedro “O grande” (1682-1725), agonizou os contrastes agricultura-industrialização e do espaço no campo e na cidade. A uma invasão dos capitais estrangeiros: franceses, ingleses, belgas e alemães após seu governo. Devido aos interesses dos Czares, na ostentação de uma corte e dos dispêndios em investimentos na ampliação da grandeza imperial, a burguesia russa passa a ter um descontentamento com a política implementada pelo czarismo. Esse setor de classe, na verdade, é um setor débil se considerarmos os fortes investimentos dos capitais estrangeiros. Deste modo, Trotsky procurava demonstrar que a Rússia era fortemente marcada por relações sociais herdadas do passado, mas já tinha um pé na civilização capitalista, da qual se conectava com o mercado mundial. Em Petrogrado e Moscou uma moderna e concentrada classe operária encontrava seu lugar. Se o campo prendia a Rússia a seu passado asiático, as cidades a colocavam em direção ao futuro. Foi desse caráter combinado do desenvolvimento capitalista que surgiria a Revolução social de 1917. (COGGIOLA, 2005).

Mesmo com esse processo de contrastes no binômio agricultura-industrialização, Trotsky não apresentou em sua teoria apenas esse aspecto. Demonstrou como se desenvolveu nas classes sociais esse processo dialético. De tal forma que a classe operária, assumindo as funções produtivas da pequena-burguesia, atribui-se em papel político de igualdade ao papel político que a burguesia poderia ter possuído e as pretensões históricas de direção das massas camponesa no processo revolucionário. De tal maneira que, para ele, a questão fundamental do processo revolucionário é a interferência direta das massas no processo histórico. Afirmou que as crises econômicas e a existência de condições de privação, não são condições suficientes para promover um processo de insurreição. (COGGIOLA, 2005).

Diante disso, se coloca a questão de que, mesmo sendo o campesinato numeroso e maior quantitativamente, foi o proletariado que cumpriu o papel de direção revolucionária. Entretanto, o proletariado não teria tomado o poder sem o apoio das massas populares e camponesas. Diante desse quadro, uma das afirmações para esse protagonismo do proletariado seria a sua rápida formação, pois o proletariado russo, não teria passado pela fase de produção corporativa, não se defrontando com uma fase pequeno-burguesa pela qual passou o proletariado ocidental. A pouca expressividade numérica da burguesia nacional também auxiliou na força desse proletariado.

Leon Trotsky esclarece ainda os motivos de não ser o campesinato a classe dirigente do processo revolucionário. Para o autor, nessa classe social na Rússia se manifestam alguns problemas. A primeira era a de que a situação agrária era uma questão de revolução da qual havia dúvidas se esses setores iriam conduzir a uma, devido a sua disseminação nos vastos territórios, ausência de uma união política, as revoltas organizadas por esses setores eram parciais, nos vilarejos, havia toda uma heterogeneidade no campesinato. Ele assumiria um papel intermediário entre a burguesia que não conseguia conquistar para sua luta política nem o campesinato, nem o proletariado. A burguesia estava explorando o proletariado e não aceitando as reformas no campo, procurando manter seus privilégios e vantagens junto ao Czarismo. (TROTSKY, 1978).

Trotsky destaca que o potencial revolucionário do campesinato sempre recebeu canalização através de outra classe. Como exemplo, Trotsky cita o papel político do campesinato nas revoluções burguesas que ocorreram na Inglaterra e na França, nas quais emprestou suas forças à burguesia. Com a Revolução Russa, Trotsky chega à conclusão de que, pela primeira vez na história, o campesinato passava a emprestar suas forças, dentro de um processo revolucionário, a outra classe que não era a burguesia, mas ao proletariado. Isso seria um fator de diferenciação da Revolução Russa a todas as outras, inclusive com alguns camponeses se proletarizando. Outro setor de classe analisado por Trotsky foi a classe média, a “intelligentsia”, que era pouco numerosa, sem independência política e que se apoiava no parasitismo estatal.

Para Trotsky, a questão agrária era a chave para desvendar o enigma da Revolução. A situação no campo persistia mesmo após o nascimento da indústria, não fazendo a burguesia nenhum esforço no sentido da libertação dos camponeses, demonstrando que não seria a burguesia que aboliria os restos feudais, mas o proletariado. Ele chega à conclusão de que se a burguesia tivesse resolvido o problema no campo, dificilmente o proletariado tomaria o poder, percebendo que uma guerra no campo seria o auge do desenvolvimento burguês, caso ela tivesse assumido a tarefa e que uma insurreição proletária significaria o declínio da sociedade burguesa. Assim se desenvolveria de maneira desigual e combinada: a Revolução Russa seria proletária por seus métodos e ao mesmo tempo burguesa pelas tarefas diretas e imediatas que ela não

se colocava a resolver. Como exemplo, poderemos ver a Plataforma das teses de abril: Paz, Terra e Pão. (COGGIOLA, 2005).

Com o agravamento da situação social, o proletariado russo passa a intensificar a utilização de suas escolas de guerra, instrumento político de defesa e avanço nas lutas: a greve. Elas começam a se intensificar entre 1896-1897 e 1902 em Batoum, no Sul da Rússia em 1903, em 1904 na cidade de Bakou, para em 1905, atingir um milhão e meio de grevistas e em 1917 dois milhões. A força demonstrada por um proletariado pouco numeroso num país atrasado foi também fruto da atuação do Partido Operário Social Democrata Russo, o qual passou por uma cisão em 1903, que tinha uma tradição nas greves. Isso ajudou para que o proletariado desenvolvesse uma consciência que se ampliava na passagem de greves econômicas para greves políticas que buscavam a tomada do poder, o que comprova o número de greves que subiu seis vezes, em 1916. Durante o ano de 1903, ocorre em Londres o segundo Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR). A marca decisiva desse Congresso foi a divisão do Partido em duas facções: mencheviques e bolcheviques. A principal divergência que dividiu o partido em duas facções girava em torno da questão organizativa. Lênin defendendo um partido coeso, organizado, de conspiradores profissionais contra o Estado, além disso, defendia a Ditadura do Proletariado e a aliança entre operários e camponeses.

O partido de tipo bolchevique se transformou numa ferramenta para aplicar o programa revolucionário e tinha a necessidade de verdadeiros profissionais especializados no ofício da revolução, uma percepção que foi concretizada pela ferramenta política que garantiu a tomada do poder. Os bolcheviques perceberam que não podiam contar com uma forma organizativa qualquer, precisavam de um instrumento com solidez, que conspirasse, constantemente, contra o Estado, em manifestações de greves e na vida dos trabalhadores, fazendo avançar as lutas e a consciência das causas mínimas (sindicais) para as máximas (revolucionárias). Seria preciso também muita disciplina organizativa para perceber e aplicar com clareza uma política que atendesse os objetivos ligados às massas trabalhadoras. (COGGIOLA, 2005).

Era de tal forma um partido com um programa operário, de composição majoritariamente operária e para as lutas operárias. Os bolcheviques somente foram à tomada do poder quando estavam com a maioria dos delegados votados e eleitos democraticamente nos *soviets* das duas mais significativas cidades operárias: Petrogrado e Moscou. Utilizavam o método do materialismo histórico para balizar teoricamente seu programa e sua política, elaborando-a a partir da realidade concreta, das experiências de lutas. Um partido com profissionais dedicados à revolução, que dava o direito de votar e ser votado para aqueles que cumprissem os seus critérios, somente dependendo das contribuições de seus militantes e apoiadores. Com forte internacionalismo e defendendo isso como princípio. (COGGIOLA, 2005).

Durante o ano de 1905, ocorreu a primeira experiência de luta e contestação mais generalizada, como um momento para desfazer as ilusões contra o Czarismo. A guerra russo-japonesa buscava sua expansão imperialista sobre os territórios da Manchúria e Coréia que sustentava várias derrotas para o Japão, enquanto o czarismo ostentava toda uma estrutura exploratória, colocando a população em meio a um sacrifício insuportável na manutenção de uma guerra imperialista. O fim dessa guerra foi a prova de uma fragorosa derrota do Czar e seu projeto expansionista. (TROTSKY, s/d).

Com o agravamento da situação social, ocorrem manifestações no ano de 1905, uma delas ficou conhecida como o Domingo Sangrento, era uma manifestação de caráter popular e pacífico em frente ao palácio do Czar Nicolau II. Os manifestantes buscavam apenas apresentar suas queixas ao Czar por meio de uma entrevista. Essa manifestação acabou brutalmente reprimida. Diante da repressão, irradia-se uma onda de protestos contra o império russo: seu resultado foi uma greve geral e levantes militares como exemplo do Encouraçado Potemkin. (TROTSKY, 1978, p.225).

O Czar Nicolau II recua e, na tentativa de conter os protestos, promete a instalação de uma monarquia constitucional. No entanto, os decretos czaristas revelam que mesmo com o parlamento instalado (Duma era o nome do parlamento russo), os poderes do Czar estavam acima dela. Foi durante esse período que foram criados os *soviets*. Eles eram, segundo Coggiola (2005, p.24), “resultado de um movimento unificado de auxílio mútuo entre os trabalhadores, criado para enfrentar longos períodos

de duração de greve geral reuniam-se periodicamente, editando um jornal de opiniões sindicais”. O *soviet* torna-se um instrumento de organização fundamental para os trabalhadores, soldados e camponeses russos, por ser um organismo de duplo poder, ou seja, existindo dentro das instituições oficiais como a Duma, mas passando a exercer uma forma de democracia mais ampla, pois com os *soviets*, passava a haver uma descrença na Duma e os trabalhadores, soldados e camponeses, dentro de suas organizações, passavam a tomar as decisões fundamentais da sociedade russa, exercendo uma democracia direta e não mais depositando nas mãos dos parlamentares as decisões sobre seus destinos. Eles aceleraram a experiência histórica dos trabalhadores em não mais acreditar no czarismo e na Duma.

A Primeira Guerra Mundial irá acelerar ainda mais o desgaste do governo czarista com o povo, pois agravou ainda mais as contradições sociais, econômicas e políticas na Rússia. O país não tinha uma organização de poderio militar e tecnológico para enfrentar os exércitos alemães e sua economia estava arrasada. As deserções em massa selaram o desastre militar. O saldo foi a morte de mais de um milhão e meio de soldados.

Em março de 1917, o Czar Nicolau II é derrubado, instalando-se uma forma republicana que tinha como centro político a Duma, dirigida politicamente por Alexandre Kerenski. No seu governo, as contradições sociais, políticas e econômicas não foram solucionadas: A Rússia continuava na Guerra e as reformas sociais não haviam sido implementadas. Esse processo revolucionário que se frustrou no governo de Kerenski ficou conhecido como a “Revolução de Fevereiro”, pelo seu caráter democrático e popular. (TROTSKY, 1978).

Lênin e os bolcheviques lançam *As teses de Abril*, o programa que destacava o atendimento das questões centrais das necessidades do povo russo e se baseava na plataforma: Paz, Terra e Pão. Ou seja, a saída da Rússia da guerra, a divisão das grandes propriedades entre os camponeses e a organização e regularização do abastecimento interno. Sob a palavra de ordem “todo poder aos *soviets*”, os bolcheviques, sob as lideranças de Lênin e Trotsky, passam a contar com apoio “esmagador”. O recrutamento militar organizado por Trotsky já prenunciava a formação do Exército Vermelho a partir dos *soviets*. (TROTSKY, 1978).

Em novembro de 1917, os bolcheviques ocupam os principais setores públicos como o Palácio de Inverno e dão início ao Conselho de Comissários do Povo que passa a ser o novo governo. Os poderes passam a ser transferidos para os *soviets*. De 1917 até 1924, várias medidas são tomadas pelos bolcheviques e é iniciada uma forte campanha interna e externa para derrubar o governo dos revolucionários. As principais medidas são a nacionalização dos bancos estrangeiros e indústrias, redistribuição de terras e fim do armistício com o Tratado de Brest-Litoviski, que teve Trotsky a frente das negociações. (DEUSTCHER, 1968).

As mudanças sociais descontentaram um setor social antes privilegiado, por alterar profundamente as estruturas da sociedade, quebrando com o tradicionalismo reinante no czarismo. Os mencheviques passaram a atuar, juntamente com setores czaristas, no que se chamou de Exército Branco, enquanto os bolcheviques se organizaram para uma guerra civil e ficaram conhecidos como Exército Vermelho. Destaca-se o apoio de diversas nações estrangeiras ao Exército Branco pelo fato da tomada do poder pelos bolcheviques e no medo de que se irradiava pelo mundo “esse mal exemplo”. Mesmo com a vitória do Exército Vermelho, a guerra civil deixou a Rússia ainda mais arrasada, se levarmos em consideração os anos da Rússia na Primeira Guerra Mundial. (TROTSKY, 1979, p. 64).

Durante esse período, instala-se o Comunismo de Guerra, que centralizava a produção e adotava uma política de eliminação da economia de mercado. Diante da guerra, foi necessário ao governo fazer requisições forçadas, confisco da produção. Durante o ano de 1921, foi adotada a NEP (Nova Política Econômica), que era uma tentativa de recuperação da economia sob o planejamento estatal, com o intuito de evitar o colapso total da economia, buscando estimular a pequena manufatura privada, o pequeno comércio e a livre venda de produtos. O governo tentava motivar a produção e o abastecimento de uma economia arrasada por séculos de exploração e duas guerras. Essa política dura até 1928, e consegue recuperar de maneira parcial a economia do país, dando nova força aos setores econômicos essenciais, como o crescimento da indústria, agricultura e comércio.

Trotsky é encarregado de montar o Exército Vermelho e o faz primeiramente alistando os membros que impulsionavam a moral do exército, aqueles que estavam

entusiasmados com a revolução e contagiavam outros. Logo após esse passo recorreu ao alistamento obrigatório, mesmo que em caráter experimental e começou pelos centros operários de Petrogrado e Moscou, formando um núcleo proletário coeso e confiante, para depois recrutar camponeses dando ênfase aos mais pobres. Ao ampliar a lealdade e a disciplina do exército, Trotsky conseguiu vencer várias batalhas e inclusive a guerra (MANDEL, 1995). Deustcher (1968) afirma que Trotsky, na construção do Exército Vermelho, utilizou dois métodos: a espada e a pena.

Em 1924, morre Lênin e, diante disso, abre-se uma disputa no interior do partido para se decidir quem seria o seu sucessor no governo, girando em torno de dois nomes principais: Stalin, secretário geral do partido, e Trotsky, chefe do exército. As divergências entre ambos se davam no campo estratégico sobre as “teses da revolução permanente” defendidas por Trotsky e a “tese do socialismo em um só País” defendida por Stalin.²⁰ (DEUSTCHER, 1968).

²⁰ Achamos melhor apresentar e diferenciar as teses estratégicas no próximo tópico, por se tratar do surgimento das divergências essenciais entre trotiskistas e stalinistas.

1.3) Trotiskismo e Stalinismo

A concepção que envolve o termo trotiskismo surgiu a partir das disputas internas dentro do Partido Bolchevique. Havia duas tendências em disputa no início de 1923. Uma era a Oposição de Esquerda que discordava da política estabelecida em torno da “forte centralização do partido e de sua burocratização” (NETO, 1993, p.35), sendo liderada por Leon Trotsky. A outra era a chamada Troika, pois tinha três componentes que a lideravam, eram eles: Kamenev, Zinoiev e Stalin, principal adversário político de Trotsky durante esse período. Diante das disputas internas, a Troika passou a chamar de trotiskistas todos aqueles que discordavam de sua orientação e apoiavam as idéias da Oposição de Esquerda. Ao longo dos anos, com o processo de burocratização e com o acúmulo de forças conseguido por Stálin dentro do Partido, o termo trotiskista passou a ser sinônimo de traição. Podemos destacar que o próprio Leon Trotsky não concordava que fossem chamados de trotiskistas os membros da Oposição de Esquerda. Ele achava que o mais coerente era chamá-los de bolcheviques-leninistas, constituindo-se como continuadores das idéias e práticas propagadas por Lênin. No entanto, ao longo dos anos, o termo firmou-se e os seguidores das idéias de Trotsky passaram a ser conhecidos pelo nome de trotiskistas, principalmente pela defesa da “tese da revolução permanente”, ao propagar a idéia de que o processo revolucionário se iniciaria no terreno local, estendendo-se ao terreno nacional e se desenvolvendo na arena internacional, até consolidar a vitória da Revolução Socialista pelo mundo. Essa era uma contraposição clara à teoria stalinista do “socialismo num só país”.

A teoria do “socialismo em um só país” foi uma verdadeira ideologia de abandono do marxismo. Era uma teoria nacionalista que entendia que a Rússia deveria (ou poderia) “seguir seu destino” ao socialismo, isoladamente, tendo em vista que os trabalhadores não tinham derrotado a burguesia nos outros países, principalmente os europeus. Assim, não seria possível contar com sua ajuda. Dessa forma, o stalinismo abandonava os princípios teóricos e práticos do marxismo e suas formulações contidas desde o *Manifesto do Partido Comunista*, ao defender que a classe operária era internacional e só haveria possibilidade de ser implantado socialismo se o sistema capitalista fosse derrubado em todo o mundo. O objetivo de todos os Partidos

Comunistas do mundo foi submetido às determinações de Moscou que tentava construir uma caricatura do socialismo. Os erros políticos do stalinismo custaram muitas vidas, pois sua política internacional era caracterizada por um *slogan* esquerdista: “A Social - democracia e o fascismo são irmãos gêmeos” e a derrota do proletariado na Alemanha e na Espanha, os 20 milhões de mortos de 1914 a 1945, serão os preços dessa política.

A política de Stálin causou grandes derrotas para os trabalhadores. Na Alemanha, a ascensão de Hitler foi facilitada pela orientação sectária do PC local, que atacou furiosamente os socialistas, recusando-se a formar com eles uma frente de todos os operários contra o nazismo. Essa derrota de imensa importância fez com que os trotiskistas mudassem de orientação. Para eles, a burocracia russa e os PC's haviam se transformado em obstáculos à revolução: eram irreformáveis e precisavam ser substituídos. (CAMPOS, 1981, p.10).

Aliás, era impossível que na Rússia ou mesmo no bloco dito “socialista”, alcançar uma média de produtividade do trabalho mais elevada do que a dos principais países industriais do mundo que faziam uso em benefício próprio, da divisão internacional do trabalho. A teoria e estratégia da “revolução permanente” tiveram uma base econômica consistente ao perceber isso. A grande disjuntiva que estava colocada era a de contrapor as operações internacionais do capital com as ações internacionais da classe trabalhadora. O internacionalismo revolucionário implica a solidariedade internacional para com os oprimidos e as massas populares, ou melhor, contrapor a política externa do capital em todo planeta, a política de luta mundial dos trabalhadores. Trotsky (1977) levava em consideração de que os principais problemas de nossa época somente poderiam ser resolvidos na escala mundial. Com a política do stalinismo houve uma deturpação clara de subordinação de todos os interesses dos trabalhadores internacionais ao dos aparatos burocráticos constituídos. (TROTSKY, 1977).

As teses de Trotsky foram incorporadas ao arsenal teórico do partido bolchevique e serviram de base para a elaboração política realizada nos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Mas quanto a toda tradição marxista começou a ser posta em questão de demolida por Stálin, a teoria da revolução permanente foi duramente atacada. Sua defesa tornou-se um dos pontos centrais do programa e da atividade prática dos trotiskistas (principalmente nos países atrasados), e uma das marcas distintivas nos países atrasados, e uma das marcas distintivas mais evidentes do trotiskismo. (CAMPOS, 1981, p.21).

Em 1927, Trotsky foi expulso do Partido, destituído de suas funções no Estado soviético e no início de 1928, deportado para o Cazaquistão. No ano seguinte, 1929, foi

banido da URSS e sua condição de cidadão soviético foi cassada. Trotsky passava a ser um homem sem nacionalidade ou cidadania. Tinha início uma série de exílios e expulsões de diversos países: Turquia, Noruega, França, quando, por fim, chegou ao México, em 1937. O motivo de sua expulsão fica claro ao se perceber que Trotsky passa a ser o principal adversário da ascensão do stalinismo, organizando, em 1923, a Oposição de Esquerda e logo após a Oposição Unificada, em 1926, que aglutinava Kamenev e Zinoiev. Segundo Campos (1981, p.11),

Trotsky juntamente com uma grande parte da direção do Partido Comunista russo, discordou da nova política **(Socialismo num só país)**²¹. Houve sérias lutas internas. As tentativas de formar uma oposição a Stalin, Oposição de Esquerda em 1923 e a Oposição Unificada em 1926-fracassaram. Os vencedores, alinhados em torno do Secretário-geral Stálin, impuseram uma ditadura sobre o partido e toda a sociedade russa. Eles se afirmavam enquanto um grupo social que expropriou o poder dos trabalhadores e usou-o para seu próprio benefício à burocracia. Os opositores foram expulsos do Partido e da URSS. Trotsky líder mais conhecido dos dissidentes, foi um dos primeiros a serem deportados, em 1928. Na década de 30, os que não concordavam com a “linha oficial” passaram a ser condenados e fuzilados.

No ano de 1936 tiveram início os famosos processos de Moscou, nos quais foram criadas acusações falsas para aqueles que discordavam da política aplicada por Stalin, aplicada principalmente sobre os dirigentes bolcheviques que haviam colaborado com Lênin como Zinoiev, Kamenev, Bukharin, Antonov-Ovsenko, entre outros. Durante esses processos, Trotsky também tinha sido condenado à morte. Sua acusação era a de ser um agente sabotador do imperialismo.

Um aspecto essencial para possibilitar o surgimento da burocracia foi o isolamento internacional da revolução russa, que possibilitou a supressão da democracia dos *soviets* e a apropriação do controle do Estado e o assassinato de toda a velha guarda de bolcheviques. Os mais experientes operários e membros da velha guarda, que não foram fuzilados por Stalin, morreram nas guerras anteriores. Daí o Partido Bolchevique ter passado por uma renovação de quadros sem a mesma disciplina e experiência dos antigos bolcheviques. Esse fato pode ser colocado como mais um fator para o processo de burocratização. As condições desastrosas em que se encontrava a URSS favoreceram o domínio e aparecimento da burocracia. A luta pela sobrevivência em um país arrasado pela guerra, as derrotas nas revoluções exteriores, não possibilitando a expansão da

²¹ Grifo e acréscimo nosso.

revolução para países desenvolvidos, o refluxo das lutas das massas trabalhadoras, o desaparecimento de seus organismos de representação fortaleceram os setores conservadores do partido, os quais promoveram uma contra-revolução ao se apropriar das conquistas da revolução e impor a burocratização sobre os trabalhadores, garantindo, assim, uma política de derrotas internacionais. Stalin organizou uma estabilização política interna e externa: o plano interno foi garantido pelas repressões; já no externo, estabeleceu acordos com os países imperialistas e política conservadora dos PC's mundiais. (SAGRA, 2005).

O processo de burocratização do primeiro Estado Operário²² se deveu a uma combinação de fatores, com peso decisivo para a derrota da revolução europeia, que deixou mais isolada ainda a URSS revolucionária. Esse isolamento se combinou com a exaustiva guerra civil que exauriu ainda mais as forças do proletariado, gerando inclusive o agravamento da crise econômica no país. A burocracia se apropriou do Estado em seu benefício e promoveu uma contra-revolução, conforme assinalamos, ao suprimir a democracia soviética, assassinando toda a geração que dirigiu a revolução com objetivo de manter o seu poder. Foi o stalinismo que oficializou a calúnia como arma de Estado. Diante disso, foram empreendidas várias “campanhas repugnantes” de depoimentos falsos, “confissões tiradas pela tortura”, para justificar os fuzilamentos. (SAGRA, 2005, p.90).

A categoria de Estado Operário burocratizado foi elaborada para analisar os países onde as burguesias nacionais e o imperialismo internacional foram expropriados. Como exemplos, temos a ex-URSS, China, Cuba, Coreia do Norte e os regimes do Leste europeu. Essa categoria está constituída em sua base na historicidade dos acontecimentos nesses países, onde a apropriação privada dos meios de produção foi abolida e passou-se a ter um planejamento econômico conhecido por planificação econômica com monopólio estatal do comércio externo. Como também, da inexistência de uma produção marcada pela lei do valor, além do fato de essa economia já não se caracterizar por uma produção capitalista, pois já não existia um mercado para os

²² Autores como Campos e outros destacam a responsabilidade do processo de burocratização a Lênin e a Trotsky por terem restringido a democracia operária. Mas não levam em consideração as terríveis condições da guerra civil na Rússia em (1918-1921), impulsionada pela burguesia, russos brancos, e pela intervenção de 14 exércitos das nações capitalistas. Para Lênin e Trotsky, essa restrição era uma situação de exceção que não deveria passar a regra como o stalinismo aplicou, essa política de restrição da democracia operária deveria ser rapidamente corrigida quando as condições o permitissem.

grandes meios de produção e também para uma mão-de-obra que assumisse o papel de um exército industrial de reserva, não havendo a exploração da mão-de-obra como no capitalismo, na forma de mercadoria. Todos os benefícios e conquistas sociais com a expropriação da burguesia foram absorvidos pela burocracia que expropriou os trabalhadores da participação política. Diante disso, Trotsky, ao se referir ao problema, alertava para a necessidade de uma segunda revolução nos Estados Operários, a qual teria um caráter de conquista do poder político que estava nas mãos da burocracia. Também destacava que, no caso dessas revoluções políticas não serem concretizadas, a restauração capitalista ocorreria na URSS, fato que ocorreu não só na URSS como em todos os outros Estados Operários. (HERNANDEZ, 2008, p.98).

O stalinismo se caracterizou também por seguir orientações políticas de partidos e governos de natureza política burguesa. Uma de suas deturpações²³ (diante de tantas outras) foi a de utilizar e se apresentar como defensor e seguidor das idéias de Lênin²⁴, falsificando ou deturpando suas idéias e documentos. (SAGRA, 2005).

Um dos malabarismos teóricos do stalinismo foi o de capitular vários governos e partidos burgueses, colocando-se como “leninismo” para não revelar seu papel contra-revolucionário. Como exemplo marcante, podemos ver a deturpação das antigas teorias de Lênin sobre a “ditadura democrática do proletariado e campesinato”, defendendo posições políticas opostas as de Lênin. Trotsky percebe mais essa deturpação nos anos de 1925 e 1927 diante da revolução nacional chinesa, apoiando o partido da burguesia chinesa Kuomitang e se apoiando teoricamente na palavra de ordem: “ditadura democrática do proletariado e do campesinato”. Lênin trabalhou essa consigna em um momento pré-revolucionário, não exitando, em 1917, a abandoná-la ao perceber as mudanças na conjuntura da Rússia revolucionária e passou a adotar uma perspectiva de luta pelo poder sob a palavra de ordem “ditadura revolucionária do proletariado”, combatendo incansavelmente o governo burguês de Kerenski. (TROTSKY, s/d).

Anos mais tarde, o stalinismo irá se reorientar com essa palavra de ordem “ditadura democrática do proletariado e do campesinato” para apoiar governos de

²³ Conforme assinalamos no Anexo XXV.

²⁴ Aqui mais um fato muito caro ao marxismo, por um total desconhecimento, ou estudo mais profundo, diversos textos entendem que as idéias de Lênin são as mesmas de Stalin, ou mesmo, que ambos são dois ditadores.

Frente Popular. Os governos de Frente Popular são governos de coalizão entre partidos operários e partidos burgueses ditos “progressistas”. Essa foi a base política para as grandes derrotas do proletariado no mundo. O stalinismo se aliou com governos burgueses pelo mundo. No Brasil, o exemplo do PCB, foi seu apoio a governos burgueses nacionalistas como o de João Goulart.

A estratégia stalinista gerou derrotas aos trabalhadores no mundo todo. As burguesias nacionais não tinham nenhuma disposição histórica de avançar para uma mobilização revolucionária, que libertasse os países da dominação imperialista exercida por burguesias estrangeiras, ao governarem subordinadas e em alianças com as burguesias internacionais. Para se ter uma idéia da indisposição burguesa nacional, sequer as tarefas democráticas, como a reforma agrária, foram implementadas no continente latino americano. Esses processos quando tentados acabaram em golpes militares ou vitórias eleitorais de grupos da direita, impossibilitando aos trabalhadores organizarem alternativas independentes dos governos, da burguesia e do stalinismo. (MARGARIDO, 2010).

Outro problema identificado nas deturpações stalinistas e da burguesia foi a propaganda de que o stalinismo era igual ao bolchevismo de Lênin e de que o centralismo democrático era igual ao centralismo burocrático. O Partido Bolchevique tem histórias de ricas e variadas polêmicas, lutas políticas entre seus membros, votações divididas, nas quais Lênin ficou na minoria. Era um partido “profundamente vivo” e com o tempero da luta de classes, com um funcionamento que garantia a mais ampla democracia interna, com uma disciplina forte na aplicação da política externa. Seu funcionamento era balizado na garantia de um amplo e democrático debate interno, após esse debate era decidida a posição majoritária nos debates e aplicada a política em um movimento único, coeso, como um corpo só. Depois de aplicada a política da maioria, o partido voltava a se reunir e avaliar se foi correta a posição, quais os erros e como deveria agir, isso se chamava balanço. Todo esse processo foi deturpado pelo stalinismo, que aplicava sua política sem debates internos, sem democracia interna. Sua prática era a classificação das opiniões divergentes como traidoras e puni-las com calúnias e exílios, quando não praticava logo a eliminação física dos oponentes, mesmo os não trotiskistas. A lista de crimes do stalinismo é infinita se levarmos em consideração o número de dirigentes trotiskistas assassinados. Podemos destacar:

Bukharin, Zinoiev, Kamenev, o filho de Trotsky (Leon Sedov)²⁵ e vários jovens que foram fuzilados nas prisões stalinistas da Rússia e no campo de Vorkuta na Sibéria, vítimas das execuções da GPU, que momentos antes de serem fuzilados gritavam: “Viva Trotsky!”. (BENSAID, 2010, p.14).

O próprio epíteto de “trotiskista” foi uma qualificação pejorativa e estigmatizante forjada pelos seus adversários. Nos anos 1930, na época dos processos, quando soava a meia-noite no século, as inteligências servis do Kremlin inventariam mesmo o oxímoro de “hitlero-trotiskismo”. Nos anos 1960, Léo Figueres escriba zeloso do stalinismo à francesa, insistia ainda no factum de encomenda: o “trotiskismo”, esse “anti-leninismo”. A palavra equivalia a uma espécie de estrela amarela. O longo cortejo daqueles a quem Natália Sedova, a companheira de Trotsky, chamava de “fantasmas de rostos esburacados” como testemunho: Andréas Nin, liquidado nas prisões espanholas do NKVD, Rudolf Klément, assassinado na França, Pietro Tresso, liquidado pelos seus companheiros de detenção no Maquis, Tha-Tu-tau²⁶ e seus companheiros assassinados pelos vietnamitas stalinistas, os trotiskistas, gregos executados pelos serviços especiais do PC grego, Zavis Kalndra executado pelos stalinistas thecos em 1950. Leon Trotsky foi ele próprio apanhado pelos assassinos em 1940 no México. Milhares de vítimas dos expurgos e dos processos de Moscou foram fuzilados ou desapareceram no anonimato do Gulag. Se assumiram por desafio uma denominação que se queria infamante, os trotiskistas dos anos 1930 preferiam definir-se como “bolcheviques-leninistas”, “marxistas revolucionários” ou “comunistas internacionalistas”, pleonismo tornado necessário para se distinguirem do comunismo confiscado pela reação burocrática. (BENSAID, 2010, p.15).

Seria um equívoco apontar apenas os regimes stalinistas como assassinos e adversários dos militantes trotiskistas, apesar de serem os principais responsáveis. Vários governos burgueses também cumpriram seu papel no extermínio, prisão e tortura de militantes trotiskistas. Nossos entrevistados fizeram parte desse repertório cruel no passado.

Mas os trotiskistas não são vítimas apenas das ditaduras fascistas e bonapartistas. Os assim chamados governos democráticos também atacam raivosamente nosso movimento e nossos camaradas: no Marrocos, na China, na América Latina, na França, nos Estados Unidos, em todo lugar, nossos camaradas são objeto de perseguição pela polícia. Na Espanha, enquanto os bandos mercenários de Franco assassinam, sem distinção de partido, os melhores lutadores das trincheiras republicanas, o governo Negrín persegue os militantes e revolucionários mais experientes quando não os abandona, simplesmente, aos agentes pagos por Stalin. (MARGARIDO, 2008, p.34).

Um dos fatores para a pouca expansão do trotiskismo pode estar associado ao aproveitamento que a burocracia stalinista fez das conquistas da Revolução Russa,

²⁵ Vide Anexo IV.

²⁶ Vide Anexo VI.

reivindicando-se sua verdadeira herdeira e perseguindo com a eliminação física os militantes opositores. Conforme Coggiola (1990, p.25),

O que se entende atualmente por trotiskismo tem a sua origem na Oposição de Esquerda do PCUS, criada, em 1923, contra a política seguida pelo secretário-geral, Stalin. A oposição lutou tanto no plano da política interna (pelo direito de tendência e a revitalização dos soviets, por um plano de industrialização que fortalecesse a base social da ditadura proletária) como no da política internacional (contra a teoria do socialismo num só país contra a dissolução no KUOMINTANG na China e o comitê sindical anglo russo, pela frente única operária contra o nazismo). Seu destino é conhecido: a quase totalidade dos seus membros, entre os quais muitos dirigentes revolucionários de 1917, foi massacrada pela repressão stalinista, não sem antes se organizar internacionalmente, rompendo em 1933 (vitória de Hitler) com a internacional Comunista, e Fundando em 1938. A Quarta Internacional, considerada pelo organizador do exército vermelho como a obra mais importante de sua vida.

1.4) O trotiskismo internacional

Uma caneta ágil não é suficiente para criar um partido revolucionário: é necessária uma base teórica granítica, um programa científico, uma firmeza no pensamento político e firmes princípios organizativos. (TROTSKY, 1977, p.188).

O senso comum observou o trotiskismo superficialmente, sem perceber que suas estratégias fundamentais eram a criação do Partido Mundial da Revolução Socialista (Quarta Internacional) e a mobilização permanente das massas trabalhadoras (MORENO, 2009). O trotiskismo internacional é herança das Internacionais socialistas, principalmente dos quatro primeiros congressos da Terceira Internacional. As diversas experiências das três Internacionais, seus erros e acertos políticos, trouxeram um cabedal de conhecimento nas estratégias e táticas para os trotiskistas. Daí um breve conhecimento das Internacionais ser de suma importância para o entendimento basilar do trotiskismo que procura fundar a Quarta Internacional, retirando um aprendizado das experiências passadas das suas antecessoras. Sem essa compreensão estaríamos desprezando o longo caminho histórico que adquiriu o trotiskismo com o passado. (SAGRA, 2008).

Durante longos anos de lutas ao longo da história do movimento operário, os trabalhadores perceberam a necessidade histórica de se organizar mundialmente. A Primeira Internacional tinha aglutinado socialistas e anarquistas e sua principal luta se deu na Comuna de Paris em 1871. Esse foi o primeiro passo dado para a construção do partido mundial contra o capital. Desde o surgimento do sistema capitalista, a construção de um partido mundial da revolução (as Internacionais) se tornou em uma tarefa sem precedentes históricos. Dentro do movimento de estruturação dos Estados-Nacionais, houve a expansão do mercado mundial capitalista, desdobrando-se na divisão internacional do trabalho e na objetivação do intercâmbio mundial das mercadorias e da exploração do trabalho pelo capital. Esse fato da mundialização da economia capitalista é o que desenvolve a luta de classes mundialmente. A exploração mundial coloca aos trabalhadores a tarefa de se organizarem mundialmente como ordem do dia. A necessidade de uma resposta conjunta na superação do capitalismo e suas formas de exploração somente serão possíveis como uma luta e resposta mundial, e,

somente assim, será possível selar a forma de sociabilidade gestada pelo capital e sua exploração. Os trabalhadores passaram ao longo da história por diferentes formas e estágios do desenvolvimento de suas lutas. Durante o ano de 1848, ocorreram várias revoluções democrático-burguesa que sacudiram a Europa, mas acabaram em derrotas. Países como França, Alemanha, Itália foram alguns exemplos dessas tentativas de revolução.

De vários desses países, chegavam à Inglaterra muitos operários e democratas burgueses que foram perseguidos nesses anos de efervescência revolucionária. No início, procuraram atuar em associações comuns de emigrados, depois se formaram clubes e associações literárias. Os trabalhadores começam a conquistar algumas vitórias, como o direito ao voto e a revogação de leis que proibiam a criação de sindicatos. A Guerra Civil Norte-Americana, no ano de 1825, gerou o embargo nas exportações do algodão, que refletiu fortemente nos operários têxteis. Isso impulsionou para que os trabalhadores procurassem seu caminho organizativo. Em 1862, foi realizada a Feira Industrial de Londres. Isso ajudou a que delegados de organizações francesas entrassem em contato com operários ingleses e mantivessem correspondência. Os contatos avançaram, até que, no dia 28 de setembro de 1864, foi fundada a AIT (Associação Internacional dos Trabalhadores), depois de um ato que contou com a unidade entre operários franceses e ingleses. Seu discurso inaugural foi proferido por Karl Marx que também deu corpo escrito aos seus estatutos. (SAGRA, 2008).

A Primeira Internacional não chegou a se constituir como um partido, mas teve a importância de ser uma primeira experiência de combate que reunia uma frente de distintos grupos políticos, dando consistência a uma frente única operária de dirigentes políticos e sindicais: marxistas, anarquistas e sindicalistas. O apoio da AIT à Comuna de Paris despertou ainda mais o ódio das burguesias contra a Primeira Internacional. A derrota da Comuna de Paris e as lutas internas entre os marxistas e anarquistas selou a sorte da Internacional que passou a sofrer também com a contra-revolução que atacava os revolucionários. A tentativa não tinha sido frustrada no todo, ela pôde demonstrar que a unidade dos trabalhadores era tão possível quanto urgente. (SAGRA, 2008).

A Segunda Internacional ficou marcada por um maior número de partidos em seu interior, lutando pela jornada de trabalho de oito horas diárias. A Segunda

Internacional, também conhecida como Internacional Socialista, foi criada em uma conjuntura diferenciada no ano de 1889, pois havia uma industrialização avançada que empregava uma grande mão-de-obra trabalhadora. Nesse período, houve também um grande fortalecimento dos sindicatos e crescimento dos partidos social-democratas e lutas que conquistaram vitórias como direito ao voto e jornada de oito horas de trabalho. Em 1914, com o início da Primeira Guerra Mundial, os principais partidos filiados à Internacional Socialista e sua direção apoiaram os governos de seus países sob a bandeira do nacionalismo, para que fossem à guerra, deixando assim que operários de outros países matassem uns aos outros, para o regozijo das burguesias nacionais e seu projeto imperialista. Diante disso, revolucionários internacionalistas, como Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Lênin e Trotsky, acabaram reduzidos a um pequeno grupo que se opunha que operários se enfrentassem na “carnificina armada pelas burguesias imperialistas”. Com a vitória da Revolução Russa de 1917, ocorreu um novo impulso em direção ao desejo do internacionalismo. Os revolucionários perceberam que a Segunda Internacional estava derrotada ao assumir essa política e passaram a lutar para construir outro instrumento de luta que seria a Terceira Internacional. (SAGRA, 2008).

A Terceira Internacional ou Internacional Comunista foi fundada no ano de 1919, ela agrupava em seu interior Partidos Comunistas que haviam rompido com a social-democracia nos mais variados países. Distintamente da Segunda Internacional, a Terceira Internacional Comunista foi arcabouço de um verdadeiro partido mundial da revolução socialista, marcado por um programa revolucionário e o centralismo democrático. Durante os anos de vida de Lênin foram realizados quatro congressos²⁷, nos quais se discutiram as condições para que um partido pudesse aderir à Internacional Comunista. Neles estavam destacados: o apoio ao proletariado nos movimentos de libertação colonial, tática de frente única, trabalho dos comunistas nos sindicatos e participação nas eleições burguesas. Logo após a morte de Lênin, os princípios da Terceira Internacional passaram a ser abandonados. A elevação do stalinismo na antiga URSS trouxe consigo a degeneração da Internacional. Ela passou a ser um aparato contra-revolucionário com a tese da “revolução em um só país” e com as políticas de

²⁷ Esses quatro congressos são os elementos básicos para a constituição do programa da Quarta Internacional, reunidos e sintetizados nos documentos de sua fundação e conhecidos como: Programa de Transição.

colaboração de classe das frentes populares, servindo também à coexistência pacífica com a burguesia e o imperialismo. Em 1943, Stalin dissolve a Terceira Internacional, atendendo as imposições dos governos aliados na Segunda Guerra Mundial, como o imperialismo norte-americano e inglês. A Terceira Internacional foi fruto da Revolução Russa, lutando pela revolução socialista mundial até que a burocracia stalinista instalou seu regime de terror, eliminando toda uma geração de revolucionários e impôs sua política de conciliação das organizações operárias e a burguesia. (SAGRA, 2008).

A breve apresentação que expusemos procura demonstrar o fio de continuidade que precisa ser estabelecido na teoria política trotiskista. Ela não desprezou o internacionalismo e nem o debate estratégico que se colocava a respeito da Revolução Socialista Mundial ao fundar a Quarta Internacional. Passamos a expor como ocorreu esse fato e quais as condições históricas que se apresentaram para isso, que surge como resposta ao stalinismo. Por isso ela não era uma proclamação de intenções, era fruto das derrotas provocadas pelo stalinismo pelo mundo, tinha como objetivo retomar a compreensão comum dos acontecimentos e as tarefas imediatas para a tomada do poder pela classe trabalhadora.

A Quarta Internacional surge sobre os escombros da Segunda Internacional e da Terceira Internacional. De 1923 até o ano de 1928, a Oposição de Esquerda, grupo formado por militantes de vários países e da URSS que se opunham ao stalinismo, lutou, dentro da URSS, pela mudança na linha política burocrática e por uma política revolucionária para a Terceira Internacional. Foi durante os anos de 1930 que Trotsky, já exilado, organizou a Oposição de Esquerda Internacional. Em 1933, a política stalinista levou à derrota o proletariado alemão e assim colaborou diretamente para a chegada de Hitler ao poder. Trotsky, depois dessa derrota, concluiu que a Terceira Internacional estava morta e era preciso construir uma nova Internacional. Em 3 de setembro de 1938, foi fundada a Quarta Internacional em uma conferência com delegados de dez países: URSS, Grã-Bretanha, França, Alemanha, Polônia, Itália, Grécia Holanda, Bélgica, EUA e mais um delegado da América Latina, o brasileiro Mário Pedrosa. Os trotiskistas, mantendo toda uma tradição marxista, entendiam que o partido mundial da revolução era a única ferramenta que poderia derrotar o imperialismo. Desde o seu surgimento o marxismo levantou a bandeira de uma organização dos trabalhadores que se convertesse num partido mundial. Daí ter a frase

emblemática no final do *Manifesto do Partido Comunista*, de autoria de Marx: “Proletários de todos os países, uni-vos!”. Se a economia é mundial e está acima do que é típico de um país, deve haver uma política e uma organização mundial dos trabalhadores para derrubar o capitalismo e impulsionar a revolução socialista, essa era uma premissa básica que os trotiskistas mantiveram. Nessa perspectiva, para se organizar e cumprir as tarefas postas mundialmente, a classe trabalhadora em cada país deveria construir um partido socialista revolucionário que seria seção integrante do partido mundial da revolução (Quarta Internacional). Para atuar na luta de classes os trotiskistas achavam obrigatório partir de uma análise correta da situação nacional, cuja tarefa era do partido nacional. Mas essa análise somente poderia se elevar a uma ação se levasse em consideração o contexto mundial em que esse país estava inserido e se considerasse também a experiência do movimento operário de outros países. Diante disso, o papel da Quarta Internacional não seria apenas o da solidariedade internacional nas lutas, ela deveria também ajudar na elaboração política dos partidos nacionais que eram seções da Quarta Internacional. (SAGRA, 2008).

Dessa forma, os trotiskistas entendiam que, para acabar com a exploração, a fome e a miséria que o capitalismo em sua fase imperialista submetia o mundo, seria necessária uma revolução mundial, passo importante para a construção do socialismo. Essa revolução se iniciaria em nível nacional com a tomada do poder pelos trabalhadores, a destruição do Estado e das forças armadas sob o comando da burguesia e a construção de estados de novo tipo (Estados Operários). Nesse aspecto era imprescindível estender essa revolução em nível mundial, tomando o poder principalmente nos países capitalistas centrais até derrotar definitivamente a burguesia. Caso contrário, estaria aberta a possibilidade histórica de restauração das forças capitalistas nos Estados Operários, devido aos ataques militares e econômicos exercidos pelas potências capitalistas através da luta armada, ideológica e de bloqueios e do isolamento econômico. Por essa razão não existia a possibilidade para construção do socialismo em um só país, como tentou sustentar o stalinismo e suas variantes.

As tarefas que estão colocadas para tomar o poder da burguesia no plano nacional, para os trotiskistas, eram retiradas da experiência da Revolução Russa: expropriação da burguesia, transferindo ao novo Estado Operário o controle absoluto dos principais recursos da economia; estabelecimento do monopólio estatal do comércio

exterior e aplicação de um plano econômico central a serviço das necessidades dos trabalhadores e do povo. Outro aspecto de suma importância, destacado pelos trotiskistas que reivindicavam o Programa de Transição e a Quarta Internacional, dizia respeito à democracia operária que foi ceifada pelo stalinismo na antiga URSS. O Estado Operário seria baseado em instituições dos trabalhadores e do povo. Como exemplo, eles apontam os *soviets*, que foram destruídos pelo stalinismo. Dessa forma, a democracia operária, as instituições que expressavam a classe trabalhadora, seriam os pilares imprescindíveis na construção do socialismo. De acordo com as diversas análises trotiskistas, todas as tentativas históricas de construção do socialismo, dirigidas por “secretários gerais geniais” ou “comandantes infalíveis”, estiveram condenadas ao processo de degeneração burocrática e ao fracasso²⁸.

A expulsão de Trotsky e seus companheiros levou à formação da Oposição de Esquerda Internacional, que passou a lutar contra o processo de burocratização que atingia os Partidos Comunistas no mundo. A Oposição Internacional não procurava ser uma organização trotiskista, estando de acordo com a adesão de outras correntes políticas, desde que estas estivessem em concordância com seu programa que continha onze pontos básicos para o acordo programático. Campos (1981, p.38) enumera alguns: 1. independência do partido operário em todas as circunstâncias; 2. reconhecimento do caráter permanente da revolução; 3. reconhecimento da URSS como um Estado Operário e da necessidade de sua defesa frente ao imperialismo; 4. reconhecimento da necessidade de atuar nos sindicatos reformistas e condenação da teoria e práticas sectárias em que se baseavam a formação dos “sindicatos revolucionários”; 5. necessidade da política de Frente Única Operária; 6. necessidade da democracia no partido.

O trabalho desenvolvido pela Oposição Internacional procurava irradiar-se para todos os grupos e organizações que eram discordantes com os rumos impostos pela política de Stalin. A Oposição procurou também uma forma de centralizar suas idéias, programa e política através de um jornal internacional, o Boletim da Oposição.

²⁸ URSS, China, Cuba e Coréia do Norte e outros como os regimes stalinistas do Leste Europeu.

Percebemos a batalha política de Trotsky e da Oposição em buscar uma reviravolta na política stalinista e nos rumos que estava tomando o movimento operário internacional via os PC's e a Terceira Internacional, batalha política que não visava criar nenhuma alternativa a essas organizações. Porém, a conjuntura internacional impôs novos desafios à Oposição de Esquerda Internacional com a subida de Hitler ao poder, no ano de 1933. A capitulação do Partido Comunista Alemão, orientado pelos dirigentes da Rússia, em formar uma frente com os socialistas contra os nazistas, representou um caminho aberto a Hitler e sua tomada do poder, esmagando o movimento operário alemão.

Diante da derrota do proletariado alemão, da completa política sectária da Terceira Internacional, que sequer fez qualquer autocritica pela derrota alemã, os membros da oposição e Trotsky caracterizam a falência da Internacional para uma política revolucionária e passam a defender a construção-criação de uma nova organização que seria a Quarta Internacional.

A proclamação da Quarta Internacional, em 1938, foi a resposta do proletariado revolucionário às piores derrotas até então sofridas pelo movimento operário: a ascensão do nazismo, o esmagamento do proletariado alemão e o extermínio da vanguarda revolucionária da revolução de outubro pela burocracia stalinista. Foi, ao mesmo tempo, a proclamação da continuidade e da vitalidade da vanguarda revolucionária nas condições de isolamento e de retrocesso, político e ideológico, criadas por esses acontecimentos. (COGGIOLA, 1990, p.47).

No ano de 1940, a Quarta Internacional sofre um duro golpe, no dia 20 de agosto desse ano, em Coyacan no México, era assassinado, por um agente stalinista, o principal dirigente da Quarta Internacional: Leon Trotsky. O movimento dos bolcheviques-leninistas (trotiskista) perdia a experiência e a elaboração teórica de Leon Trotsky para os próximos desafios internacionais. Durante a “meia-noite nazista”, vários dirigentes trotiskistas foram mortos e isolados. A heróica participação dos trotiskistas na Alemanha traz lembranças da atuação do grupo nas lutas mundiais e sua abnegação. Segundo Campos (1981), os trotiskistas participaram das guerrilhas de resistência e tentaram organizar células clandestinas no próprio exército alemão, editando um jornal conduzido aos soldados alemães das forças de Hitler – o *Arbeiter und soldat*, dirigido por Martin Monat, que foi preso e executado pela Gestapo.

Trotsky está bem consciente de que as condições de criação da Quarta Internacional são absolutamente inéditas e particularmente difíceis: trata-se de uma Internacional minoria, sem nenhuma seção de massas, que ele qualifica como uma “Internacional de quadros, “encarregada”, antes de tudo, de transmitir uma herança e de preparar o futuro; ela nasce de uma série de derrotas do proletariado mundial, das quais a contra-revolução burocrática na URSS não era a menor; constituía-se num contexto em que o movimento operário não desenvolve as suas primeiras experiências, mas se encontra solidamente enquadrado, em numerosos países-chave, pelos aparelhos social-democratas e stalinistas, que se alimentam mutuamente; a corrente stalinista internacional dispõe ainda, com a existência de uma “pátria do socialismo”, ainda que “burocraticamente degenerada”, de uma base material específica. (BENSAID, 2010, p.45).

Os anos seguintes do trotiskismo são marcados por diversas dificuldades. A Segunda Guerra Mundial ajudou a isolar ainda mais os trotiskistas. Uma forte repressão por parte dos nazistas e stalinistas sobre os trotiskistas também pode ser apontada como fator de relevância para seu isolamento, mesmo com atuações destacadas na Segunda Guerra, como no caso da Alemanha. Os momentos finais da Guerra marcaram um forte crescimento de organizações sociais-democratas e os Partidos Comunistas que seguiam as orientações do stalinismo. Os PC's fizeram um “esforço enorme” para travar as lutas e mobilizações dos trabalhadores durante o período, inclusive, colaborando para que muitos estados capitalistas europeus, que mal podiam se sustentar devido a Guerra, tivessem suas revoluções sociais e desabassem. A política dos PC's seguia a orientação que ficou estabelecida nos acordos assinados em Ialta e Potsdam ao final da Guerra, por Stalin, Churchill, Roosevelt. Assim, os vitoriosos dividiam o mundo entre si, criando suas áreas de influência. Devido aos acordos, foi selada uma política de colaboração de classe, na qual deveria ser garantida a “Paz e Estabilidade Mundial”. As consequências foram desastrosas com os PC's, adentrando em diversos governos burgueses, oprimindo greves dos trabalhadores e ocupando vários ministérios desses governos. Toda influência e domínio político dos Partidos Comunistas nesse período foram utilizados para frear qualquer mobilização dos trabalhadores, com sucesso inclusive. A união dos grupos stalinistas, burgueses e sociais-democratas apresentava uma plataforma que dava uma forte ideologia às massas, como era a reconstrução nacional e a busca pela democracia. Assim, em meio a uma conjuntura desfavorável, os trotiskistas são ainda mais isolados e sofrem duros ataques da “união sagrada pela democrática reconstrução nacional” de stalinistas, burgueses e sociais-democratas. (MARIE, 1977, p.81).

A repressão abateu-se sobre a Quarta Internacional, que se teria podido crer por um instante desmembrado. Em 1941, o SWP²⁹ (Partido Socialista dos Trabalhadores) norte americano teve de retirar-se, após o voto da lei Voorhis, que proibia toda filiação internacional de uma organização norte-americana e, ao mesmo tempo 18 militantes do SWP e militantes da seção sindical “504” do CIO (Congress off Industrial Organization), em Mineapólis, foram incriminados por propagação de ideias revolucionárias contra a Guerra e condenados a penas de prisão, variando de 12 a 16 meses. Os nazistas fuzilaram o alemão Marcel Widelin, organizador de células clandestinas na Wehrmacht e redator do jornal *Arbeiter und Soldat* (trabalhador e soldado); o antigo membro do CC do PC alemão, Werner Scholem; o ex-secretário do PC grego, Pandelis Pouliopoulos³⁰; o Secretário Geral do POI, Marcel Hic; o belga Abreham Leon; Henryk Sneevliet e toda a Direção do PRSA holandes, próximo da Quarta Internacional; Leon Lesoil, antigo membro do Comitê Central do PC belga, os japoneses fuzilaram o sucessor de Chen-Du-Si, morto entre as mãos de Chiang-Kai-Chek frente dos trotiskistas chineses, Tchen-Chi-Chiang; o PCF fez executar Pietro Tresso, ex- Secretário para a organização do PC Italiano; o Comando do Exército de Mao fez fuzilar o líder dos adeptos trotiskistas Tchu-Li-Ming, Ho-Chi-Minh fez executar o líder trotiskista Ta-Thu-Thau, antigo dirigente da Comuna de Cantão, Tito fez abater Slobodan Maulic e os trotiskistas de Belgrado³¹. (MARIE, 1977, p.82).

Para um grupo político pequeno, o assassinato de dirigentes representou um forte impacto, pois seriam esses dirigentes que organizariam suas seções nacionais com intuito internacional da revolução socialista. Mas os grupos trotiskistas não conseguiram dar respostas corretas às massas, tentando participar de setores proletários para aproveitar o momento político, buscando construir e ampliar o número de militantes no seio operário. Esse período é marcado por derrotas e recuos no movimento operário, deixando essa herança política para os trotiskistas tentarem se inserir em seus espaços políticos. Marie (1977, p.82) afirma que:

Seria exagerado afirmar que este expurgo sangrento impediu apenas a Quarta Internacional de “encontrar o caminho das massas”, mas, numa organização tão jovem e que uma parte de seus dirigentes experimentados acabava de deixar no dia seguinte à morte de Trotsky, esse massacre de seus “cabeças” pesou muitíssimo sobre seu crescimento e tornou mais fino ainda o fio que ligava à tradição histórica de que ela se valia.

Todos esses fatores foram fundamentais para a divisão ocorrida no interior da Quarta Internacional durante o início dos anos 50. A cisão teve início com a expulsão de membros do Partido Comunista Internacional (PCI), seção francesa. Muitos quadros do PCI foram expulsos da Quarta Internacional, devido aos rumos políticos adotados. A

²⁹ Vide Anexo V.

³⁰ Vide Anexo VI.

³¹ Para maiores detalhes ver os anexos onde conseguimos algumas fotos de alguns desses trotiskistas assassinados.

maioria de seus dirigentes, o secretariado internacional que tinha a sua frente Michel Pablo, partia da idéia de que, diante de uma nova Guerra Mundial, agora entre EUA e URSS, obrigaria, de forma objetiva, à burocracia soviética tomar os rumos de uma política revolucionária, transformando essa guerra em revolução. Essas teses foram debatidas no Terceiro Congresso da Quarta Internacional, em 1951³². O argumento teórico de Michel Pablo³³ era que, diante de uma possível Terceira Guerra Mundial entre EUA e URSS, havia a possibilidade dos PC's, devido a essa conjuntura, dar um giro à esquerda, exercendo um papel revolucionário. Diante disso, a orientação era a de que os trotiskistas deveriam fazer o “entrismo” nesses partidos, ou seja, deveriam ingressar nos PC's e colaborar em tudo com sua linha política. Essa forma de “entrismo” colocava os trotiskistas reféns de uma política de capitulação à construção da Quarta Internacional:

Este entrismo *sui generis*, porque não era como o aconselhado por Trotsky nos anos 30, por um curto período, mantendo independência política e combatendo as direções social-democratas para empalmar as correntes que estavam em processo de ruptura pela esquerda. Pelo contrário, Pablo propunha que a entrada nos Partidos Comunistas fosse para acompanhá-los, sem críticas, até a tomada do poder. A mesma caracterização feita sobre os PC's, servia para os movimentos nacionalistas pequeno-burgueses ou burgueses dos países dependentes. (SAGRA, 2004, p.170).

Era um entrismo sem tempo determinado, sem independência política e sem reconhecer as devidas diferenciações entre os partidos comunistas e os nacionalistas burgueses, abandonando, assim, a própria construção da Quarta Internacional em favor de uma equivocada análise de conjuntura e desencadeando prognósticos políticos de erros estratégicos. As cisões nos grupos trotiskistas por vezes são destacadas em um tom avesso a um debate mais profundo, ou seja, como forma de escárnio, talvez esse argumentos estejam impedidos de perceber mais detalhadamente as cisões. Sobre isso, Coggiola (1984, p.89) ressalta:

Argumenta-se, contra a viabilidade do trotiskismo, as suas freqüentes e numerosas divisões. Isso é esquecer que as divisões e divergências caracterizam a vida de um organismo; diferentemente do monolitismo, da morte. Sob Stalin, a Internacional Comunista não conheceu quase divergências. Quando ele a dissolveu em 1943, não achou resistência, pois a IC já era cadáver [...]. Outra coisa é que o trotiskismo não seria capaz de processar suas divergências num quadro unificado, num funcionamento

³² Para maiores esclarecimentos de outros congressos, destacamos, nos anexos, um documento que informa um pouco sobre outros congressos, a partir de 1963 em diante.

³³ Vide Anexo II.

centralista e democrático como partido mundial da revolução socialista: essa divisão indica a atual crise política e organizativa do trotiskismo. Mas crise não é morte. A crise supõe simplesmente que o partido revolucionário (fator subjetivo) não é alheio ao desenvolvimento objetivo da luta de classes que sofre as suas pressões e pode perder a bússola.

Diante do exposto, pode-se perceber que as divisões que seguem no trotiskismo expressam divergências que mostram a vida desse partido e suas tarefas postas pela realidade na busca de intervir e construir a revolução socialista internacional. A política e sua forma de intervenção dentro da luta de classes e dos acontecimentos conjunturais levavam que as elaborações teóricas e práticas dos trotiskistas fosse diferenciada, demonstrando uma diversidade política que impõe limites à unidade por ter diferenças de princípios e métodos de intervenção na luta de classes. Isso caracteriza a rica experiência elaborativa e analítica do trotiskismo e sua busca na melhor forma de intervir no movimento de massas para conseguir o desencadeamento de um processo revolucionário que conduzisse ao socialismo.

Os membros do Partido Comunista Internacional (PCI), seção francesa da Quarta Internacional, teriam críticas à política de Michel Pablo, argumentando que essa política era o abandono do programa da Quarta Internacional, pois nesses campos haviam divisões entre as classes e que a burocracia tinha se tornado irreformável. A camada burocrática não abandonaria o poder. Além disso, questionavam: qual importância teria a Quarta Internacional se os PC's eram revolucionários? No ano de 1952, o PCI é expulso, mesmo diante de sua afirmação em permanecer dentro da Internacional, fazendo suas considerações críticas. Essa política “pablista” levou às divisões entre os partidos que compunham a Quarta Internacional, gerando a formação de dois grupos:

De um lado, o Secretariado Unificado da Quarta Internacional, cujo principal líder é o economista e militante belga Ernest Mandel³⁴. Seus grupos mais influentes são a Liga Comunista Revolucionária francesa, que voltou a lançar candidatura de seu dirigente Alain Krivine, para as eleições presidenciais de 1981, o partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) americano. De outro, o Comitê Internacional da Quarta Internacional, que prossegue na luta iniciada pelo PCI em 1952. Seus dirigentes mais conhecidos são o francês Pierre Lambert, também membro do Comitê Central da Organização Comunista Internacional, e Nahuel Moreno, do Partido Socialista dos Trabalhadores da Argentina. Somadas, as duas correntes agrupam hoje aproximadamente 40 mil militantes, espalhados por mais de 45 países. (CAMPOS, 1981, p.55).

³⁴ Vide Anexo II.

Sem dúvida, essa foi a divisão mais marcante na história do trotiskismo. Somente em 1968 seguiu-se uma unidade maior dentro das organizações trotiskistas, ocorrendo novos agrupamentos em vez das diversas cisões geradas pelo embrião de 1952, da política pablista³⁵. Em alguns países, o trotiskismo teve uma atuação importante e, assim, destacaremos a atuação dos trotiskistas na URSS, EUA e Ceilão. O destacado papel do trotiskismo na Bolívia será descrito no próximo tópico, que se refere ao movimento na América latina.

Na antiga URSS, os trotiskistas foram duramente reprimidos por formarem uma oposição às medidas de burocratização stalinistas. Muitos foram fuzilados nos campos de concentração, uma prática recorrente do stalinismo com a eliminação física dos seus opositores. O embrião do internacionalismo trotiskista foi a URSS. Conforme Marie (1977, p.70),

De janeiro de 1928 a 1938, as colunas de trotiskistas, reais ou pretensos não param de preencher os campos, onde, em geral, eles controlam a maioria dos milhares, a seguir, das dezenas de milhares de deportados comunistas. Ciliga, comunista iugoslavo deportado ao principal dos “isoladores políticos”, testemunha: a imensa maioria dos detidos comunistas eram trotiskistas. Em Verkhene-Uralsk, que edita dois boletins: O pravda na Prisão e o Bolchevique Militante. O coletivo dos prisioneiros do campo era dirigido por um trio de antigos três trotiskistas. As figuras mais eminentes de Verkhene-Uralsk eram Dingelstedt, chefe de todas as comissões de greve que estimularam incansáveis greves de fome até 1937, e Solntsev, que morreu em 1933.

Nos campos de concentração de 1937, os trotiskistas foram exterminados com metralhadoras e, em Leningrado, os jovens militantes comunistas eram assassinados e suas últimas palavras eram: “Viva Trotsky!”.

A atuação do trotiskismo também foi exemplar no Ceilão (atualmente Sri-Lanka). Durante a década de 1930, um grupo de estudantes, que haviam tido sua formação na Universidade de Londres, funda o Lanka Sama Samaya Party (LSSP). Esse partido tinha por base dois elementos de constituição política, que eram o apoio à crítica trotiskista ao stalinismo e a luta pela independência do Ceilão, tendo aliado sua política ao “pablismo” em 1953, visando sua independência. O partido passou à Quarta Internacional no início da década de 1940, mas foi sendo dissolvido pelo governo

³⁵ Sobre isso, ver, nos anexos, o quadro das organizações trotiskistas construído por Daniel Bensaid.

imperialista britânico. Tinha uma atuação em vários sindicatos (comércio, indústria, transportes, estivadores). Durante o ano de 1953, uma greve geral levou os trabalhadores do Ceilão à linha de frente na luta contra os “exorbitantes” aumentos nos preços do arroz. Daí em diante as orientações do “pablismo” ao SSLP o levaram a capitulações às políticas da Frente Popular com partidos reformistas centristas (SLFP) e PC’s stalinistas da região, participando de governos de coalizão com o (SFLP) e o PC, configurando-se como um partido reformista. (MARIE, 1977).

Os EUA foram outro local onde houve certo desenvolvimento de um partido trotiskista com uma maior influência sobre setores dos trabalhadores. O *Socialist Workers Party*, conhecido pela sigla SWP, foi um dos maiores partidos trotiskistas, o qual dirigia um setor importante, como o sindicato dos caminhoneiros de Mineapólis, contando com 18 dirigentes na década de 1940. O isolamento do movimento europeu e a forte repressão do governo dos EUA, bem como a repressão dos stalinistas, trouxeram para os trotiskistas do SWP a política de proteção de seus quadros e a formação de seus militantes, sem deixar de lembrar suas posições políticas de anti-defensismo da URSS. A situação provocou polêmicas com Trotsky sobre a natureza da URSS e a possibilidade de sua defesa no caso de um ataque do imperialismo sobre o Estado Operário Degenerado. Essas polêmicas ficaram registradas na obra *Em defesa do marxismo*, escrita por Trotsky. Houve, em meio a luta em Cuba, um apoio do SWP ao Castrismo, até levado a sua completa capitulação ao mesmo. Desenvolveu-se uma adaptação ao Castrismo e aos círculos intelectuais nortes-americanos. (MARIE, 1977).

Esses exemplos ilustram que as tentativas de desenvolvimento do trotiskismo no mundo estavam interligadas ao desenvolvimento da luta de classes na Europa e a políticas de capitulações aos regimes castristas e parlamentares de Frente Popular. Diante de fracassos em greves gerais, momentos de ascenso da luta de classes e sua não efetivação na conquista do poder, houve retrocessos na luta de classes que avançaram na repressão sobre os trotiskistas. As orientações da Quarta Internacional com a política “pablista” serviram de suporte teórico e prático para derrotas e mais derrotas dos trotiskistas, dificultando ainda mais o processo de mobilização e construção revolucionárias em seus aspectos subjetivos e objetivos. Passemos a esboçar um pouco do panorama do trotiskismo na América Latina, onde o exemplo mais emblemático de luta foi na Bolívia, na luta dos trabalhadores da mineração.

1.5) América Latina e “Los troskos”

“Los troskos”, como são conhecidos os grupos trotiskistas da América Latina, tiveram uma atuação desligada das correntes internacionais da Europa, intervindo na realidade dos seus países e no continente, mas não conseguiram irradiar-se como um movimento unificado por toda América do Sul. Os primeiros grupos trotiskistas que surgiram no continente sul-americano foram o resultado de rompimentos com os Partidos Comunistas. Diante das lutas da Oposição de Esquerda na URSS, contra a política stalinista, diversos grupos rompem com os PC’s para se juntarem a política da Internacional Comunista, que afirmava as considerações de que todos os governos burgueses ou mesmo os anti-imperialistas, na realidade, eram identificados com o fascismo. Até mesmo as organizações operárias que não fossem comunistas eram caracterizadas como “social-fascistas”. Ocorria uma profunda discordância ao combate a essa política do stalinismo para a América Latina. Para completar sua desastrosa política, os PC’s, ainda repletos de um sectarismo exacerbado, criavam seus próprios sindicatos, os sindicatos vermelhos, recusando atuar nos sindicatos institucionais e nos ilegais que não tivessem à frente sua direção política.

A Oposição de Esquerda latino-americana se forja na luta contra essa política. Nos anos 30, grupos ou partidos da Oposição são criados: Argentina, Uruguai, Chile, Brasil, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, México, Cuba, Panamá, e Porto Rico. Até 1933, vão lutar pela reforma dos partidos comunistas e da IC, da qual se consideram uma fração excluída. A partir da ascensão do nazismo, e conforme o balanço feito pela Oposição Internacional, se encaminharão em direção à formação da Quarta Internacional. (COGGIOLA, 1984, p.19).

Com as divergências políticas destacadas no Chile ocorreu a formação do partido Esquerda Comunista nos anos 30, que se alinhou politicamente com Andrés Nin do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista) da Espanha. Eram conhecidos como hidalguistas, por ser Hidalgo seu principal dirigente político. Esse grupo teve uma intervenção destacada no Chile, com experiência de autogestão na construção do Hospital Policlínico, com a substituição das empreiteiras pela autogestão e conseguindo reduzir a jornada de trabalho. Porém, durante o ano de 1936, a Esquerda Comunista se alinhou a Frente Popular, ingressando nela, inclusive, com seu principal dirigente político Hidalgo, tornando-se embaixador da Frente Popular no México. Diante desse

erro político, um grupo da Esquerda Comunista discorda desse alinhamento político e, junto com Enrique Sepúlveda, passa a atuar politicamente em Santiago, constituindo, em 1935, o Grupo Bolchevique Leninista, que se alinhou politicamente à Quarta Internacional. No ano de 1937, esse grupo constituiria o Partido Obrero Revolucionário (POR) - Boliviano³⁶. (COGGIOLA, 1984).

Na Argentina, durante a década de 1930, o trotiskismo sequer chegou a se estabelecer como um partido com forte influência de massas, mesmo contando com um dos principais dirigentes sindicais da época, conhecido como Mateo Fossa. As divergências políticas perderam espaço para polêmicas de cunho pessoal entre os grupos trotiskistas no país, dificultando a constituição de uma organização mais consolidada no movimento de massas. O fato era que esses grupos estavam desligados do movimento operário, destruindo assim uma forma organizativa que tivesse consolidação e construção no movimento, um grupo que ganhasse destaque diante do nacionalismo que arrastava organizações operárias. É o Partido Operário da Revolução Socialista (POSDR), que, diante de uma polêmica de libertação nacional ou socialismo, era apoiado por um delegado da Quarta Internacional, dando seu apoio à política clara de que somente a revolução socialista poderia garantir uma real libertação. A divergência girava também sobre o apoio do setor burguês ao nacionalismo. Enquanto partido, teve curta duração, dividindo-se em vários grupos no início da década de 1940, levado, principalmente, pela onda do peronismo. Destaca-se aqui a presença de José Posadas³⁷ como dirigente político desse grupo juntamente com Esteban Rey, Jorge A. Ramos e Ernesto Sábato, estudante na época. (COGGIOLA, 1984).

Depois da Segunda Guerra Mundial, a Argentina destacou-se como um forte centro do trotiskismo na América Latina. O peronismo trouxe o país para o centro dos debates políticos da época. Os diversos grupos trotiskistas estavam separados diante da estratégia política a ser levada a cabo em relação ao peronismo. Existiam três grupos: 1. o Grupo Outubro que caracterizava o peronismo como fruto de uma revolução democrático-burguesa, destacando sua progressividade e, assim, politicamente dando

³⁶ Cabe destacar que esse grupo político não é o POR-T que estudamos, o qual tem como principal dirigente José Posadas e somente é fundado na década de 1950. O POR que falamos nesse momento é o POR boliviano, que teve como principal dirigente político Guillermo Lora. Ver anexos.

³⁷ José Posadas foi o fundador do POR-T, sendo também seu principal dirigente político. Esse grupo trotiskista atuou em Fortaleza durante os anos depois do golpe militar e entrevistamos alguns de seus ex-militantes aqui em Fortaleza.

seu apoio crítico. Sua principal liderança era J.A. Ramos, que, em 1948, rompe com a Quarta Internacional por “ser imperialista”, segundo ele. 2. o grupo Quarta Internacional (mais adiante conhecido como POR-T), cujas interpretações políticas se assemelhavam ao primeiro grupo, mas defendia independência operária e a se manter ligado à Quarta Internacional, tendo como principal dirigente político José Posadas. 3. O Grupo Operário Marxista – (GOM), que avaliava o peronismo como um movimento de direita, de cunho reacionário, tendo como principal expoente político Nahuel Moreno³⁸. Depois de toda disputa política sobre a caracterização do tipo de partido e da política a ser adotada contra o populismo, no Congresso de 1948, da Quarta Internacional, não foi resolvida a questão e o militante uruguaio Ortiz passou a percorrer a América Latina como membro do Comitê Executivo, buscando organizar e dar coordenação aos trotiskistas latino-americanos. (COGGIOLA, 1984).

A Bolívia foi o local de refúgio de alguns militantes trotiskistas brasileiros como Fúlvio Abramo, Marino e Inês Buhuchet, que buscavam fugir da repressão do Governo Vargas no ano de 1937. Nesse país, passaram a manter contatos com os trotiskistas Guillermo Lora³⁹ e Walter Asbun. Antes desse período, já havia surgido uma primeira geração de trotiskistas bolivianos que teve como liderança José Aguirre Gainsborg, um dos fundadores da Esquerda Comunista do Chile. O POR foi resultado da fusão da Esquerda Comunista com o grupo Tupac Amaru. A morte de Aguirre, em um acidente, no ano de 1938, enfraqueceu o POR durante vários anos, mas uma segunda geração de militantes surgiu, a qual que tinha como principal expoente político o estudante de direito Guillermo Lora. Esse partido desenvolveu um forte trabalho entre os mineiros, os quais impulsionaram greves de massas, uma delas conhecida como o massacre de Catavi, quando os operários das minas fizeram uma massiva greve, que foi duramente reprimida, no ano de 1942. (OLIVEIRA, 2007).

O POR boliviano tinha um trabalho de base no operariado das minas. No ano de 1944, foi organizada a FSTMB (Federação Mineira). Em março de 1946, realizou-se o III Congresso, que também tinha à frente o MNR (Partido Nacionalista burguês da Bolívia), os quais aprovaram grande parte do Programa de Transição da Quarta Internacional, que incluía controle operário da produção, milícias operárias, escala

³⁸ Vide Anexo I.

³⁹ Vide Anexo III.

móvel de salários e das horas de trabalho. Depois desse acontecimento, vários trotiskistas foram eleitos para a direção da FSTMB. No final do ano de 1946, é reunido um novo Congresso que aprova as “Teses de Pulacayo”, colocando-se à disposição de combater a conhecida oligarquia do estanho, pois a direção nacionalista do MNR era incapaz de defender-se da reação que os setores burgueses estavam articulando (governo da “rosca”, oligarquias do estanho). (OLIVEIRA, 2007, p.75). Lora (1948, p.10) afirma que

O correto é dizer que as teses de Pulacayo empregam-se o método do programa de Transição, que por outro lado foi uma das preocupações da Internacional Comunista da primeira época: conseguir mobilizar as massas para a tomada do poder, partindo de sua luta diária, da real evolução de sua consciência e, inclusive, de seus prejuízos. Tomam-se algumas consignas do programa da Quarta Internacional, ainda que se as imprimam características particulares, consignas que fazem parte da tradição do movimento operário e revolucionário: a escala móvel de salários, o controle operário, a ocupação das fábricas, por exemplo. A experiência tem-nos ensinado que se podem reagrupar as massas dispersas ao redor das consignas transitórias.⁴⁰

Esse momento da história boliviana tornou-se o ápice do movimento trotiskista, pois estava na ordem do dia a tomada do poder pela primeira vez na história da humanidade por um grupo trotiskista e sua luta na concretização da teoria da revolução permanente. De acordo com Lowy (2006, p.180),

Em novembro de 1946, reúne-se na cidade de Pulacayo um Congresso extraordinário da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB) e aprova um documento, conhecido desde então como Teses de Pulacayo. Os militantes do POR (Partido Obrero Revolucionário), fundado em 1934, especialmente Guillermo Lora, foram os principais redatores deste texto claramente inspirado na concepção trotiskista da Revolução Permanente. Portanto, esta é uma exceção notável no movimento operário latino – americano deste período, dominado pela estratégia muito moderada de “união nacional”, pregada pelos partidos comunistas. As Teses de Pulacayo tornar-se-ão um documento de referência central do movimento operário boliviano e continuam em vigor nos dias atuais.

Durante o ano de 1946, existia uma situação de alternâncias no poder pelos “chamados barões do Estanho”, que eram os donos das principais minas do país como as seguintes: Rotschild, Patino e Aramayo. Diante de um quadro de superexploração, por exemplo, Oliveira (2007) afirma que metade da população, principalmente os camponeses indígenas, não tinha sequer os seus direitos civis reconhecidos, nem direito

⁴⁰ Artigo publicado no jornal do *POR-Massas*, no dia 07 de junho de 2009. Título do artigo de Lora: “Como devem entender-se as teses de Pulacayo?” (1948).

à educação, trabalhando em situação servil para os grandes latifundiários, além da passagem pelas cidades ser restrita. Como assinalamos, desde a década de 1940, estavam ocorrendo fortes processos de organização dos trabalhadores devido à agudização das lutas, isso se dava tanto nos setores operários quanto no dos camponeses.

Na organização dos trabalhadores e no quadro dos partidos políticos, podemos perceber que o stalinismo não conseguiu se firmar na classe trabalhadora, mas o trotiskismo conseguiu desenvolver esse trabalho, sendo referência para os trabalhadores mineiros. Quando em 1951, o MNR (partido de cunho nacionalista burguês) venceu as eleições, o exército apoiado nas elites mineradoras deu um golpe e instalou uma ditadura que se caracterizava pela sua extrema repressividade. Alguns setores do exército e da polícia, durante o ano de 1952, tentaram uma retomada do governo, mas foi derrotado, entregando algumas armas aos trabalhadores fabris de La Paz. Os mineiros de Oruro levantaram-se contra o golpe, destruindo o exército na região e se deslocando para a capital La Paz. Os trabalhadores expropriaram um trem repleto de armas e desde esse momento enfrentaram-se com sete regimentos do exército, derrotando todos e retirando os armamentos. Esses sete regimentos derrotados formavam a espinha dorsal do exército boliviano. (COGGIOLA, 1984).

Nos marcos de toda essa efervescência revolucionária foi organizada a COB (Central Operária Boliviana) com suas milícias operárias. Depois dessa vitória, a presidência do país foi entregue a Vitor Paz Estenssoro. Nesse período, as únicas forças armadas no país estavam em poder da COB, que eram as milícias operárias e que tinham como co-direção o POR boliviano. A revolução ganhou novo fôlego com as insurreições camponesas que ocuparam latifúndios e terras nos vales de Cochabamba. Frente a toda essa situação revolucionária, o trotiskismo perdeu uma enorme oportunidade de consolidar o que seria o primeiro processo revolucionário vitorioso dirigido por um partido trotiskista.

O SI da Quarta Internacional, dirigido por Pablo e Mandel, deu a orientação de apoiar o governo do MNR, e inclusive aconselhou o POR a entrar nesse partido, caracterizado por Pablo como um partido da “baixa burguesia mineira”. O POR não chegou a entrar no MNR, porém deu apoio crítico ao seu governo. Em uma resolução da X Conferência do partido boliviano, de junho de 1953, lê-se: No presente momento, nossa tática consiste em agrupar

forças, em aglutinar o proletariado e os camponeses em um só bloco para defender uma iminente ameaça da reação ao latifúndio e do imperialismo [...] chamamos o proletariado internacional a defender incondicionalmente a Revolução boliviana e seu governo (MNR de Paz Estenssoro) é importante observar que em nenhum momento o imperialismo atacou o governo do MNR, pelo contrário, apoiou desde o início. (SAGRA, 2005, p.175).

Diante disso, o trotiskismo latino-americano entrou em polêmicas com o Secretariado Internacional da Quarta (SI), pois atestava que somente o governo da COB poderia cumprir o programa revolucionário das massas bolivianas, com a palavra de ordem: “Todo poder a COB!”. Porém, somente em 1956, depois do exército burguês ter sido reconstruído e se fortalecido e quando movimento de massas está completamente desmobilizado, é que os trotiskistas bolivianos do POR, chamaram a consigna de: “Todo poder a COB!”. Diante disso, a orientação “pablista” mostrou sua perspectiva de colaboração de classe. A Bolívia foi a única possibilidade histórica aberta para que uma seção da Quarta Internacional conquistasse o poder em um país no pós-guerra. Fracassou por erros estratégicos e por uma orientação política centrada na colaboração de classes. Segundo Oliveira (2007, p.121),

Tais orientações levaram o POR a por em segundo plano seu próprio lugar e seu fortalecimento como partido e apostar cada vez mais o futuro da revolução na esquerda do MNR. De fato, o partido deixava passar o momento de duplo poder que se desenvolvia com a construção da COB e nada dizia sobre a necessidade de a COB tomar em suas mãos tarefas concretas de governo, possibilidade existia.

Outros países como Chile ou mesmo Cuba podem ser apontados como locais onde os trotiskistas atuavam, ou ainda a Guatemala e Nicarágua. Devido à delimitação da pesquisa, apresentamos a Bolívia e a Argentina por terem ligações com nossa pesquisa. A Argentina por ter sido berço dos dirigentes Posadas e Moreno, os dois teóricos e principais dirigentes do POR-T e da FBT, respectivamente; já a Bolívia por ter sido marco importante do trotiskismo latino americano. Passemos agora ao capítulo dois, no qual falaremos das origens do trotiskismo no Brasil e dos grupos que pesquisamos.

CAPÍTULO SEGUNDO



**Silenciados ou esquecidos:
onde estão os trotiskistas brasileiros na história?**

2.1) O trotiskismo no Brasil (1928-1964)

Desde a morte de Lênin, em 1924, até seu assassinato no México, Trotsky sempre se considerou como um continuador de Lênin e um representante do leninismo autêntico contra a falsificação stalinista da herança bolchevique: seus partidários (também no Brasil, se apresentavam como ‘Bolcheviques-Leninistas’. Esta autodefinição não é arbitrária: as idéias de Trotsky sobre o partido de vanguarda, o internacionalismo, a frente única operária, a revolução como processo insurrecional contra o Estado burguês, têm nítido corte leninista. (MORAES, 1995, p.223).

O trotiskismo no Brasil só começa a ser estudado por jovens intelectuais nas pesquisas universitárias no período de (1990-2000), quebrando um hiato histórico e a visão única pregada pelo stalinismo durante muito tempo. Esses hiatos históricos ou mesmo a versão da “vulgata stalinista” sobre o trotiskismo não auxiliam na compreensão do fenômeno. Essas pesquisas possuem importância por destacar de forma mais apurada o que significou e qual a influência da esquerda trotiskista na compreensão do passado. A importância do seu estudo também reside no seguinte fato:

Durante mais de três décadas o trotiskismo brasileiro envidou esforços para a construção de organizações revolucionárias inclusive durante períodos políticos muito difíceis e repressivos. Os resultados obtidos atingiram alguma importância, mas sempre efêmera e, como corrente política, o trotiskismo brasileiro se caracterizou pela descontinuidade, além das já conhecidas divisões, as mais das vezes refletindo debates internacionais (que provocaram divisões, as divisões e cisões também nessa escala). O trotiskismo, por outro lado, foi uma referência mais que notável para a intelectualidade revolucionária, a ponto de vários dos intelectuais de esquerda dessas quatro décadas (de 1930 até 1960) como Mário Pedrosa, Hermínio Sachetta⁴¹, Pagú, Lívio Xavier⁴², Rodolfo Coutinho, Florestan Fernandes, Moniz Bandeira, Edmundo Moniz e outros também mencionados acima, terem no trotiskismo e na Internacional um quadro fundamental de suas experiências e elaborações teórico-políticas. Mas estas mal e mal conseguiram estabelecer como uma “tradição teórica”, provavelmente devido à própria descontinuidade político-organizativa do quadro partidário que lhe servia de referência estratégica. O resgate dessa tradição, que com certeza inclui boa parte do que de melhor se produziu no pensamento marxista brasileiro, implica, porém, para ser completa e crítica, a reconstituição da trajetória política que lhe forneceu o seu leito histórico. (MAZZEO, 2003, p.269).

Por volta de 1928, surge o trotiskismo no Brasil, como frações, nos partidos comunistas da América do Sul. Na realidade, algumas frações passam a ter contato com

⁴¹ Vide Anexo IX.

⁴² Vide anexo VIII.

a Oposição de Esquerda Internacional liderada por Leon Trotsky. Daí em diante, surgiram várias gerações de grupos trotiskistas.

As primeiras manifestações do trotskismo, em fins dos anos 1920, surgiram com uma dissidência na célula 13 do PCB, no Rio de Janeiro, e tinha como expoentes da divergência João da Costa Pimenta e Hilcar Leite, as lideranças da Federação Sindical Regional do Rio de Janeiro em completa oposição em torno da política sindical adotada pelo PCB. A Oposição Sindical criticava o PCB por fazer dos sindicatos, células partidárias.

Também houve uma ala intelectual que rompeu com o PCB por estar em oposição às diretrizes políticas do Partido, que eram extremamente nacionalistas, além de sua aproximação política com a Coluna Prestes. Podemos destacar os nomes de Lívio Xavier, Fúlvio Abramo e Rodolfo Coutinho. Os militantes do PCB tinham influência na juventude comunista, conseguindo a adesão de Hilcar Leite e Aristides Lobo. Conforme Neto (1993, p.24),

A partir da intervenção desses homens, a cultura política de esquerda, antes marcada pelo anarquismo, posteriormente pelo comunismo, veria crescer, dentro desse último, e na segunda metade dos anos 20, o que posteriormente se chamou de “trotiskismo” ou Quarta Internacional.

Diante das divergências internas, os dissidentes tiveram acesso aos documentos da Oposição de Esquerda Internacional enviados por Mario Pedrosa, que se encontrava na Europa. Mário entrou em contato com documentos e militantes da Oposição de Esquerda Internacional na Alemanha, logo mais, viajando para Paris. Ao enviar os documentos, encontrou adesão de Lívio Xavier, Hilcar Leite e Rodolfo Coutinho. Mário Pedrosa havia ficado doente na Alemanha e entrado em contato com Benjamin Péret e Pierre Naville, juntamente com outros escritores surrealistas.

O surgimento do GLC, que contestava a política dos comunistas em favor de uma regeneração do PC nos moldes bolcheviques, colocou o Brasil no debate realizado pelos maiores partidos comunistas do mundo, em que se definiram os rumos da III Internacional. (NETO, 2007, p.28).

Em fins de 1929, Mário Pedrosa foi expulso do PCB por estar ligado a idéias européias (da Oposição de Esquerda). O agrupamento dos setores que dialogaram com

Pedrosa formou o GLC (Grupo Comunista Lênin) que, por volta do mês de maio de 1930, publicou um jornal na cidade do Rio de Janeiro, conhecido como *Luta de Classe*. Sua ação era dirigida aos trabalhadores mais avançados na consciência de classes, ou seja, aos trabalhadores que representavam uma vanguarda, procurando reverter toda orientação política do PCB. O GLC não procurava inicialmente combater o PCB, mas recolocá-lo na sua linha política traçada na sua fundação. (NETO, 1993).

Somente no ano de 1931 foi formalizada a LCI (Liga Comunista Internacionalista), a qual passou a ser a Seção Brasileira da Oposição de Esquerda Internacional. Suas bases organizativas eram as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Tinha uma atuação dirigente na União dos Trabalhadores Gráficos e inserção, por intermédio da Federação dos Sindicatos, em diversas categorias: tecelões, metalúrgicos, comerciários, trabalhadores de estações elétricas e transportes. Durante o ano de 1930, foi criado o Boletim Internacional da Oposição de Esquerda da Terceira Internacional, com a presença do grupo brasileiro e outras organizações de outros países. Foi também criado um birô-político e um secretariado, cuja formação influenciou a passagem do GLC para a LCI.

A Liga Comunista, liderada por Trotsky e Rakovsky - ambos deportados e perseguidos por defenderem a integridade dos princípios que, em 1917, deram a vitória aos trabalhadores da Rússia, tem um caráter bem definido de fração de esquerda do partido, o que vale dizer: fração de esquerda internacional comunista. Reivindicando o restabelecimento da liberdade de discussão nas fileiras do partido, ela é antes de tudo o reflexo de uma posição histórica: a luta pela regeneração da ditadura do proletariado na URSS, cuja estabilidade vem sendo ameaçada pelo perigo termidoriano, e a continuação proletária em todos os setores da luta de classe. (KAREPOVS, 1987, p.93).

Durante esse período, esteve também na organização o militante Salvador Pintaude, que era diretor da Editora Unitas, quem fez as primeiras traduções dos livros de Trotsky para a língua portuguesa, contando com a orientação de Mário Pedrosa, Aristides Lobo e Lívio Xavier. Além disso, elaboraram um suporte teórico de análise da realidade brasileira a partir do marxismo. Ferreira (2007a, p.398) destaca que

O texto “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”, de autoria de Mário Pedrosa e Lívio Xavier, é um notável produto, além de apresentar as origens e especificidades do desenvolvimento capitalista brasileiro, demonstra que suas formas específicas, resultado da coexistência de formas atrasadas e avançadas de dominação política e produção

econômica, condicionaram processos de constante instabilidade política e econômicas que governos centralistas buscavam manter sob seu controle.

A LCI foi responsável por uma análise da revolução de 1930 que se dedicava a entender tal processo a partir de fatores ligados à dinâmica interna da luta de classes. A LCI destacou como palavra de ordem a reivindicação da formação de uma Assembléia Constituinte, provocando ataques do PCB, que acusou seus militantes de “lacaio do imperialismo”. Para o PCB, o processo da dita “Revolução de 30” foi tão somente um capítulo da luta interimperialista, gerando uma crise e o isolamento do Partido. Neto (2007, p.127) ressalta que

[...] reunir as diversas frações que se identificavam de um modo ou de outro com os argumentos da Oposição de Esquerda russa, foi um longo caminho que, de fato, só começou a se concretizar em meados de 1930. Nesses anos que precederam o primeiro encontro internacional da Oposição de Esquerda a não organização do movimento contribuiria para a dispersão. Os militantes revolucionários descontentes com o PC ou abdicavam da militância, ou atuavam sindicalmente, com eventuais debates localizados sobre os problemas internacionais do socialismo.

A defesa da LCI do “chamado” à Assembléia Constituinte partia da análise da formação histórica brasileira e dos trajetos políticos que estavam colocados. De acordo com a compreensão dos trotiskistas, essa Constituinte seria do proletariado, diferente da constituinte burguesa. Isso ocorreria pela via dos *soviets* (organismos de duplo poder) em paralelo com a elaboração da Constituinte, com autonomia municipal e a gestão direta da população. Isso seria realizado apenas com a guinada da política do PCB, e só seria possível se houvesse uma luta conjunta do proletariado e do PCB na formação dos *soviets* de forma paralela à Constituinte. A LCI defendia que a unidade nacional efetiva somente poderia ser feita pelo proletariado, em detrimento do conflito burguês de 1932, ou não. Ou seja, somente a ditadura do proletariado poderia libertar o Brasil da dominação imperialista, conservando a unidade nacional. A LCI também caracterizava que a gênese da burguesia brasileira provinha do campo e não do setor urbano, exemplo da Europa e de sua burguesia. Segundo Barbalho (2003, p.60),

A Liga Comunista foi fundada por Lívio Xavier que manteve seu codinome Lyon, Mário Pedrosa, codinome Cunha, Aristides Lobo, codinome Antônio e mais seis companheiros. Até março de 1933, alcançou o número de 54 adeptos entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Mais do que o número de adeptos de outros grupos. No entanto é importante observar a importância da Liga na radicalidade de sua crítica e de sua intervenção política, a mesma observação feita em relação ao GCL.

A atuação sindical dos trotiskistas foi destacada no sindicato dos gráficos, tecelões, ferroviários e bancário e juntamente com os anarquistas formaram a Coligação dos Sindicatos, no ano de 1934. Nesse mesmo ano, devido ao impulsionamento dos trotiskistas, surgiu uma Coligação das Esquerdas, reunindo também outros grupos como os anarquistas, os socialistas, grupos de operários estrangeiros e também o comitê São Paulo do PCB, que tinha como direção o jornalista Hermínio Sachetta. Todos esses grupos se reuniram em uma espécie de frente única contra o fascismo brasileiro, o integralismo. Sem dúvida, os trotiskistas da LCI teriam essa unidade como um dos seus principais feitos. (MAZZEO, 2003).

Os trotiskistas Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo já tinham feito análise do fascismo por meio da arte cinematográfica no filme *Scarface*. Eles fizeram uma espécie de analogia entre o fascismo e a máfia, como uma classe de lupemproletários que havia tomado ou se apossado do Estado sob o apoio das classes dominantes, assim evitando qualquer ascenso revolucionário.

A LCI fez uma frente com a coligação dos Sindicatos e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), participando assim da Coligação das Esquerdas ou Esquerdas Proletárias que se aglutinaram, procurando disputar as eleições para a Constituinte Paulista e a Câmara Federal. Em seu programa, a frente apresentava: reivindicações econômicas imediatas e reivindicações nacionais para as massas. Mesmo sendo um grupo pequeno em relação aos grandes partidos, a Coligação Proletária chegou a ter uma votação mais expressiva do que a Ação Integralista Brasileira e o PCB. Chegaram a ter 8.508 e 8.289 votos respectivamente para a Assembléia e a Câmara Federal. (MAZZEO, 2003).

Provavelmente um feito histórico dos trotiskistas foi de ter participado das lutas antifascistas, no dia 1 de maio de 1934, quando ocorreu uma manifestação pública antifascista. Essa manifestação era dirigida e organizada pela Frente ou Liga e os anarquistas. Mário Pedrosa, no mesmo dia, propagandeia pela primeira vez, no Brasil, a urgência de se construir a Quarta Internacional, relatando a política de capitulação do PC alemão, no ano de 1933, abrindo caminho para Hitler. Para se firmar uma frente antifascista, houve toda uma campanha no ano de 1934, com a LCI, os anarquistas e os

socialistas ao redor do periódico *O Homem Livre*. O PCB somente ingressou nessa luta antifascista, na Praça da Sé, no ano de 1934.

Entretanto, ocorreu uma contra manifestação aos integralistas nesta Praça, resultando em um conflito que teve a utilização até de armas de fogo. Esse episódio ficou conhecido como “A revoada dos galinhas-verdes”, devido aos integralistas utilizarem camisas verdes. Os jornais noticiavam: “Os pequenos burgueses mussolinianos de Plínio Salgado abandonaram até as camisas na fuga” (MAZZEO, 2003, p.246).

Diante da Quatelada, *pustch* do PCB, com a tentativa de organizar um levante nacional, a partir de Natal (Rio Grande do Norte), o governo Vargas reprime intensamente o movimento operário. Os trotiskistas combateram e não pouparam críticas ao autoritarismo do PCB nos anos de 1935 e 1936. A esquerda foi reprimida com os trotiskistas sendo presos, exilados. Os dirigentes trotiskistas foram presos, ocorreu a morte do militante Manuel Medeiro. Mário Pedrosa e Fúlvio Abramo se exilaram na Bolívia, juntamente com outros militantes, como Mariano e Inês Besouchet, que presenciariam o surgimento do POR-Boliviano. A consequência do *pustch* do PCB e da ANL foi a completa repressão e esmagamento do movimento operário sob o governo Vargas. Para os trotiskistas não foi diferente, a sua organização foi completamente cindida.

O fato é que a violenta repressão da ditadura getulista ao movimento operário organizado, partidos e sindicatos, fez com que os trotiskistas praticamente regredissem, de 1936 em diante, ao estágio de grupo de propaganda, cuja maior audiência, desta vez involuntariamente eram os comunistas (Nunca é demais lembrar que este foi o período dos processos de Moscou, em que o trotiskismo era a “besta negra” do movimento operário). (MORAES, 1995, p.243).

Nesse período há divergências internas na LCI que provocam a ruptura de alguns militantes como: Aristides Lobo e Raquel de Queiroz, escritora cearense, além de Vitor Azevedo. Esses tecem críticas ao modo “aventurístico” e “militarista” da LCI.

É certo que hoje, 63 anos depois, já com o olhar voltado para a história daqueles anos, não é difícil entender que a dispersão seria o resultado mais previsível para aqueles que se opunham à IC e as suas seções nacionais. Trotsky havia sido derrotado na URSS, “pátria do socialismo”, expulso do PC e do território russo pelo governo que ajudara a construir. O trotiskismo

como sinônimo de contra-revolução já havia transposto o território soviético, era utilizado como escudo protetor dos partidos comunistas contra as críticas dirigidas à sua política. (NETO, 2007, p.127).

Por volta do ano de 1937, diante da façanha golpista do Plano Cohen, em pleno Estado Novo, ocorre a viagem de Mário Pedrosa para a França, onde auxilia e participa do congresso de fundação da Quarta Internacional, em setembro de 1938. Pedrosa foi o único representante da América Latina. Uma outra geração de trotiskistas brasileiros, ou seja, a segunda geração do trotiskismo brasileiro tem sua origem na união entre um grupo de militantes expulsos do PCB, sob a liderança de Hermínio Sachetta, que era redator do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB, e dirigente do Comitê Estadual de São Paulo e o POL (Partido Operário Leninista). O grupo de Hermínio Sanchetta se denominava Dissidência Pró-Reagrupamento da Vanguarda. A junção desse grupo com o POL deu origem ao PSR (Partido Socialista Revolucionário). Esse partido conseguiu adesão de Patrícia Galvão, a poetisa Pagu, Florestan Fernandes, que se afastou do PSR nos fins da década de 40, devido a uma proposta de bolsa de estudos no exterior. Isso gerou uma crise de consciência em Florestan. (SACHETTA, 1992).

O PSR desenvolveu particular relação com o Partido Obrero Revolucionário, dirigido por Nahuel Moreno, e manteve grande identificação com esta organização, pela postura comum que ambos tiveram contra os movimentos nacionalistas de seus países no final dos anos 1940. (RIDENTI, 2007, p.143).

No ano de 1939, os partidários do SWP norte-americano (*Socialist Worker's Party's*), que era uma Seção da Quarta Internacional nos EUA, entra em uma polêmica com Trotsky sobre o caráter e a defesa da URSS, que Trotsky insistia em defender como uma conquista de classe operária e que perspectivava um ataque imperialista. Trotsky acrescentava que a URSS era um Estado Operário burocratizado, que nesse país havia ocorrido uma “Revolução social” que expropriou a burguesia, mas que uma “costa burocrática” havia se apropriado das conquistas, aproveitando-se dos privilégios para manter o poder. Daí, Trotsky afirma que seria necessário uma Revolução Política das massas operárias contra a burocracia, essa “revolução política” retiraria a burocracia do poder. Caso tal revolução não ocorresse, o capitalismo seria restaurado na antiga URSS. Esse prognóstico de Trotsky foi confirmado 50 anos depois. Os membros do SWP discordavam da política e análise de Trotsky sobre a natureza da URSS e sua defesa. Um dos principais representantes da teoria anti-defensista era Max Schatman, que acabou se desligando da Quarta Internacional. (TROTSKY, s/d).

No Brasil, Mário Pedrosa seguiu a tendência anti-defensista. Ele passa a viajar pela América Latina, fazendo propaganda e buscando recrutar adeptos do anti-defensismo. No entanto, no Brasil, quem se destacava era o PSR, que passou a se aproximar da Quarta Internacional, passando a ser uma seção desta, a partir do ano de 1943. Diante da queda do Governo Vargas, no Estado Novo, bem como o processo de redemocratização e das eleições presidenciais, o PSR adota a posição de defesa de uma candidatura classista ou o voto nulo. O PSR também elaborou fortes críticas às concepções etapistas do PCB, por meio do periódico *Orientação Socialista*. Sua atuação era mais concentrada no Estado de São Paulo, onde chegou a ser a principal direção política do sindicato dos jornalistas e o sindicato dos vidreiros. Também tinha atuação no Rio de Janeiro e no Paraná.

Existiram constantes críticas do PSR ao PCB, que para eles exercia uma política de colaboração de classes, ao fazer alianças com a burguesia sob a orientação dos stalinistas soviéticos. Esse projeto se esboçava na “revolução democrática” defendida pelo PCB. Prestes defendia que a linha do partido e sua justa aplicação eram problemas menos importantes. O PCB antes já propunha a unidade nacional em torno de Vargas, defendendo a tese da pacificação nacional como uma tática de combate ao fascismo. Era a conciliação nacional que deveria envolver, também, o proletariado, de tal forma que Prestes afirmava que uma vitória sobre o fascismo era o elemento que também eliminaria o imperialismo, e desse modo, até mesmo o capital estrangeiro auxiliaria o desenvolvimento nacional. Já o PSR pretendia lutar contra o imperialismo. Os trotiskistas não defendiam uma “revolução democrática” para o Brasil, que era caracterizado como um país de capitalismo retardatário. Na crítica dos trotiskistas às teses do anti-imperialismo do PCB, havia uma forte divergência sobre a teoria do PCB de ter havido um feudalismo no Brasil, e de que não havia necessidade de um tratado teórico para distinguir o latifúndio brasileiro do feudalismo, que o PCB avaliava ocorrer no campo brasileiro. Não ocorria uma discordância entre o latifúndio brasileiro e o feudalismo europeu. (MAZZEO, 2003).

Essa tese da feudalidade brasileira foi contra-atacada por uma análise teórica elaborada pelos trotiskistas, na qual procuravam compreender o processo de industrialização capitalista, acentuando suas ligações com o desenvolvimento do capitalismo mundial, identificando, assim, quais eram as relações entre o campo e a

cidade diante do capitalismo. De tal forma, que o PSR procurou entender as relações entre a agricultura e a indústria, dentro de um programa em que a produção do latifúndio estava interligada, ou viria a partir da produção capitalista, elucidando e se apropriando da “lei do desenvolvimento desigual e combinado”⁴³.

As teses das Frentes Populares do PCB, que criavam uma ideologia de um capitalismo progressista, com uma burguesia nacional que passava a se enfrentar com a burguesia internacional, levaram até mesmo o PCB a se opor às greves operárias, durante a Presidência da República do general Eurico Gaspar Dutra. O fato foi denunciado e observado pelos trotiskistas como verdadeira capitulação ao governo burguês. O PCB, elegendo os trotiskistas como principal adversário, não poupou esforços para indicá-los como traidores e colaboradores da burguesia. A política de alianças com a “burguesia progressista” e seu incondicional apoio ajudava a confundir os operários, exercendo uma verdadeira colaboração de classes, segundo os trotiskistas. (MORAES, 1995).

Somente pelo combate teórico e político dado pelo PSR ao PCB e suas teses programáticas e políticas já é possível perceber a importância desse partido, PSR, e de seu estudo. Porém, por volta do ano de 1951, depois do III Congresso da Quarta Internacional, Hermínio Sachetta, principal dirigente do PSR, mostra-se descontente com a política que foi votada e aprovada no Congresso. O pablismo, com sua teoria do “*entrismo sui generis*” nos partidos comunistas, seu rompimento com o trotiskismo, o leva a se orientar politicamente com as posições de Rosa Luxemburgo, fundando organizações com essa orientação política, como a Liga Socialista Independente (LSI) e o Movimento Comunista Internacionalista (MCI). Assim, o PSR se dissolve em 1952, devido, principalmente, à linha política do “pablismo” e ao descontentamento de seu principal dirigente, mas ainda não são claros os motivos. Segundo Ridenti (2007, p.147),

⁴³ A Lei do desenvolvimento desigual e combinado foi esboçada pela primeira vez na obra: “Balanços e Perspectivas” de Leon Trotsky. Essa teoria procura mostrar como o processo de desenvolvimento de determinadas formações sociais acaba por conter dentro de si as combinações de elementos correspondentes a diferentes etapas do desenvolvimento de outras formações sociais. Em um país como a Rússia Czarista de 1917 coexistia formações econômicas feudais e capitalistas, existindo ritmos diferenciados, mas que pertenciam a um mesmo processo histórico.

Não são claras as razões por que o PSR deixou de existir em 1951 ou 1952. Há, de um lado, indícios do esvaziamento progressivo desse partido após o fim da Orientação Socialista. De outro, existem depoimentos que mostram desacordo das lideranças do PSR com a orientação definida, em reunião penaria realizada em fevereiro de 1952, de se fazer “entrismo” dos partidos trotiskistas nos partidos socialistas e comunistas, seguindo as orientações do III Congresso da IV Internacional. Há ainda, outras fontes que afirmam que uma parte da liderança do PSR avaliava que Trotsky errara ao defender a URSS e abandonou o partido, deixando-o ser conduzido por um grupo de militantes jovens e sem experiência política. Talvez não seja incorreto especular uma combinação dos três e é algo que ainda necessita ser examinado.

Podemos destacar uma terceira geração de trotiskistas que se inicia com o POR-T (Posadista), que foi um dos principais partidos trotiskistas do Brasil⁴⁴, inclusive na América Latina. A “quarta posadista”, com sua seção de maior importância na Argentina, foi bem significativa nas décadas de 1950 e 1960. Teve atuação nas lutas de operários metalúrgicos, nos sindicatos agrários do Nordeste com destacada atuação, através de um dos seus militantes de codinome Jeremias. Tratava-se de Paulo Roberto Pinto, que recebeu homenagem de Antônio Callado, no livro *Quarup*. O personagem Levindo, o protagonista, foi inspirado em Paulo Roberto Pinto, que foi assassinado no confronto direto com latifundiários, no ano de 1963, na Cidade de També. Um dos nossos entrevistados, Gilvan Rocha, teve contato com Jeremias, que o influenciou a incorporar-se ao POR-T.

O jornal do POR-T era conhecido como *Frente Operária* (F.O) e esteve sob a direção do sociólogo Leôncio Martins Rodrigues. No entanto, Posadas, com o codinome do argentino Homero Cristali, sempre filtrava as elaborações teóricas e políticas do jornal, o que demonstrava o quanto as atividades gravitavam em torno dele. Essa forma de Posadas deixava claro o quanto tudo gravitava sob sua órbita, estabelecendo um ultra-centralismo, pois suas elaborações políticas eram muito questionadas por ex-militantes trotiskistas, inclusive dos trotiskistas não posadistas. A linha política do POR-T, seguiu revestida de apoio aos setores nacionalistas e colaboração ao governo do

⁴⁴ Para maiores análises sobre esses grupos trotiskistas (LCI e PSR) recomendamos a observação em nosso anexo II, onde se encontram documentos raros dos dois grupos que tratam da conjuntura internacional, da Oposição de Esquerda e da situação nacional. Os documentos se encontram em nosso trabalho para que haja mais uma fonte de preservação e consulta aos futuros pesquisadores do trotiskismo, eles podem ser encontrados também na UFC, no setor de micro-filmagem do NUDOC. Foram cedidos pela estudante Sara Campelo. Dessa forma tentamos cumprir mais um objetivo que é despertar para a preservação e ampliação das fontes, garantindo outro acesso aos futuros pesquisadores, que poderão encontrar esses documentos em nossa pesquisa no Mestrado Acadêmico de História da UECE.

Presidente Jânio Quadros no ano de 1953, tendo-o caracterizado como um governo que apresentava uma política e programa anti-imperialista.

As capitulações do POR-T se expressam no plano internacional devido, principalmente, por ter como orientação política o Secretariado Unificado da Quarta Internacional de Ernest Mandel e Michel Pablo que seguiam toda política pablista. A política de Michel Pablo levava em consideração, e tão somente, os elementos objetivos e com caracterizações e avaliações deslocadas da realidade. Por exemplo, o apoio ao Governo Jânio Quadros e sua caracterização como um governo anti-imperialista é uma demonstração clara de um erro na análise, caracterização e política trotiskista. Outro ponto de destaque é o desprezo, a incompreensão ou a falta de clareza política na estratégia da construção do partido revolucionário de massas. O posadismo e seu sectarismo o levaram a criar sua própria Quarta Internacional, rompendo com o Secretariado Internacional, durante o ano de 1959. Posadas tinha se candidatado para a secretaria da Quarta, mas foi derrotado por Lívio Maítan. Em 1962, descontente, acusou os dirigentes europeus de “intelectuais” e criou sua própria Quarta Internacional, a qual era a Posadista, isolando-se ainda mais do movimento de massas e do internacionalismo proletário.

Durante a ditadura militar, o POR-T, assim como vários outros grupos de esquerda, sofreu forte repressão. Como exemplo de baixas, ou desaparecidos durante a repressão, no POR-T, tem o caso do operário Olavo Hansen⁴⁵, no ano de 1970, e Rui Osvaldo Pfutzenhauser⁴⁶, que teve contato com os trotiskistas cearenses, como Mário Albuquerque que nos relatou o contato. Assim, desde o golpe civil-militar, os militantes do POR-T que não conseguiam ampliar seus quadros, nem atuar nas massas operárias, foram atingidos pela repressão e, com os erros políticos de Posadas, passaram por diversos rachas que geraram a FBT e a organização Primeiro de Maio dos Trabalhadores. O posadismo continuou durante os anos posteriores, mas com um forte esvaziamento. Daremos no capítulo seguinte maior atenção ao POR-T e a FBT em Fortaleza, como objetivos de nossa pesquisa.

⁴⁵ Vide anexo X.

⁴⁶ Vide anexo X.

Excetuando-se o período de 1937-34, a trajetória do trotiskismo no Brasil ficou sempre circunscrita a pequenos agrupamentos, sem que seu posicionamento produzisse qualquer grande efeito na classe operária. No entanto, em uma época em que se contrapor aos partidos comunistas era algo extremamente penoso, pois os PC's carregavam a "Aura" da Revolução Russa consigo, os trotiskistas tiveram o mérito de apresentar umas e outras e deixar raízes de muitas das bandeiras hoje hegemônicas no movimento operário brasileiro. (MORAES, 1995, p.241).

2.2) Os grupos trotiskistas de Fortaleza

O estudo do trotiskismo e seus grupos políticos de Fortaleza também expressam seu internacionalismo e seu nacionalismo. Sabemos que muitas são as dificuldades para tal estudo. Mas que ele assume uma grande importância na medida em que quebra o silêncio ou mesmo as produções limitadas sobre o assunto, já que não foi o objeto principal de outros pesquisadores.

O fato de não se terem transformado em ‘a’ história ou ‘o’ partido da classe operária serve muito mais para se pensar que não havia apenas ‘uma’ história ou ‘um’ partido e que, como tal, merecem ser examinados para auxiliar a compreensão, por exemplo, da esquerda brasileira e mundial fortemente influenciada pela idéia do monolitismo partidário e doutrinário, ou então, para uma leitura propriamente histórica em que se procure verificar o porquê de não ter(em) conseguido, ao seu tempo atingir os objetivos pretendidos. Buscar essa compreensão é, sem dúvida, uma tarefa exclusivamente desta ou daquela corrente, até mesmo daquelas que se consideram, na visão de historiadores engajados à sua linha, ‘com expressão política e social’. (RIDENTI, 2007, p.109).

Alguns outros argumentos são apresentados, tentando menosprezar sua existência enquanto grupos de esquerda ou mesmo somente os argumentos de que eram grupos extremamente “esquerdistas”, daí não se motivar a pesquisa dos grupos trotiskistas. Nenhum desses aspectos pode justificar a ausência de uma pesquisa mais profunda e delimitada sobre o assunto.

“Pequena expressão política e social”. Julgamentos desse tipo mais de uma vez foram emitidos para justificar a exclusão das organizações políticas trotiskistas como objeto de estudo para uma esquerda no Brasil. É inegável que essas organizações desde suas origens, no final dos anos 1920, sempre se caracterizaram por seus reduzidos efetivos. Em contrapartida, pequenos agrupamentos, que umas poucas vezes conseguiram uma audiência de massas, possuíam uma capacidade de interpretação da luta de classes na sociedade brasileira que lhes permitia observar e enunciar realidades que escapavam a outras organizações políticas contemporâneas, capacidade essa que, inegavelmente, já ao seu tempo, deixou raízes na história do movimento operário. (RIDENTI, 2007, p.109).

Devemos atentar para o fato de uma pesquisa sobre o trotiskismo ser relevante para a história política brasileira e de Fortaleza. Principalmente se levarmos em conta que as polêmicas do século XX, para muitos, se diz “superada”. Pesquisar e investigar mais detidamente o trotiskismo em Fortaleza no período da ditadura militar, também

marca uma contribuição para se compreender melhor o presente. Para a compreensão dos processos históricos e suas barbaridades no século XX, e em décadas passadas, se torna urgente rever as grandes polêmicas e lutas políticas que ocorreram no século XX e que ainda norteiam e se mantêm vivas em nosso presente. Leal (2004, p.14) ressalta que

As idéias revolucionárias, a crítica ao stalinismo, a democracia socialista, o combate à concepção de socialismo em um só país, a criatividade intelectual, a denúncia da burocratização da União Soviética, tudo isso constitui o patrimônio dessa corrente que nunca foi grande no Brasil, mas teve significativo peso no debate das idéias, e também na ação prática.

Todos esses aspectos foram observados pelos depoentes, demonstrando um conteúdo crítico e o quanto Fortaleza, do período da ditadura militar, estava imersa na atmosfera das lutas nacionais e internacionais da época, bem como produzia lutas locais que visavam uma perspectiva revolucionária. Mas o fato é que o trotiskismo, como organização política de esquerda, foi pouco estudado. Segundo Leal (2004, p.15),

A produção acadêmica e literária sobre o trotiskismo no Brasil nos anos 50 e seguintes é escassa, pouca. Esta é uma das razões da importância desse livro. Há um campo a ser pesquisado: parece crescer entre os jovens intelectuais o interesse, o autor é um desses.

A produção sobre as esquerdas esteve mais voltada para os partidos comunistas, agora se abrindo a outros horizontes de pesquisa, pois são bem recentes os estudos sobre o anarquismo, comparando com a produção acadêmica que esteve voltada aos partidos comunistas. O trotiskismo passa a ter essa atenção por parte de alguns jovens pesquisadores, como explica Leal (2005, p.16):

A importante e qualificada capacidade de produção de trabalhos sobre o Partido Comunista no País, acabou obscurecendo outras correntes de esquerda que também tiveram relevante papel. Não apenas os trotiskistas, mas também socialistas, anarquistas, trabalhistas, católicos, luxemburguistas. Parece que essa produção acabou desequilibrando até mesmo a memória a respeito do século XX. Como afirma De Decca (1981), “os vencidos não falam”. No caso do silêncio a respeito de uma parte da esquerda brasileira do Século XX, não é propriamente de vencidos que se trata. Tampouco se trata de vencedores quando falamos de comunistas brasileiros.

Outro fato para que isso ocorresse se deve a que os próprios ex-militantes trotiskistas não procuraram escrever sua história. Isso se deve a uma série de fatores como a decepção, o sectarismo, as revisões de vida e as torturas da ditadura. Com a repressão, muitos ex-militantes descreditaram, completamente, da luta política,

passando a cuidar de suas “vidas e suas famílias”, tentando apagar de uma forma esse passado e reconstruir outra vida que não evocasse essas lembranças. Isso não se explica apenas por esses elementos subjetivos. O fato de o trotiskismo não se constituir num partido de massas e passar por constantes cisões também deixou uma marca de desilusão. Contudo, esses elementos são objetivos, estão ligados a toda uma luta histórica pela desburocratização da URSS e por derrotas históricas do movimento operário mundial capitaneadas, pela política stalinista das Frentes Populares ou do sectarismo na Alemanha, como também os levantes operários sendo levados à derrota pela política das direções stalinistas.

Não parece haver entre os que foram militantes trotiskistas, em qualquer de suas fases ou de suas organizações, uma preocupação em justificar o próprio passado. O fato de IV internacional, fundada por Leon Trotsky, ter sido uma organização pequena no mundo, mas também no Brasil, com estruturas burocráticas e com elos de fidelidades pessoais débeis, acabou por limitar entre os próprios militantes ou ex-militantes o interesse acadêmico e a pesquisa científica a respeito do trotiskismo. Mesmo quando presentes na sociedade e na Universidade, com bastante peso, não é à própria história que se dedicam suas melhores energias. Isso produz um resultado interessante, evita qualquer risco de recriação de um mito, mesmo que com leitura crítica. Inversamente, retardou o conhecimento de questões relevantes na história brasileira, permitindo um razoável desequilíbrio, ao fazer com que a história do Partido Comunista ocupe quase todo o espaço da esquerda. Espaço merecido pela sua importância, mas que não corresponde a toda a diversidade de tendências e ao seu peso na sociedade [...] O trotiskismo também representado no POR-T, apesar da influência que teve no campo das idéias e da política, e apesar do papel que seus militantes tiveram em diferentes posições da sociedade, das elites, ainda que fortemente diferenciadas, com contribuições científicas, intelectuais e sociais, não permaneceu como uma corrente militante e de pensamento preocupada em resgatar sua própria história. Os velhos trotiskistas nunca se preocuparam em agir como grupo. (LEAL, 2004, p.17)

Os ex-militantes trotiskistas de Fortaleza podem ser considerados intelectuais por ocuparem postos acadêmicos e outros espaços intelectuais, são eles: os professores Paulo Emílio e Luiz Cruz; o presidente de Associação 64-68, Mário Albuquerque; o Juiz do Trabalho, Inocêncio Uchoa; e ainda o militante político e empresário Gilvan Rocha, que atualmente é do Partido Socialismo e Liberdade (P-SOL). Esse fator poderia ter contribuído para que eles produzissem algo sobre a história do trotiskismo, entretanto, não foi isso que constatamos, e como explicou Mário Albuquerque⁴⁷:

⁴⁷ Mário Miranda de Albuquerque foi ex-militante do POR-T, atualmente é Presidente da associação 64-68-Anistia. Entrevistado no dia 08 de maio de 2006.

Pois é, os próprios trotiskistas não fazem sua história. Eu... estou tentando há muito tempo escrever essa memória dos trotiskistas no Ceará. Inclusive através de um método que eu acho excelente. O método da Internet, por meio de e-mails! Poderia ser até mesmo em tempo real. Eu até toparia isso. Quer dizer às pessoas que eram protagonistas do trotiskismo aqui no Ceará não querem escrever sobre isso. O método era esse: escreviam um texto sobre o episódio 'X', e mandávamos para cinco, dez trotiskistas daquela época. Eles por outro escreviam a visão deles sobre aquele episódio. Pode ser até divergente da minha, que é normal, lógico! Isso daria um caleidoscópio muito rico. Eu sei que a memória é seletiva. A memória não é a fiel representação do fato, da realidade. Na medida em que eu conto a minha versão do fato e outro pode ter outra versão. Isso é ótimo! Enriquece, até diverge [...]. Mas, infelizmente, eu encontrei um silêncio completo. Ninguém me respondeu sim ou não. E isso é muito ruim. (Entrevista realizada no dia 08 de maio de 2006).

Paulo Emílio⁴⁸ que pertenceu ao POR-T e a FBT considera que esse silêncio se deve a outro fator como afirmou: “O trotiskismo era muito pouco significativo, muito pouco importante dentro da ditadura militar. Eram uns grupelhos”. Ou seja, fica claro que o número de militantes era pequeno e que isso facilita ainda mais o silêncio, principalmente, quando não são restabelecidas as memórias do período.

As entrevistas cedidas pelos ex-militantes trotiskistas assumem uma forte importância para o entendimento desse passado e dessa esquerda de Fortaleza que atuou durante o período militar.

Passemos a estudar os dois partidos que tiveram atuação em Fortaleza. O primeiro agrupamento trotiskista que esteve em Fortaleza foi o POR-T, de orientação Posadista, também conhecido em Fortaleza como Quarta Internacional, surgindo por volta de 1965. O segundo foi a FBT, cuja origem resultou de um racha nacional do POR-T, devido aos militantes estarem descontentes com sua política, por volta do ano de 1968.

Nacionalmente, o POR-T surgiu por volta de 1953, sob a orientação e direção de Homero Cristali (José Posadas), chegando à Fortaleza somente nos primeiros meses de 1965. Tinha atuação em São Paulo, Rio Grande do Sul e Pernambuco, teve uma pequena atuação em Santa Catarina entre os operários das minas de carvão e no Rio de Janeiro junto aos portuários. Entretanto, suas bases políticas estavam nos três primeiros estados citados.

⁴⁸ Paulo Emílio Andrade Aguiar foi entrevistado no dia 26 de fevereiro de 2007, hoje é professor de História aposentado pela UECE e pertenceu ao POR-T e a FBT.

A chegada do POR-T à Fortaleza ocorreu com a vinda de dois militantes, Gilvan Rocha⁴⁹ e Rômulo Augusto Romero Fontes, da organização de Pernambuco para Fortaleza. Os relatos de Gilvan são esclarecedores sobre a chegada do POR-T à Fortaleza. Ele informou que tinha saído das Ligas Camponesas e de guerrilhas rurais no norte de Goiás e que, como ele e seu grupo não aceitavam as diretrizes políticas do Partidão (PCB), passaram a criar um grupo chamado Vanguarda Leninista, que atuava em Pernambuco e na Paraíba. Era um grupo muito ativo e muito jovem, mas muito aguerrido, conseguindo aglutinar os diversos descontentes e insatisfeitos com os rumos políticos traçados pelo PCB. Foi durante esse ativismo que eles tiveram contato com Pedro Makovisk e Jeremias. Os militantes do POR-T haviam procurado os militantes da Vanguarda, no sentido de trazer o grupo para o Posadismo. O conhecimento dos membros do POR-T da existência da Vanguarda Leninista ocorreu pelo fato de eles terem contato com alguns panfletos. Havia muita convergência entre os dois grupos que eram ativos e desenvolviam ações diretas, por exemplo, mas existia relutância por parte de alguns membros da Vanguarda Leninista. (ROCHA, 2008).

Para Gilvan, essa relutância ocorria pelo fato de que “a fama do trotiskismo não era lá muito boa”. Devemos destacar que esses militantes haviam sido educados pelo PCB, que tinha aversão ao trotiskismo. Então, eles, que vinham da escola do Partidão, tinham muitas desconfianças dos trotiskistas. Foi desse primeiro contato que os trotiskistas começaram a esclarecer, aos militantes da Vanguarda Leninista, os diversos processos políticos que os militantes desse grupo não tiveram acesso. Os trotiskistas defendiam a tese de que as confusões que ocorriam na esquerda tinham suas raízes na Revolução Russa e se deviam as disputas entre Stalin e Trotsky, prevalecendo um grupo stalinista que instalou uma burocracia no Estado Soviético, mudando completamente os rumos da Terceira Internacional.

A Vanguarda Leninista aceitava bem os argumentos dos trotiskistas posadistas, afirmando, inclusive, que eles respondiam a muitos dos questionamentos que existiam. Os trotiskistas também debateram sobre a situação da China, Cuba e os Estados do Leste Europeu. Eles acreditavam nas teses de Trotsky de que esses Estados passaram por uma “revolução social”, mas que foram depois deturpados, surgindo, nesses locais,

⁴⁹ Gilvan Rocha foi entrevistado no dia 1 de maio de 2008.

Estados Operários burocratizados. Portanto, nesses Estados, seria necessária uma “revolução política” para revitalizar os princípios do socialismo e retomar os rumos da revolução. Daí em diante, os dois grupos convergiram para que a Vanguarda Leninista adentrasse no POR-T. (ROCHA, 2009).

A repressão da ditadura militar em Pernambuco levou ao deslocamento dos militantes do POR-T para o Estado da Paraíba, onde eles também passaram a ser perseguidos. Gilvan que havia ido para a Paraíba, em 1964, vem para o Ceará. Sua saída da Paraíba ocorreu depois da prisão de dois militantes do POR-T, que foram torturados. Diante disso, se escondeu em uma fazenda de nome Barro, na região de Solonópole, no sertão do Ceará, passando a estabelecer contato com um militante do POR-T que estava em Fortaleza e recebendo orientação para se juntar a ele: era o estudante secundarista Rômulo Augusto Romero Fonte.

[...] eu encontrei o Rômulo Augusto, mas eu estava numa situação muito difícil: sem documentos e dinheiro. O Rômulo me levou de imediato ao Walton Miranda (Médico) e então eu pude expor minha situação e o Walton Miranda junto com o Rômulo, foram lá no hotel de quinta categoria que eu estava e me colocaram na casa de um casal chamado Honor Torres e Angélica. (Gilvan Rocha, entrevista realizada no dia 1 de maio de 2008).

A partir daí, junto com um grupo de descontentes com a situação brasileira e com a política do PCB, passou a se organizar para a constituição do POR-T em Fortaleza. De acordo com Gilvan, existiam vários descontentes como: Mauro Pamplona, Walton Miranda, Rubens Coelho, Gervásio e os operários da Fábrica Santa Cecília: José Ferreira e Guerreiro, conhecido como “Cotinha”. O pressuposto desta pesquisa é reforçado por Ramalho (s/d, p.35):

O POR(T) foi introduzido em Fortaleza nos primeiros meses de 1965. Sua constituição foi concretizada através da atuação de dois militantes que se deslocaram de Pernambuco para o Ceará, buscando colimar esse intento. Um deles seria Rômulo Augusto Romero Fontes, estudante secundarista de Recife conhecido pelo codinome de Davi ou Craveiro. No Ceará, Rômulo assumiria a função de secretário de organização do Comitê Estadual do POR (T). Outro ativista seria o pernambucano Gilvan Rocha que na época de seu deslocamento para a capital cearense, militava na Paraíba. Gilvan era conhecido pelo codinome de Clóvis-exercia o cargo de Secretário Político da IV Internacional (forma como era designado o POR(T) nos meios políticos de esquerda).

Nossas observações se intercalam com as de Ramalho. É importante destacar que esse autor não objetiva pesquisar sobre os trotiskistas, mas suas informações do livro são relevantes, o que não descarta a importância de seus achados. Ao entrevistarmos os trotiskistas eles afirmavam que a referida obra de Ramalho supervalorizava o PC do B.

Segundo Gilvan, no período da Semana Santa do ano de 1965, foi promovida a primeira “Escola de Quadros” do POR-T, a qual contou com mais ou menos 20 a 30 pessoas e se deteve sobre alguns assuntos como: situação sino-soviética, a Revolução Russa, a conjuntura nacional e internacional. De acordo com Ramalho (s/d, p.135),

Em meados de 1965, é realizada no bairro do Pio XII a primeira escola de quadros da organização no Ceará. Participaram cerca de 20 pessoas. Entre estas, Maria José Borges, Rubens Coelho Figueiredo, Mauro Pamplona de Freitas e Carlos Torres. Faziam ainda parte do grupo alguns estudantes, comerciários e operários da Fábrica Têxtil Santa Cecília.

A primeira Escola de Quadros foi realizada na casa de Madalena, que era uma instituição de amparo à mãe solteira, mantida pelo casal Honor Torres e Angélica Torres, que recebeu Gilvan Rocha em sua casa. Honor era adepto do Kardecismo e foi ligado ao PCB, tendo o seu filho também participado dessa Escola de Quadros. Um fato curioso entre esta pesquisa e a de Ramalho (s/d) diz respeito ao conteúdo da Escola de Quadros. Gilvan foi quem proferiu as cinco palestras e afirmou que o conteúdo era: a situação internacional, a situação nacional, as divergências sino-soviéticas e a Revolução Russa. Já Ramalho (s/d, p.135) destaca que “[...] era uma espécie de seminário onde, durante cerca de cinco dias, eram realizados cursos sobre a história do marxismo, o papel de Trotsky e Posadas, a dialética e etc.”. As temáticas parecem diferentes das expostas na entrevista de Gilvan, o que podemos destacar disso é que nesse sentido houve mais pontos aproximativos do que divergentes na nossa pesquisa e de Ramalho, nesses aspectos.

Sem dúvida era uma dose cavalgar de informações para aquele público de noviços egressos do Partidão. [...] Recordo muito bem o estado de perplexidade e de revolta que permeou a cabeça e o coração daqueles jovens que participaram da discussão ao tomarem conhecimento da pretendida verdade histórica, absolutamente diferente da que lhes fora passada mentirosamente pela burocracia stalinista durante longos anos. (ROCHA, 2008, p.121).

Após a Escola, foram tomadas algumas medidas imediatas pelos militantes. Uma foi a de organizar um jornal da organização que era mimeografado, conhecido como *O Proletário*. A outra foi organizar uma biblioteca, ainda que precária, com as obras de Trotsky, bem como reproduzir e divulgar um Programa de Transição, fazendo com que esse material ganhasse circulação. Antes da realização da segunda Escola de Quadros, em 1966, ocorreu o rompimento de Gilvan Rocha com o POR-T. Para sua saída, ele apresentou duas explicações. A primeira era uma divergência no plano tático com outro militante que era o Paulo Eduardo. Gilvan propunha que o jornal *O Proletário* não se apresentasse com o nome de Trotsky ou como trotiskista, procurando evitar as polêmicas que o nome de Trotsky trazia e os preconceitos que isso provocava. Entretanto, Paulo Eduardo discordava de Gilvan. A outra tinha uma natureza mais grave, segundo o depoente, dizia respeito às divergências de Gilvan para com as teorias de José Posadas, sendo este o real motivo de sua saída. Essas teorias foram questionadas por Gilvan e o grupo do Nordeste em uma conferência em São Paulo. Essas questões diziam respeito à análise de Posadas, ao afirmar de que não haveria golpe-militar no ano de 1964 e, mesmo depois do golpe, ele ainda mantinha a idéia de que não duraria muito tempo por carecer de base social. Gilvan não conseguia concordar com as teses políticas posadistas, rompendo com esse grupo e formando o POL, de orientação trotiskista, mas não posadista, o qual teve curta duração. Depois dessa experiência, Gilvan Rocha filiou-se ao MCI (Movimento Comunista Internacionalista), que se baseava nas idéias de Rosa Luxemburgo, dirigido por Hermínio Sachetta. A partir desse período o POR-T passou por um momento de renovação de seus quadros, devido a um forte trabalho de base no movimento secundarista e universitário, conforme explica Ramalho (s/d, p.136):

Nesse período o POR-T passa por uma grande renovação no seu quadro de militantes. Saem grande parte dos veteranos e há um direcionamento para a filiação de estudantes secundaristas. A investida encontra solo fértil, pois o movimento estudantil secundarista havia sido desarticulado pela repressão e seus líderes presos, banidos ou já eram universitários. Não havia remanescentes do PCB, talvez uns poucos ex-militantes e dissidentes; o que se explica pela derrocada em 64 do seu ideário da revolução brasileira, a ser realizada com o apoio da “burguesia nacionalista.” A exceção, neste espaço político vazio e pronto a ser ocupado deve-se a alguns militantes da Ação Popular (AP).

Já no início de 1966, haviam sido “captados” para a organização Joaci da Silva Leite e Willian Uchoa, seguindo-se a filiação de Charlene Frota Silveira, José Arlindo Soares, Nancy Lourenço, Oscar d’Alva e Souza Filho, Mário Albuquerque, José Galba

de Menezes Gomes e Inocêncio Rodrigues Uchoa⁵⁰, além de outros estudantes. Inocêncio afirmou ter tido contato com as idéias do POR-T na Universidade Federal do Ceará, quando cursava a Faculdade de Direito, por volta de 1965-66, ocasião em que ocorreu o ressurgimento do movimento estudantil no Brasil. Tal fato decorria de estar sendo recriada a UEE (União dos Estudantes Estaduais), que naquela época tinha como principal direção política a Ação Popular (AP).

Em setembro de 1967, é realizada, em Maranguape, a segunda Escola de Quadros do POR-T no Ceará. Aproveitando-se dos feriados da Semana da Pátria, o encontro prolonga-se por cinco dias. Para conduzir os trabalhos, a Secção Brasileira da Quarta Internacional havia enviado o membro do birô político Carlos Montarroyos, de codinome Roberto. Para auxiliá-lo veio o integrante do Comitê Regional Nordeste, Rui Osvaldo Pfutzenheuter, de codinome Cássio. (RAMALHO, s/d, p.137).

Mário Albuquerque relatou a lembrança e impacto pelo seu conhecimento e experiência na militância, ao conhecer Rui Osvaldo Pfutzenheuter⁵¹, que foi assassinado em São Paulo, no ano de 1972, fruto de uma forte repressão que se abateu sobre a “Quarta Posadista”. Carlos Montarroyos foi um dos principais articuladores para a construção do POR-T, pós-64. Posteriormente, fundou, também, o PDT brizolista. A Segunda Escola de Quadros aglutinou setores do movimento estudantil, que declararam terem sido conturbados:

No planejamento que precede o encontro, há discordâncias entre Rômulo Augusto Romero Fontes e Carlos Montarroyos. Rômulo diverge da coordenação e o direcionamento ficarem sob a responsabilidade de Carlos Montarroyos. A animosidade prolonga-se e aumenta de intensidade no decorrer da Escola de Quadros. No terceiro dia Rômulo é acometido por uma crise histérica e, aos gritos, investe com uma tesoura em direção de Carlos Montarroyos. Contido, é expulso do POR-T. (RAMALHO, s/d, p.137).

Rômulo e outros companheiros saem do POR-T e, em 1967, fundam o grupo conhecido como Movimento Proletário Socialista (MPS). De um ativismo extremado, esse grupo faz pixamentos e agitações por Fortaleza, sem grande preocupação com a clandestinidade. A forte exposição e desorganização do grupo foram fatores que facilitaram a prisão de Rômulo, que delatou os ex-companheiros do POR-T. Segundo Charlene e Oscar d’Alva, Rômulo, ao ser inquerido sobre sua atitude (delação), afirmou ter salvado a classe operária ao entregar a pequena-burguesia, que, para Rômulo, eram:

⁵⁰ Inocêncio Uchoa foi entrevistado no dia 8 de maio de 2008 e foi militante do POR-t e da FBT.

⁵¹ Ver anexo X.

José Arlindo, Nancy Lourenço, Mário Albuquerque, Joaçi Leite e o próprio Oscar d'Alva. (Ramalho, s/d, p.137).

Rômulo Augusto, em maio de 1970, esteve entre os cinco presos políticos (os primeiros) que foram levados pela Ditadura à televisão para declararem-se arrependidos, renunciando à luta armada e proclamando “patriótico” apoio ao governo do presidente Médici. Inaugurou-se com tais declarações a fase dos “terroristas arrependidos,” usados pela ditadura como instrumento de propaganda. (FARIAS, 2007, p.65).

Pode ter havido simpatizantes do pensamento trotiskista, conforme depoimentos dos ex-militantes, mas de forma organizativa, constituindo um partido, o POR-T foi a primeira iniciativa. Com o golpe civil-militar, abriu-se um vazio político devido à política do PCB, segundo relata Mário Albuquerque.

Quando veio o golpe militar, o PCB foi extremamente atingido, a palavra de ordem da direção foi que o partido recuasse. Até a onda passar mais. E isso abriu um vácuo para outros grupos, inclusive os trotiskistas [...] aqui não havia trotiskistas organizados, podia ter indivíduos que simpatizavam com as idéias de Trotsky, intelectualmente e teoricamente. Mas de forma orgânica não. Alguns falam da Raquel de Queiroz e outros de Jader de Carvalho, mas aqui não houve isso organicamente até o POR-T. (Cf. entrevista citada).

Luiz Cruz⁵² relatou que passou a ter contato com as idéias posadistas na Universidade e por meio de Gilvan Rocha, que era companheiro de Esther Barroso (posteriormente casados), conhecida dele do Partidão e que havia sido militante do Partidão (PCB). Assim, passou a ter contato com os militantes posadistas, por volta de 1964-65, quando cursava Geografia na Universidade Federal do Ceará, afirmando que, naquela época, o Movimento Estudantil era muito respeitado pela população. Antes desses contatos, o depoente afirmou já ter discordância das orientações políticas do PCB. Luis Cruz explica:

O Gilvan tinha muita ânsia em criar um grupo. Ele tinha uma visão trotiskista. Eu tive contato com José Arlindo e Nancy na Universidade. Lá tinham vários grupos políticos: maoístas, PCB e os trotiskistas. Eu tive mais contato com os trotiskistas por entender junto com eles que a Revolução era Internacional, que não havia possibilidade do Socialismo num só país e que era necessário ouvir as massas e não ficar nessa rigidez do Partidão (PCB). (Entrevista realizada no dia 29 de dezembro de 2009).

⁵² O professor Luis Cruz Lima integrou do POR-T e foi entrevistado no dia 29 de dezembro de 2009.

O meio universitário era um espaço de efervescência dessas idéias de esquerda e também para a atuação dos trotiskistas. No entanto, não somente o posadismo atuou. Diante da insatisfação com o posadismo e sua política para Fortaleza, surgiu um outro grupo saído do POR-T, a Fração Bolchevique Trotiskista (FBT). Esse passo é importante, pois esse partido trotiskista foi pouco estudado, o que pode ser comprovado, a partir da afirmação de Farias (2007, p.65):

Embora não tendo aderido à guerrilha, o POR-T foi alvo da repressão da Ditadura, tendo vários de seus militantes presos no início de 1970, quando as ações armadas no Ceará aumentaram consideravelmente e a polícia não conseguia encontrar os “terroristas” responsáveis. A prisão dos trotiskistas foi usada pelos órgãos de repressão como evidência da “competência de seu trabalho investigativo” e alardeada pela imprensa como um grande intento na luta contra a “subversão”.

Podemos perceber que o autor destaca que esses militantes eram pertencentes ao POR-T, mas na verdade os militantes presos eram da FBT. Talvez Farias, no livro *Além das armas*, tenha se equivocado devido a organização ser um racha do POR-T, mas encontramos jornais que noticiam que o grupo era mesmo a FBT e os depoimentos também mostram isso. Vejamos a notícia da prisão⁵³:

Polícia estourou um aparelho **do PORT**⁵⁴ na Rua Padre Valdevino, em Fortaleza capturando os universitários Tereza Maria de Paula, Maria Zilene Craveiro e Lourival Carneiro de Sousa. Em junho do mesmo ano, noticia-se o pedido de prisão preventiva feito à Justiça militar de mais dez ativistas, além dos três citados: Helena de Paula Joca, Bartolomeu Jose Gomes, Paulo Emílio Andrade Aguiar, Verônica Daniel Silveira, Inocência Rodrigues Uchôa (preso em Recife), Enrico Dorneles e Ivan Falcão de Barros. (Correio do Ceará, 24 de junho de 1970).

A própria imprensa noticiou errado o nome da Organização, levando Farias a cometer o mesmo erro. Pudemos perceber o erro devido às entrevistas realizadas com Inocência e Paulo Emílio, que já tinham rompido com o POR-T e fundado a FBT, em meados de 1968-69, bem como devido ao jornal Correio do Ceará⁵⁵. Sobre a notícia:

A prisão de cinco elementos subversivos em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, levou as autoridades cearenses dos órgãos de segurança a desbaratar movimento idêntico no Ceará funcionando com o pomposo nome de Facção

⁵³ Desbaratada rede de subversão no Ceará - O povo, 8 de maio de 1970, p1.
Desbaratada subversão no Ceará - Correio do Ceará, 8 de maio de 1970, p.1.

⁵⁴ Grifos nossos.

⁵⁵ Alguns jornais desses foram fotografados e estarão à disposição de futuros pesquisadores: O Povo e Correio do Ceará, ambos de 8 de março de 1970. Vide anexos XVIII e XIX.

Bolchevique Trotiskista do Partido Revolucionário Operário, um dos mais radicais do país. As autoridades tomaram conhecimento de uma residência que havia sido alugada na Rua Padre Valdevino, para funcionamento da facção clandestina, e passaram a acompanhar dia 4, duas universitárias que saíam da referida residência em um automóvel conduzindo três malas. Receberam ordem de prisão e não esboçaram qualquer reação. Nas três malas estavam os documentos orientadores das atividades dos movimentos, inclusive a relação nominal dos filiados e pessoas que poderiam servir de contato. (Correio do Ceará, 11 de maio de 1970, p.11).

Paulo Emílio narrou que a prisão de militantes no Rio Grande do Sul levou a que trotiskistas fossem presos e, depois dos inquéritos e da avaliação dos documentos, os jornais puderam noticiar que aqueles presos pertenciam a FBT, mas ainda os ligavam ao POR-T. O Correio do Ceará destaca:

Foi decretada a prisão preventiva de dez pessoas implicadas no movimento clandestino denominado Facção Bolchevique Trotiskista do Partido Operário Revolucionário, cujo QG funcionava na Rua Padre Valdevino e mantinha ligações no Rio Grande do Sul, Recife e Salvador. A preventiva foi decretada contra Lourival de Almeida Aguiar (Sílvio), Helena de Paula Joça (Olga), Maria Zulene Craveiro de Souza (Cláudia), Bartolomeu José Gomes (Haroldo), Paulo Emílio Andrade Aguiar (Valter), Maria Francisca Sales Pinheiro (Helena), Verônica Daniel Silveira (Raquel), Inocêncio Uchoa (Marcelo), Érico Dorneles (Leonardo) e Ivan de Barros Falcão (César). (Correio do Ceará, 24 de junho de 1970, p.2).

Entendemos que Farias, cometeu o equívoco devido aos próprios órgãos de imprensa e por desconhecer, em seu trabalho, a existência do POR-T. Daí ser importante nossa articulação entre as entrevistas e os jornais, mostrando que se tratava da FBT e não do POR-T. Passemos a conhecer um pouco sobre as origens da FBT. Outro detalhe diz respeito aos cuidados com a segurança, que a Fração Bolchevique se mostrou com muitas debilidades.

Resistindo à política do birô latino americano Posadista, um grupo de militantes do Rio Grande do Sul acaba formando, em 1967, uma tendência de oposição à direção. Logo após, em 1968, os dissidentes são expulsos do POR e formam a Fração Bolchevique Troitskista (FBT), que busca estabelecer contatos com outros militantes do Nordeste e de São Paulo, na tentativa de formar a tendência, a nível nacional. [...] Inegavelmente, a realidade em que vivia a esquerda brasileira naquele momento (intensa repressão, busca de alternativa de luta política, influência externa etc.) contribuiu para a consolidação do racha. Mas, o pano de fundo que gerou a cisão foi o fato de que a Internacional Posadista a qual se filiava o POR tentou implantar uma linha de atuação que, conforme o depoimento de muitos ex-militantes, negava totalmente o trotiskismo. No entanto, há os que colocam como causa da cisão as “dificuldades para os militantes que não se doavam completamente à luta pelo socialismo”, e o fato dos dissidentes não aceitarem a estrutura do centralismo democrático e saírem formando outras estruturas mais liberais em outros grupos, sem contar, com o momento da repressão que

colocava em cheque muita gente, enfraquecendo a estrutura psicológica dos militantes. (OZAÍ, s/d, p.135).

O entrevistado Inocêncio Uchoa afirma ter rompido com a Quarta Posadista (POR-T), devido a falta de respostas políticas, aos problemas enfrentados pelos militantes e que esta organização não conseguia dar respostas, afirmando, inclusive, que as idéias, os fundamentos, as propostas eram vagas para os militantes jovens como ele e não mantinham qualquer relação com a realidade prática. Destacou também que “a direção da Quarta Internacional publicava coisas quase inteligíveis para nós, mesmos trotiskistas, era difícil. A direção também era muito débil”. Paulo Emílio, que pertenceu aos dois grupos, declarou:

Eu pertencia a Fração Bolchevique Trotiskista que é remanescente de um grupo que rompeu com o POR-T de orientação Posadista [...] Quando, naquela época, alguns membros militantes começaram a perceber o desvio teórico e doutrinário do Posadismo, da concepção de J. Posadas que se reivindicava a verdadeira Quarta Internacional, então, os grupos começaram a romper. A princípio, ninguém conhecia a existência de outros grupos lá em São Paulo em virtude da clandestinidade. A gente tinha poucos canais de contato, e quando começaram a acontecer as crises internas dentro do Posadismo, foi daí que começamos a romper. Então nós começamos a estabelecer contatos com outros grupos posadistas de outros Estados e verificamos que as mesmas inquietações que nós tínhamos aqui, no Ceará, eles também tinham por outro viés, em virtude de serem Estados diferentes. Mas todos eles se encontravam inquietos, questionando o Posadismo, e as teses absurdas que eram propostas pelo Posadismo. [...] Foi daí, dessa inquietação desse questionamento em relação as propostas do Posadismo que começou a surgir um grupo do qual eu já fazia parte, para a formação aqui no Ceará da Fração, que significava um rompimento da Quarta Posadista. Que era a Fração Bolchevique Trotiskista. (Cf. entrevista citada).

Paulo Emílio relata a “política delirante” de Posadas como a razão para os rompimentos, que justificavam a formação de outra organização que foi a Primeiro de Maio dos Trabalhadores.

As divergências com a linha posadista se faziam presentes também no Nordeste (Pernambuco e Fortaleza), onde os militantes do POR passam a defender a realização de um trabalho de base com o proletariado urbano. Em Pernambuco, os militantes que mantinham divergências com a linha política oficial do partido, elaboraram um documento onde conclamam a unificação de todos os trotiskistas. Em 1969, os elaboradores deste documento são expulsos do partido e convocam uma Conferência Regional do Nordeste, na qual decidem integrar o bloco que formava a FBT. (OZAÍ, s/d, p.135-36).

A Conferência contou com a participação dos trotiskistas de Fortaleza, que tinham fortes descontentamentos com o posadismo e, assim, elaboraram as bases

teóricas da FBT. De acordo com Inocêncio Uchoa, a Fração Bolchevique surgia em Fortaleza para ter uma linha política mais ligada aos problemas políticos, econômicos e sociais que afetavam o Brasil, e que, segundo ele, o posadismo não conseguia resolver. Essas idéias estiveram presentes na Conferência que foi citada por Paulo Emílio.

Nós fizemos uma grande Conferência aqui no Nordeste. Depois fizemos uma Conferência Nacional. Dessa Conferência Nacional nós descobrimos que havia um segundo grupo trotiskista que estava se formando em São Paulo que era a organização Primeiro de Maio dos Trabalhadores. E, a partir daí, essa organização entrou em contato conosco e nós iniciamos um processo de unificação do Primeiro de Maio com a FBT, do qual fiz parte [...] Foi quando surgiu a possibilidade de uma conferência em Santiago no Chile, da qual eu fui participar, representando a FBT e o Lino foi representando o Primeiro de Maio. Foi lá que tivemos contato com o líder trotiskista boliviano Guillermo Lora, e nós vimos que a posição tomada pelo Guillermo Lora e por todo o grupo do qual ele fazia parte não condizia com o nosso sentimento. [...] com nossa perspectiva ideológica. E aí eu percebi que o Lino tinha outra posição que traía aquilo que havia sido discutido no Comitê de unificação. Eu denunciei o fato e esses dois grupos não chegaram a se unificar. Um enveredou para a Convergência Socialista (FBT) e o outro para a Avançada Socialista (Primeiro de Maio). (Cf. entrevista citada).

Paulo Emílio chegou a relatar que, depois dessa Conferência, conversou com Moreno, o qual aprovou sua medida. Deve existir ligação na polêmica, tendo em vista que o documento trata das polêmicas com Lora⁵⁶. O completo desmantelamento da FBT ocorre a partir da prisão de militantes no Rio Grande do Sul. Com essas prisões foram encontrados documentos do partido que traziam todo o quadro de militantes nos outros Estados, e, a partir dessas prisões, os trotiskistas de Fortaleza caíram, sendo a FBT completamente atacada e reprimida pela ditadura. Luiz Cruz destaca também que: “Ninguém rompeu com a FBT. O fato é que houve a ditadura e ela foi repressora e isso criou uma dispersão, um desânimo no pessoal, mortes, decepções e exílio. Muitos se acovardaram, outros cansaram e foram refazer suas vidas”.

⁵⁶ Sobre esse rompimento, anexamos um documento de Nahuel Moreno polemizando com Lora e Altamira. Vide Anexo XXIV.

2.3) O Regime militar e os trotiskistas de Fortaleza

Eu fui torturado por um motivo bestial, pelo fato de o meu pai ter o sobrenome Frota, que era o mesmo do general que era Ministro do Exército, Sílvio Coelho da Frota. Ele era de Sobral, meu pai também era de lá. O policial Sérgio Paranhos Fleury percebeu que poderia me usar como instrumento de barganha junto ao Exército caso fosse parente do general. Ele me torturou perguntando: quem era o parente mais famoso que eu tinha? Eu nunca imaginava que fosse por conta do meu sobrenome Frota. Levei muita pancada por causa disso. (Paulo Emílio, ex-militante trotiskista do POR-T e da FBT de Fortaleza, Cf. entrevista citada).

O período da ditadura militar, em Fortaleza, não deixou de ser repressor aos trotiskistas, principalmente para os da FBT. Foram relatados momentos de extrema angústia dos depoentes diante da repressão. Relembrar a ditadura militar e seus aspectos pode se apresentar como uma memória incômoda, devido às perseguições, censura e tortura. Foi um período do qual pouco se revela, havendo um processo de obscurecimento. As interpretações históricas padecem de elaborações que se deslocam do esquecimento até o romantismo, sem contar as memórias apagadas do período. A ditadura, apesar de ter “caído”, tem sido um objeto de escárnio ou indiferença, talvez por ainda ter seus personagens vivos ou fazer parte de um passado recente.

O golpe civil-militar que derrubou o Governo João Goulart foi uma vitória sobre seu projeto nacional-estatista. Em fins do primeiro semestre de 1963, todo o programa reformista de Jango, realinhava e mapeava a perspectiva nacional estatista, colocando esse projeto em um nível mais elevado junto às classes populares, mas enfrentou um impasse histórico. Esse impasse esteve ligado à própria divisão da sociedade e seu apoio às classes em luta. De um lado os estudantes, trabalhadores rurais e urbanos, além de setores minoritários das Forças Armadas. Do outro lado, as elites formadas por grupos empresariais, grande parte das classes médias, empresários, professores, estudantes e jornalistas. A sociedade cindiu-se em uma crise de projetos que ia do reformismo ao fechamento do regime. As armas deram suas razões para a história através da aliança de setores burgueses e militares.

No período da ditadura militar, a indústria brasileira havia atingido um processo crítico de industrialização tardia e necessitava de soluções. A forma encontrada foi a mais autoritária. Conhecido “pacto populista”, apresentava-se como o projeto que tentava resolver os problemas contraditórios de um modelo agrário-exportador e da possível fusão de capitais nacionais e internacionais, buscando um modelo que era superador do subdesenvolvimento. No entanto, para alguns, ficou preso, amarrado, à forte internacionalização da economia. (Aarão, 2004).

Contudo, não se pode descartar a crescente onda de manifestações populares e da forte propaganda para as reformas. Diante da possibilidade de reformas, surge um “golpe preventivo”, conforme explica Caio Navarro de Toledo e Florestan Fernandes, citados por Aarão (2004, p.19). O surgimento de instrumentos como setores conspirativos, vindos até mesmo da interferência norte-americana sobre a Escola Superior de Guerra, o surgimento do IPES (Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais), o controle de setores da informação também articularam o golpe. Esta matriz interpretativa, que percebe, através de farta documentação, inclusive a articulação dos setores industriais conspirativos, é mais aproximada de René Armand Dreyfus (1981).

Após o golpe, o Brasil passou vinte e um anos mergulhado na ditadura militar (1964-1985) e as matrizes conceituais sobre o golpe se complementam ao fornecer, cada uma, um aspecto de compreensão do período.

Uma operação ideológica simples - a descoberta da democracia representativa como o sentido da história e a medida de todos os processos - tenta colocar no mesmo prato presos e carcereiros, vítimas e torturadores, e elimina o conteúdo histórico-social dos regimes ditatoriais que cobriram de sangue o Cone Sul. Nesta perspectiva, nem a ultra-direita militar, nem a esquerda armada tiveram compromisso com a democracia liberal. A luta armada contra as ditaduras não teria sido feita sob a bandeira das liberdades democráticas, porque afinal se inspiravam no exemplo da Revolução Cubana que procuravam disseminar no continente [...] Esta polêmica historiográfica, não é inocente. A tentativa de diminuir a responsabilidade dos regimes ditatoriais pelas medidas repressivas monstruosas - ou até absorver as aberrações patológicas das torturas indiscriminadas - corresponde a uma estratégia política. A manutenção dos “perdões negociados” que está ameaçada por uma vaga revolucionária na América Latina, neste início de século, e que sacode a América Latina [...] e que pode resultar na derrota da política da anistia irrestrita que beneficia carcereiros, [...] Generais e juízes que podem voltar aos tribunais. (ARCARY, 2004, p.192).

Essa repressão se abateu sobre os trotiskistas e não podemos construir uma história que se mantenha na linha de retirar da ditadura seu papel de repressão organizada. Os trotiskistas posadistas relataram sobre sua política antes do golpe e depois do golpe. A política posadista e suas caracterizações sobre o golpe fizeram com que Gilvan Rocha rompesse com o posadismo, conforme mencionamos anteriormente. Ele, que havia entrado para o POR-T, em meados de 1963, foi participar de um Congresso do partido que ocorreu em São Paulo e que tinha uma considerável bancada do Nordeste. O debate do Congresso abriu uma polêmica quando José Posadas proferiu a palestra sobre a situação nacional. Gilvan relata que:

[...] foi onde o “GURU”, megalomaniaco chamado José Posadas, falou numa longa intervenção. Ele dizia, numa intervenção de 3 ou 4 horas, que ele fez sempre as intervenções dele duravam 3 ou 4 horas. Ele se caracterizava por falar muito e não conseguia dizer pouca insensatez em pouco tempo. Ele precisava de muito tempo para dizer sua insensatez. Então, ele defendeu a tese de que não havia perigo de um golpe de Estado no Brasil. Isso em fevereiro de 63, ele fundamentava a sua intervenção dizendo que os golpistas tipo: Lacerda, Magalhães Pinto [...] não tinham força, ou articulação suficiente e nem base social para encetar um golpe de direita aqui no Brasil. (Cf. entrevista citada).

Houve a contestação dos delegados do Nordeste que afirmavam que o golpe estava sendo articulado e em pleno andamento. De acordo com Gilvan, a bancada do Nordeste estava centrada nas teses de Moniz Bandeira em torno da leitura: *Caminhos da Revolução brasileira*, que caracterizava o Brasil numa fase pré-revolucionária crescente e que o desenrolar da luta de classes provocaria uma crise, em que se abriria a disjuntiva da revolução ou a contra-revolução de caráter bonapartista, na qual as diversas frações da burguesia abandonariam a democracia burguesa ameaçada pela revolução, realinhando o controle político com setores militares, com o fechamento do regime e a repressão aos setores de esquerda e dos trabalhadores. A bancada do Nordeste argumentava que não haveria possibilidade de uma revolução até mesmo pela ausência do elemento subjetivo que era o partido revolucionário, e que naquele momento ocorria mesmo a preparação para uma contra-revolução, com desfecho em um golpe de Estado. Essa divergência não foi bem recebida no Congresso. Segundo Gilvan,

Isso foi visto como uma heresia, afinal de contas se estava discordando do “GURU”, de José Posadas. Era uma heresia e trouxe um mal-estar muito grande dentro do Congresso e um repúdio à nossa colocação que parecia uma heresia [...] Nós voltamos para a Paraíba e Pernambuco e ficamos a contragosto, em nome do centralismo, defendendo a tese de Posadas de não haver

possibilidade do golpe, mas sem nenhuma convicção. Pelo contrário, nós estávamos convencidos de que havia um preparativo para o golpe. (Cf. entrevista citada).

Os prognósticos de Posadas estavam completamente fora da realidade da época, principalmente quando o golpe foi consumado. Após o golpe, ele reelabora sua tese para outra mais controversa ainda. Segundo Gilvan, “Posadas afirmava que o golpe de 64 não se manteria por um ano, pois ele não tinha base social. O golpe se instaurou e a ditadura militar se manteve por 21 anos”. Mesmo depois dessas análises, muitos militantes ainda permaneciam nas fileiras do POR-T, inclusive Gilvan, que somente romperia com o posadismo em 1966. O golpe desferiu uma forte repressão sobre os militantes do POR-T. Além disso, pode-se detectar a ausência do respeito à democracia interna na estrutura de partido posadista, já nesse relato de Gilvan.

Assim, esse partido trotiskista acabaria aceitando a tese do nacionalismo revolucionário, que era a tese de Leonel Brizola. Mas, isso tinha um valor organizativo para os militantes, pois agregava a ilusão do nacionalismo revolucionário. Gilvan relata que foi formada a FPL (Frente Popular de Libertação) de inspiração brizolista, chegando a produzir um panfleto, no Ceará, com o editorial *A palha está secando, só basta uma fagulha*. Na opinião do depoente, “era um editorial altamente panfletário, informando que as condições estavam ficando propícias a um levante popular. Era muito ufanista, mas interessante...”. Mário Albuquerque afirma ter entrado para o trotiskismo a partir da FPL, e que escrevia no referido editorial. Conforme relata:

A primeira tentativa de resistência ao golpe, digo resistência orgânica foi através da Frente Popular de Libertação (FPL), chamado também de pacto de Montevideu [...] era a primeira tentativa de resistência. E reunia os militares atingidos pelo golpe, expulsos das Forças Armadas, Brizola, Julião, AP, PC do B e os trotiskistas. Segundo os trotiskistas a Frente só vingou onde os trotiskistas assumiram a direção que foi em São Paulo, Santos e Fortaleza. Então eu entrei aí para os trotiskistas posadistas. [...] Os grupos de cinco eram a versão dos grupos de onze clandestinos de Brizola, mas a Frente não vingou aqui também, como não vingou no Brasil e foi dissolvida em todo o País. Os trotiskistas foram os que organizaram aqui no Ceará. Procuraram, logicamente, trazer para suas hostes quem pudesse dessa Frente. Uma boa parte entrou aí, inclusive eu. (Cf. entrevista citada).

Em Fortaleza, e em outros Estados, os militantes trotiskistas foram presos e torturados. Os ex-militantes da FBT relataram diversos casos de suas prisões e torturas. Após 1968, a repressão se intensificou sobre o movimento estudantil, ocorrendo o

endurecimento do regime militar na Universidade. Inocêncio e José Arlindo Soares são mandados para Pernambuco, seguindo instruções das diretrizes de segurança da FBT, pois os dois estavam sendo procurados em Fortaleza. Primeiro foi José Arlindo e depois Inocêncio Uchoa. Não havia mais como exercer atividades no movimento estudantil, diante de todo processo de desmobilização e repressão, além da estrutura partidária não ter como garantir a clandestinidade dos dois em Fortaleza. Ao chegarem em Pernambuco, passaram atuar, com os seguintes objetivos, de acordo com Inocêncio Uchoa:

Não só nós fomos presos. Mais dois companheiros que eram da FBT, em Pernambuco, também foram presos. Um de Caruarú e outro de uma região da Zona da Mata, onde nós militávamos. O centro de nossa atuação era refazer os velhos contatos do trotiskismo em Pernambuco [...] lá, em Pernambuco, era onde o trotiskismo tinha uma certa força, no sindicalismo camponês, em Barreiro e outros Municípios. (Cf. entrevista citada).

O principal nome que repassava contatos a José Arlindo e Inocêncio Uchoa era o militante trotiskista Júlio Santana, que atuou na região, buscando abrir um trabalho de base, impulsionar mobilizações e lutas pela via dos sindicatos rurais. Eles foram presos, diante da ligação com a prisão de dois militantes no Rio Grande do Sul. Toda FBT foi identificada a partir da prisão desses dois militantes, que conduziam documentos que revelavam quem era militante em diversos lugares do país onde tinha trabalho dessa organização. O jornal Correio do Ceará de 8 de maio de 1970, noticia na capa o seguinte⁵⁷: **DESBARATADA REDE DE SUBVERSÃO NO CEARÁ.**

Foi preso no Recife, comandando grupos políticos extremistas, o ex-universitário Inocêncio Rodrigues Uchoa, ex-presidente do Diretório Acadêmico Clóvis Beviláqua da Faculdade de Direito e indiciado em vários inquéritos junto ao Conselho Permanente de Justiça da Auditoria das 10ª Região Militar.

PREVENTIVA

Inocêncio Rodrigues Uchoa foi excluído da Faculdade de Direito por subversão, por três anos consecutivos, esteve no Congresso clandestino da antiga UNE e se encontra com prisão preventiva decretada pelas autoridades daquela justiça especializada.

A estudante do curso de Direito da UFC, Nancy, companheira de José Arlindo Neto e militante da FBT, também foi presa em Recife. As notícias dos jornais buscavam enaltecer as ações dos policiais e militares, sempre em destaque nas páginas policiais e, com raras exceções, aparecendo em outra coluna do jornal. Inocêncio relatou que no

⁵⁷ Ver anexos XVIII e XIX.

Ceará foi torturado pelo delegado Laudelino Coelho da Polícia Federal, que presidia o inquérito, segundo os jornais da época. Depois de 1968, os atos repressivos foram mais intensos, no entanto, havia muito despreparo dos setores repressivos, segundo Inocêncio: “A Ruth Mendes Cavalcante, uma das nossas companheiras, [...] ela fugiu do hospital militar. A irmã dela que era parecida com ela foi visitá-la, e colocou uma peruca na Ruth e assim ela conseguiu sair. Antes eles eram muito despreparados...” (Cf. entrevista citada).

Paulo Emílio também narrou suas experiências nada amistosas com a repressão. Logo que chegou de uma Conferência no Chile, a qual foi relatada anteriormente, foi processado e condenado em São Paulo, Ceará e Maranhão. A partir desse momento, ele passou a conviver na prisão com vários militantes de esquerda que antes não tivera contato. Ele relata que foi aí que percebeu o hermetismo em que se encontravam os grupos de esquerda, passando a conhecer a verdadeira realidade da esquerda brasileira daquele período, que estava carcomida e em crise, conforme relata:

Eu senti um desestímulo muito grande, um desencanto muito grande. Quando eu percebi que todos os grupelhos que lá se encontravam não tinham nenhum vínculo com a ideologia. E que muitas vezes, defendiam seus interesses de grupo, seus interesses pessoais ou suas linhas ideológicas, determinados pelo partido de forma sectária. Foi quando eu comecei a desistir de militar nessas esquerdas e passei a ter um comportamento simplesmente de esquerda, mas em condição de independência. (Cf. entrevista citada).

A decepção de Paulo Emílio foi a de muitos outros que passaram pelos porões da repressão, inclusive aqueles que foram silenciados pelo assassinato durante o período militar. É uma marca que deixa profundas lições históricas para as futuras gerações. Paulo Emílio explicou que os grupos trotiskistas percebiam a ditadura como todo revolucionário percebe um governo burguês. Era o governo que representava a burguesia e o imperialismo, governo da exploração de classe e dominação de classe, e compreendiam que era necessário lutar contra ele. Mas, quando, se deparou com a desorganização, sectarismo e desilusão com a ideologia das organizações, passou a manter uma postura de esquerda, mas com independência em relação aos partidos políticos. Isso traz um significativo aspecto, pois somente Gilvan Rocha se mantém militando, atualmente no P-SOL, e com severas críticas às idéias do trotiskismo que se apresentaram homogeneizantes e fora do contexto histórico. Outros ex-militantes se afastaram da política partidária, de acordo com Mário Albuquerque:

[...] tento entender, quase ninguém hoje se mantém nessa posição de trotiskista, não conheço ninguém, aliás. Seria interessante até fazer uma pesquisa sobre quem se mantém organizado em algum grupo trotiskista. Eu sei de pessoas que estão no PT; não sei qual a tendência. A maioria não está (pausa). Não estão nem militando. Uns não querem nem saber disso. Não é só de ser trotiskista não, e não querem saber de política, por que a pancada foi muito grande. Quanto mais alto o coqueiro maior é a queda, como diz o ditado [...] (Cf. entrevista citada).

Não apenas no trotiskismo houve esse processo de desânimo e traumas, mas pode ser identificado em vários militantes da esquerda do período. A ditadura militar deixou marcas profundas naqueles que a viveram, quebrando, inclusive, a possibilidade de militância de homens e mulheres que viveram esse período e as novas gerações que foram surgindo. Mário Albuquerque declarou que:

[...] então, eu aprendi isso na prisão: ou isso te mata ou te fortalece. Você passa a ter uma visão mais ampla, para entender isso. Porque, eu também vivi isso: uma tremenda violência na prisão. Mas, como não me matou me fortaleceu muito, no sentido de entender melhor as pessoas, a realidade, sem a camisa de força do maniqueísmo, entendendo a sua dinâmica social, a dinâmica da vida. (Cf. entrevista citada).

Cada um dos ex-militantes trotiskistas respondeu de forma diferenciada a experiência com a ditadura e a violência institucionalizada pelo Estado. Mas essas marcas são processos sociais narrados cada vez que retornam às lutas pelo monopólio da história e da memória desse período. Escutar e transcrever, analisar e fazer que brote essa história entra em conflito direto com aqueles que hoje tentam amenizar a repressão promovida pela ditadura militar.

CAPÍTULO TERCEIRO



As formas de organização e o programa político

3.1) As formas organizativas

Os “rachas” não são frutos, somente de derrotas políticas, mas também de divergências internas, com grupos buscando espaços e/ou redefinindo (ou não) linhas políticas. Muitas vezes, mais importante do que o impacto das derrotas são os significados delas extraídos e, principalmente, como esses significados são veiculados nos embates políticos. (MAIA, 2008, p.39).

Os trotiskistas atuaram no movimento estudantil secundarista, sendo a maior força dirigente durante um período, e atuaram no movimento estudantil universitário da Universidade Federal do Ceará (UFC), conquistando o Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua (CACB), que era um pólo aglutinador de tendências partidárias, concorrendo às eleições do Diretório Central dos Estudantes. Esses elementos já podem ser relevantes para se justificar o estudo mais delimitado sobre esses grupos partidários de esquerda, mas as disputas locais dentro do movimento estudantil também refletiam as disputas internacionais e nacionais.

Para Inocêncio Uchoa, a contribuição do trotiskismo foi muito grande devido aos trotiskistas fazerem a divergência entre os grupos do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Ceará (DCE/UFC). Isso foi importante pelo fato de contestar o monolitismo, suscitando a discussão política, contradizendo e atuando com uma linha política diferenciada, tentando fazer avançar a “consciência das massas”. Ele ressalta que a linha política dos trotiskistas era diferente, por exemplo, da do PCB e seu reformismo, do PC do B e da AP. A Quarta Internacional era conhecida pela ênfase da postura combativa, como explica:

[...], por exemplo, como nós tínhamos uma postura ativa, combativa, nós puxávamos a mobilização para cima. Quantas vezes eu não escutei dos militantes do PC do B, AP: “Não. A massa está desmobilizada para essa mobilização! Ou então: “não há clima político!”. E nós puxávamos e dava certo![...] eles sempre diziam (PC do B e AP) : “Não. Nós vamos ficar falando sozinhos!”. Quer dizer, nós tínhamos uma postura mais agressiva ainda que exagerássemos um pouco. Para nós o importante era não pecar por omissão. (Cf. entrevista citada).

É da tradição do trotiskismo o espírito combativo e a busca de mobilizar as massas. Para o trotiskismo, existem apenas duas estratégias que passam a ser

permanentes: construir o partido mundial da revolução socialista e mobilizar permanentemente as massas. Ou seja, poderiam ser utilizadas diversas táticas, mas essas duas tarefas eram estratégicas para os trotiskistas, permanecendo na história até ser concretizada em um processo revolucionário que permitiria a tomada do poder pela classe trabalhadora. Para isso, os trotiskistas se apoiavam na direção revolucionária que os levasse até a vitória na luta entre a burguesia e os trabalhadores, prevalecendo os trabalhadores sobre a burguesia. Há indícios de que essa compreensão era vaga nos trotiskistas de Fortaleza. Inocêncio revela sua indignação com os debates e as “pesquisas apologéticas” (Inocêncio Uchoa) ao PC do B, inclusive as relativas ao maio de 68.

Por isso eu sou indignado com os debates que estão sendo feitos agora sobre o Maio francês. Não só debates, mas em geral o que se veicula sobre a geração de 68. Por que se passa a idéia de que as coisas aconteceram por causa do PC do B. Não! Não foi pelo PC do B. As coisas aconteceram pelos trotiskistas, principalmente. Por que se fosse pelo PC do B, eles (os estudantes) estariam todos estudando nas salas de aula. Por que eles sempre acharam que as massas não estavam preparadas [...]. (Cf. entrevista citada).

Tal fato pode ser comprovado na obra *A revolução faltou ao encontro*, de Daniel Aarão Reis, que defende a idéia de que o Partido (PC do B) estava pronto, mas as massas não. E pode-se constatar que nessa obra os trotiskistas desapareceram. Uma das principais diferenças dos trotiskistas para com os outros grupos dizia respeito à abordagem teórica. Todos entrevistados foram unânimes ao narrar que os trotiskistas, além de combativos, davam uma maior atenção à formação teórica do que os outros grupos e apresentaram esse elemento como essencial para diferenciação política. Inocêncio relata sobre isso:

Nós estudávamos, nós líamos permanentemente, mesmo com todas as limitações, com as nossas cabeças de 17, 18, 19, 25 anos. Nós tínhamos essa preocupação com os estudos. As outras organizações liam superficialmente. Nós éramos conhecidos até. Eram aqueles que só namoravam um dia na semana, não iam para cinema, não iam para festinha. Era o tempo todo militando, ou estudando concretamente [...]. (Cf. entrevista citada).

O estudo teórico fez a diferença na atuação dos trotiskistas, e também na avaliação do processo revolucionário de transformação do Brasil. Vale a pena destacar que os trotiskistas não se envolveram com a Guerrilha, pois já avaliavam que era necessário um movimento de massas para derrubar a ditadura. Dessa forma seguiam um

velho jargão do trotiskismo: “Com as massas tudo, sem as massas nada!”. O que se deveu, também, ao conhecimento teórico dos trotiskistas. Segundo Inocêncio:

[...] dezenas e dezenas de companheiros valiosos foram para a Guerrilha e foram mortos. Na Guerrilha do Araguaia, tinham pessoas da maior expressão, militantes íntegros, probos, valentes. Grandes companheiros que foram sacrificados, como algo fora de propósito. Por que nós não entramos na guerrilha? Porque nós estudamos os processos históricos e nós sabíamos que ou você tem massa e a massa vai para o confronto, ou você não chega a lugar nenhum. Cuba foi um processo muito específico, um país pequeno que não era como um país como o Brasil. O que aconteceu em Cuba se espalhava boca-a-boca e se montou uma rádio dos guerrilheiros que se fazia ouvir em toda ilha. Era um processo completamente diferente daqui. (Cf. entrevista citada).

A história deu razão às análises trotiskistas nesse sentido. Eles não eram contra a guerrilha, mas contra a guerrilha ser utilizada como uma estratégia que se afastasse completamente das massas. Avaliavam também a correlação de forças no período em que a ditadura vivia o “milagre brasileiro”, com empréstimos estrangeiros com total e absoluto controle sob a classe média na sociedade de consumo, além da forte repressão aos sindicatos, partidos e ao movimento operário, que estava retraído e começando a se reafirmar. Era necessário ir às massas e não se isolar delas. Assim avaliavam os trotiskistas. Mário Albuquerque lembra e destaca a atuação dos trotiskistas nas assembléias estudantis:

Nas assembléias estudantis os trotiskistas eram conhecidos. Não se discutia só meia passagem e carteiras de estudantes. As análises quando eram feitas eram de discursos longos e para chegar ao essencial faziam um rodeio danado. Tinham que explicar a revolução, o processo histórico... (risos!). Então, eram bem conhecidos os trotiskistas. E isso virou folclore. (Cf. entrevista citada).

Os trotiskistas realizavam análises de conjuntura, através das quais procuravam avaliar as relações existentes entre os processos históricos, tais como: passar pela conjuntura internacional nacional e chegar ao local que servia de elemento de politização nos debates políticos à procura das conexões necessárias para unificar os trabalhadores do mundo sob a bandeira do socialismo. Mas isso dependia da experiência militante, do setor em que se faziam as intervenções e da realidade vivida pelas massas e suas reivindicações mais importantes e momentâneas. Mário não deixa de destacar a contribuição positiva que os trotiskistas trouxeram:

Inclusive, os trotiskistas trouxeram uma grande contribuição. Eles forçaram os outros grupos a estudar, para poder argumentar, porque os trotiskistas diziam uma coisa que é verdade: você pode chegar antes das coisas acontecerem. Isso de você conhecer o processo histórico e antecipar os acontecimentos, na medida em que você tem o domínio das leis históricas. Isso é muito impressionante e foi muito abandonado hoje, em nome da tática. (Cf. entrevista citada).

As disputas internacionais se refletiam no terreno local, pois os grupos trotiskistas tinham um embate direto, nesse sentido, com os grupos do PC do B e PCB, por terem conhecimento do que representava o stalinismo. Os depoimentos dos trotiskistas atestam que, naquele período, os trotiskistas já debatiam os perigos do revisionismo e do stalinismo para as massas. Paulo Emílio assim comenta esses problemas:

A perspectiva stalinista por excelência que acabou se expressando no maoísmo com o PC do B. Quem mais seguiu a linha do stalinismo aqui no Brasil, foi o PC do B, que era ideologicamente ligado ao PC Chinês. Os militantes do PC do B andavam com o livro vermelho de Mão-Tse Tung, decorando suas frases, enaltecendo a figura de Mao. Em todas as reuniões deles, estava lá a figura de Mao-Tsé Tung estampada no meio da sala, ou do salão, onde eles se reuniam, eles enalteciam a figura de Mao como o grande timoneiro da Revolução. E eles faziam uma aliança com a burguesia nacional chinesa (PC Chinês) através do Kuomitang. Essas eram distorções que nós trotiskistas não aceitávamos. [...] sem dúvida nós nos diferenciávamos das outras esquerdas que se aproximavam muito das burguesias nacionais, principalmente o PCB comprometido com a linha Kruschevista, o chamado revisionismo, depois veio a perspectiva stalinista por excelência que acabou se expressando no maoísmo. (Cf. entrevista citada).

Para Gilvan Rocha, a chegada do trotiskismo em Fortaleza abria espaço para que os diversos setores descontentes com o PCB, e que não eram poucos, olhassem o trotiskismo como uma alternativa. Porém, relata que a chegada do trotiskismo criava uma agitação para que outros setores passassem a se organizar para lhe fazer frente, como o caso do PC do B, que antes não existia no Ceará, segundo Gilvan:

Com a nossa chegada, um segmento se apavorou. Com a presença dos trotiskistas, que seria o terror, essas pessoas que tomaram a iniciativa de organizar o PC do B que não existia aqui no Ceará, para preencher os espaços que os trotiskistas estavam ocupando. Foram os líderes desse movimento o Pedro Albuquerque (irmão do Mário Albuquerque), o Oséias Duarte e o Sales. Eles organizaram o PC do B que foi criado a toque de caixa para fazer frente à presença dos trotiskistas. E aconteceu dessas vertentes do PC do B de caráter e formato stalinista e os trotiskistas disputarem o movimento de massas. (Cf. entrevista citada).

Na Primeira Escola de Quadros do POR-T, Gilvan relatou uma polêmica que teve com Mauro Pamplona que simpatizava com o maoísmo. Ele acreditava e defendia que o maoísmo estaria estimulando o avanço da revolução mundial. Ao contrário, Gilvan, como trotiskista no período, defendia que existiam equívocos teóricos e políticos nessa vertente de esquerda, que eram a teoria do “campo cercando a cidade” e a “guerra popular e prolongada”.

[...] a guerra popular e prolongada, nós achávamos isso uma piada, pois que fosse popular nós não tínhamos discordância, mas porque tinha que ser prolongada? Você colocar isso numa palavra de ordem era de uma insensatez sem tamanho. (Cf. entrevista citada).

O mesmo depoente ainda confirmou as narrativas dos outros trotiskistas ao afirmarem a superioridade do seu grupo na formação teórica em relação aos outros. Ele destaca que: “os stalinistas acusavam os trotiskistas de traidores e diziam também que Trotsky era agente da CIA e que o Partido Bolchevique era formado de traidores e que todos foram fuzilados, e afirmava não saber como um partido de traidores conseguiu fazer a revolução”. Quanto aos trotiskistas: “eles acusavam Stalin do ‘gênio do mal’, e um acusava o outro”. Entretanto, os stalinistas reconheciam o conhecimento teórico dos trotiskistas. Segundo Luis Cruz:

[...] os trotiskistas liam mais, conheciam mais a revolução Russa e a Revolução Chinesa, se discutia a história das Internacionais. Na verdade, os trotiskistas estimulavam as leituras e a formação, porque no Partidão (PCB) não existia isso de maneira nenhuma. (Cf. entrevista citada).

Mário Albuquerque também destacou a intelectualidade dos grupos trotiskistas de se arvorarem de ser a “vanguarda da vanguarda”, que sempre se arvoravam da diferença de serem “detentores da teoria” e terem fortes críticas aos outros grupos por não se dedicarem à formação teórica, sendo constantemente acusados de serem muito teóricos. Ele enfatiza, também, que recebia orientação para impulsionar as passeatas para o enfrentamento.

Eu lembro que tinham passeatas ou movimentos em que a gente dividia a passeata. Eu fiz isso, eu lembro que essa era uma orientação. Sempre tentando radicalizar para um enfrentamento com a polícia, ou sair de seu leito traçado, porque o DCE e o secundarista tinham um roteiro, traçado às vezes, evitando um enfrentamento, ou roteiros em comum acordo com os órgãos de segurança. E nós sempre puxávamos para romper com isso. (Cf. entrevista citada).

Essa forma pode ser descrita pela radicalidade do grupo, que procurava um enfrentamento, sem perceber se a divisão da passeata prejudicava o movimento ou mesmo a correlação de forças. Uma forma constante de diferenciação dos trotiskistas dos outros grupos ocorria na elaboração das palavras de ordem quando aconteciam atos, manifestações ou passeatas, em que eles sempre buscavam apresentar as mais avançadas. Segundo Inocêncio, isso se baseava em propostas diferenciadas.

O PC do B dizia: “O povo unido jamais será vencido!” Nós já dizíamos: “O Povo organizado derruba a ditadura!” [...] Uma coisa é dizer: “O Povo unido”, outra é dizer “O povo organizado”. Isso significa: organizado nos sindicatos, na luta, armado. Enfim, a nossa idéia era a de que nós devíamos identificar sempre a luta com o processo revolucionário. Essa palavra de ordem: “O povo unido jamais será vencido!”. E hoje em dia em qualquer reunião de damas da cidade, você pode ouvir “as damas unidas jamais serão vencidas!”. (Cf. entrevista citada).

Para Paulo Emílio a diferenciação ocorria no mesmo ponto em que foi colocado por Inocêncio Uchoa. Havia uma grande diferença nas palavras de ordem dos trotiskistas e dos outros grupos.

Sem dúvida nenhuma nós que éramos trotiskistas agíamos diferente das outras esquerdas. As palavras de ordem eram completamente diferentes das nossas. As nossas eram: operário no poder! Viva a revolução Socialista! Viva ao Socialismo! Construamos o Socialismo! Proletário de todos os países: Uni-vos! Os outros partidos: Abaixo a Ditadura! Abaixo o imperialismo! Viva a nação brasileira! Eu me lembro do José Genoíno abraçando a bandeira brasileira numa manifestação que era para ser revolucionária. (Cf. entrevista citada).

O trotiskismo buscava uma unidade na arte e na ciência para encontrar as melhores palavras de ordem, para mobilizar as massas. Para isso, observavam alguns pontos, como utilizar a palavra de ordem ou mesmo a sua combinação de palavras de ordem em plena adequação à mobilização concreta, para poder desenvolvê-las na tarefa de tomada do poder pela classe trabalhadora. As palavras de ordem só tinham utilidade se estivessem no contexto da luta de classes. Somente assim elas gerariam vida para as mobilizações e consciências das massas. Portanto, precisavam corresponder à situação histórica concreta.

O que passava a dar significado às palavras de ordem era a própria mobilização dos trabalhadores ou setores explorados e oprimidos. As palavras de ordem dos trotiskistas não eram determinadas pela consciência dos estudantes, mas pela situação

do movimento de massas e pelo estado objetivo do país. Em síntese, as palavras de ordem deviam servir para elevar toda mobilização a um nível superior. Somente dessa forma se elevava a consciência de que era necessário que os trabalhadores tomassem o poder da burguesia. Segundo Paulo Emílio, a Universidade era um espaço para esse movimento:

Naquela época na Universidade fervilhavam idéias revolucionárias... Ela passou a ser o local onde se desenvolviam essas idéias revolucionárias. Era muito comum os jovens andarem com livros de Karl Marx embaixo do braço, ou aprofundando seus conhecimentos sobre o marxismo. Era como se aquilo fosse uma verdade absoluta e, a partir daí, fosse envolvendo aquela grande parte da juventude nisso. É claro que havia aqueles que não embarcavam nessa idéia, porque o movimento estudantil daquele período se dividia em movimento estudantil de direita e de esquerda. Eu tive contato com o movimento de esquerda, de luta. (Cf. entrevista citada).

A partir desta citação, entendemos que a Universidade era um terreno fértil para as idéias do marxismo, e de que, com o processo de mobilização dos estudantes, não era possível poder deixar de levantar palavras de ordem que partissem do nível de consciência das massas, para tentar elevá-las a outro patamar de mobilização. Maia (2008, p.66) assim relata a questão dos embates das correntes políticas dentro do Movimento Estudantil:

Percursos em constante combate, a presença da precaução contra a polícia, as brigas em torno das palavras de ordem em busca do protagonismo ausente, o povo brasileiro-temas que nos ajudam a pensar a atuação política de militantes que se pretendiam verdadeiros revolucionários, mas faziam parte de um movimento social envolto em uma sistemática ação de repressão política e militar e com claros limites estruturais (reivindicando direitos). As tensões dos projetos políticos dos militantes devem ser discutidas no sentido de que tipo de valores suas experiências históricas possuem hoje quando recordadas.

Reatualizar essa leitura sobre os militantes trotiskistas, conferindo espaços para ser elaborada uma interpretação que priorize seu modo de pensar no passado e no presente, é tornar possível a narrativa de uma história menos presa às amarras dos limites objetivos e subjetivos que impossibilitavam sua existência, ou clandestinidade.

Vejamos como eram as organizações trotiskistas nesses dois aspectos em sua forma organizativa e em seu programa político. Para percebermos se puderam atingir o objetivo de serem um partido de conspiradores profissionais, mesmo em condições

históricas completamente diferentes. Esse passo é importante para que esses grupos políticos trotiskistas do passado não sejam idealizados.

Os ex-militantes trotiskistas foram muito críticos com as formas organizativas do seu partido quando atuavam em Fortaleza, no período da ditadura militar. Todos entrevistados narraram experiências que não se aproximavam da forma organizativa proposta para tomar o poder junto com as massas, derrubando a ferrenha ditadura civil-militar. Mário Albuquerque destaca:

Os trotiskistas tinham uma posição que dificultava. Eles não se propunham ser um partido de massas. Eles se propunham a ser a vanguarda. Então, isso já impedia. Segundo, havia um preconceito muito grande em relação aos trotiskistas que eram pichados na esquerda hegemônica do PCB, PC do B e mesmo AP, como agentes do imperialismo, agentes da repressão dentro do movimento de massas. (Cf. entrevista citada).

Não sendo, ou não se propondo a ser um partido de massas, os trotiskistas colocavam seu trabalho de base e sua militância diante do perigo de um futuro isolamento. Em um período de forte repressão, a militância se tornava despreparada e desacreditada para a tomada do poder, por não ter mobilizações que elevassem os ânimos com o objetivo de derrubar a ditadura e tomar o poder pelas massas. Nas campanhas de ataques conjuntos aos trotiskistas, feitas pelas outras organizações associadas, a repressão pode ser identificada e uma situação a militância se torna mais adversa ainda. Fica jogado a um futuro incerto o partido que tem referência na vanguarda, parando de elaborar uma política para as massas e se isolando por questões objetivas, como a repressão, e subjetivas, gerando a desestruturação organizativa. Paulo Emílio apresenta sua indignação com relação a vários fatores da atuação dos trotiskistas:

[...] Dentro do POR-T quem pensasse diferente era considerado um herege. Era uma heresia pensar diferente do companheiro que pensava diferente. Por exemplo, se dizia que ele estava em crise, precisava ser reconduzido à célula, afastado, para que pensasse a vida. Se realmente, ele deveria continuar ou não, e sempre um companheiro era destinado a conversar com ele, para saber o que estava acontecendo. Portanto, que desvio estava afastando esse companheiro da linha do partido. (Cf. entrevista citada).

Ramalho (s/d) destaca, em seu trabalho, que os trotiskistas menosprezavam as questões específicas e se consideravam uma vanguarda, inclusive que os trotiskistas tinham uma postura extremista e eram impregnados da necessidade de ações e palavras-

de-ordem radicais. Em citação do entrevistado Oscar d'Alva, que revela ter consciência de que era uma vanguarda, mas uma vanguarda um pouco avançada da massa, o que era natural e que esse vanguardismo era um momento. Aqui cabe mencionar que em todos os processos de luta surgem vanguardas, as quais seriam os elementos mais interessados e que procuram assumir tarefas dentro das lutas. Mas a pergunta é: para quem a política do partido trotiskista está direcionada? Para as massas ou para a vanguarda?

O trotiskismo deixava claro que a vanguarda era obtida com a política correta para as massas. Mas, para isso, era necessário estar com as massas, olhar sua realidade, escutar seus anseios e daí elaborar as melhores palavras de ordem para a mobilização. Entendemos que a explicação para o problema em relação a esse aspecto reside na própria obra de Ramalho (s/d), em que a voz e ações dos trotiskistas aparecem apenas circunstancialmente, enquanto que a do PC do B é hegemônica. Se é realmente fato, segundo Ramalho (s/d), que os trotiskistas não se interessavam pelas questões específicas, como conseguiram vencer as eleições para o Centro Acadêmico de Direito e se tornar a terceira força política no movimento estudantil universitário? Sendo sempre lembrado pela sua atuação; fosse ela radical ou equivocada pelos outros grupos. Inocêncio Uchoa destacou que os trotiskistas em Fortaleza, com a FBT, estavam crescendo, mas ele afirma que não houve tempo histórico para maturar esse processo, pois, em 1968, eles já haviam disputado o DCE, mesmo com poucos anos de trabalho no movimento estudantil, o que também ocorria em Pernambuco. Entretanto, deixa claro que os trotiskistas eram minoritários, embora, tivessem propostas diferenciadas e isso poderia levar a que se expandissem. Paulo Emílio acredita que o problema do trotiskismo estava também ligado à realidade internacional, segundo explica:

Havia grupos que supervalorizavam a Quarta Internacional. Acreditava-se que era um movimento enorme de trabalhadores e que faziam parte do posadismo e havia uma propaganda muito grande na América Latina. Falava-se muito em Quarta Internacional e a consciência juvenil naquela época achava que a Quarta Internacional fosse tomar o poder no mundo inteiro. Eu lembro, quando os companheiros vibravam, quando viam as bandeiras da Quarta, que era na verdade um outro rompimento do trotiskismo. A partir daí, nós descobrimos que a verdadeira realidade do posadismo não passava de um pequeno grupelho, extremamente sectário, girando em torno de José Posadas. Aí eu pude constatar que o trotiskismo estava esfacelado em vários grupelhos. O mais forte sem dúvida era a *Quatrieme Internationale* de Mandel. Era a mais atuante, a mais organizada, a mais equilibrada em termos de propostas e atuação. (Cf. entrevista citada).

Havia um romantismo sobre a Quarta Internacional e essa desilusão pesava sobre os trotiskistas, diante de um grupo que se imaginava internacionalista e com dimensões bem maiores do que realmente era. Os trotiskistas não tinham conhecimento da realidade enfrentada pela Quarta Internacional em todo o mundo. Coggiola (1984) destaca que sempre se argumentou muito sobre a viabilidade do trotiskismo e suas freqüentes e numerosas divisões e divergências que caracterizavam a vida dos organismos de forma diferenciada, por exemplo, da Terceira Internacional que, sob o domínio de Stalin, não conheceu divergências pelo seu monolitismo e sob sua dissolução no ano de 1943. Outro argumento muito utilizado contra o trotiskismo era sobre o fato de não conseguir processar suas divergências em um quadro unificado, num funcionamento centralizado e democrático, como um partido mundial da revolução socialista, essa divisão tão propagada ao trotiskismo indica as crises políticas e organizativas do trotiskismo.

Mas crise não significa a sua morte. A crise pela qual passou essas organizações supõe que o partido revolucionário (fator subjetivo) não está desligado das lutas de classes e sofre pressões com elas, perdendo em momentos históricos a direção. E nada indica que não possam retomar o caminho e superar os obstáculos.

O período em que se dera a formação da Quarta Internacional, cheio de recuos e derrotas do movimento operário, deixara uma pesada herança. Havia bastante sectarismo e falta de clareza entre os membros trotiskistas. A fragilidade de suas análises não os preparava para a ação cotidiana e os choques com uma realidade estranha aos seus esquemas gerava primeiro o desânimo e, depois, o ceticismo e as cisões – preço inevitável das carências políticas. (CAMPOS, 1981, p.53).

Gilvan Rocha lembra de suas experiências no Congresso do POR-T, em São Paulo, onde discordou de José Posadas junto com a bancada do Nordeste, não deixando de perceber outros fatores, como sua exclusão, em Fortaleza, do trabalho de base na Fábrica Santa Cecília e destaca sobre esse sectarismo:

Nós sabíamos que haviam divisões na Quarta, mas a única que se dizia herdeira de Trotsky era Posadas. E os outros diziam a mesma coisa. Mas a inserção dos trotiskistas no movimento de massas sempre foi muito modesta, sempre tive pouca inserção [...] o não hábito de fazer alianças, a intolerância se leva a que eles terminem num gueto, terminassem segregados. Os trotiskistas não compreendem o que é de princípio e o que é tático. [...] O que caracteriza realmente o POR-T era não fazer política. Era a não política, seu

sectarismo, que não era persuasivo, agregador, e isso foi desastroso. (Cf. entrevista citada).

Gilvan mostra vários elementos que reavalia nos dias de hoje, atestando que sua militância no POR-T foi um “mal necessário”. Paulo Emílio (*apud* Maia, 2008, p.59) destacou que “[...] em sua militância universitária havia passeatismo, carreirismo, oportunismos, voluntarismos”. Os partidos trotiskistas não estavam imunes aos problemas colocados a todos os outros partidos, em sua forma organizativa, dentro da sociedade capitalista e do Brasil da ditadura militar. Cortez (2005, p.137) destaca também outros elementos:

Os trotiskistas no Ceará reuniam-se, também, em pequenos grupos para evitar a entrada de “espiões” ou colaboradores da polícia. Luiz Cruz Lima, hoje professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE), participou de um desses grupos de, no máximo, quatro a cinco pessoas que se reuniam para discutir a “visão política, a revolucionária e a prática no cotidiano”. Nas reuniões desses grupos, os militantes liam textos de Marx, Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo etc. e material vindo do exterior em inglês e francês, entretanto não estabeleceram vinculação internacional, embora outros grupos mantivessem essa ligação, como no de Arlindo Soares, que estava vinculado ao do Uruguai. Para Luiz Cruz, o grupo citado tratava a política como uma “questão de religião do marxismo”, pois José Posadas “estabelecia até o dia da revolução”. Através do amigo Júlio Montenegro engenheiro eletrônico que trabalhava na telefonia e falava francês, o grupo mantinha contato com militantes franceses, além de ler o jornal *Le Monde*, fato que lhes permitia discutir a conjuntura nacional e internacional. Embora não participassem do movimento armado, mantinham uma rede de assistência aos companheiros e suas famílias, arrecadando dinheiro ou tirando da própria manutenção, o que também era realizado pelos comunistas.

A citação de Cortez permite que possamos iniciar a análise da estrutura organizativa interna, ou seja, as células, como os ex-militantes chamavam na época. As células eram pequenos grupos, de cinco ou seis pessoas, que se reuniam para debater e organizar o partido e sua intervenção política no movimento de massas, conforme Gilvan:

As células contemplavam, no máximo 5, ou 6 pessoas. Eram feitas reuniões na casa de um ou outro companheiro, ou no escritório, ou na linguagem em um aparelho. Tínhamos os cuidados para não chamar atenção e se fazer uma pauta onde se discutia a questão da disciplina partidária, organização partidária. Tinha sempre uma pauta. Nós cotizávamos com o partido, mas vivíamos sempre numa situação franciscana. Geralmente tinha um ponto político na célula, onde se analisava a situação internacional e nacional. Mas a discussão que eles chamavam de política era um monólogo, porque só a direção pensava. Elas tinham um iluminado. No Partidão tinha o Prestes, no POR-T tinha o Posadas. (Cf. entrevista citada).

Mário comentou que a estrutura das células era rígida, de tal forma que a vida partidária adentrava em outros espaços sociais: “[...] Era uma estrutura tal que não era bem visto uma pessoa de um grupo namorar uma pessoa de outro grupo, principalmente do PC do B. Trotiskistas e stalinistas eram como Tom e Jerry. Poxa! Ser trotiskista naquela época no Ceará era uma coisa estranhíssima (risos!). Era como o cara que hoje é Punk ou Dark, como ‘alguns caras’ que vemos por aí”. E continuou em outra parte:

A esquerda usa muito a categoria da alienação e ela não percebe que talvez ela seja uma das mais alienadas. Porque ela se aliena nessa estrutura, ela não está fora disso. Ela acha que faz a crítica de estrutura autoritária como se ela estivesse imune. Aí então quando tinha divergências às pessoas tinham medo de falar, de explicar. Eu vivi isso, porque quando eu passei a divergir, e a minha companheira era do partido, foi que eu tive que conduzir isso com muito cuidado para não perdê-la. (Cf. entrevista citada).

Inocência destaca sobre esse aspecto da democracia interna do partido constituída nas células: “Na Quarta Internacional não havia divergências internas. Por ser uma unidade muito pequena e não havia maiores espaços, não se divergia. Era um centralismo só...”. A inserção de reuniões com uma estrutura tal, se refletia na abordagem que eles faziam aos estudantes, que era direta demais (“honesta” por irem diretamente ao ponto), mas que, em vez de aproximar, causava mais espanto e afastamento, pois o trotiskismo era criticado pelos outros grupos no período da ditadura. O espaço das células era um espaço de preparação para a intervenção no movimento de massas, na perspectiva de armar o partido para intervir nas lutas e também para trazer novos militantes. Existiam formas para convencer os contatos para entrar no partido, mas, segundo Inocência, a forma dos trotiskistas se diferenciava da dos outros grupos.

A abordagem dos trotiskistas junto aos estudantes era muito direta. Ela tinha uma forma de colocação que era muito clara, nítida, e isso talvez provocasse espanto, choque nos estudantes. Os outros grupos convidavam pra uma festinha, para uma reunião e cinema [...] nós não. Daí isso assustar um pouco. (Cf. entrevista citada)

Outro problema central para os trotiskistas estava relacionado à direção política das células. Inocência afirma que não tinha e nem sentia nenhuma “firmeza” na direção. Havia uma contradição muito grande entre a teoria e a prática, e isso o desiludiu. Daí a necessidade de uma linha mais brasileira para o trotiskismo, como a FBT, que fosse inclusive mais condizente com a realidade. Ele afirma que um dos motivos para isso ocorreu logo após a sua prisão, no Congresso de Ibiúna, em 1968.

[...] nós fomos presos no Congresso de Ibiúna. Passamos uma semana presos em São Paulo e houve uma greve de fome. Nós do Ceará, ficamos em celas próximas e nosso dirigente foi flagrado quebrando a greve de fome. Esse cara era o dirigente da Quarta Internacional. Você não imagina o sofrimento nosso, o constrangimento diante dos outros companheiros... Nosso dirigente furando uma greve de fome. (Cf. entrevista citada).

A ditadura militar submetia jovens estudantes a duras condições. A greve de fome era uma manifestação de profunda expressão de resistência à opressão e ninguém estava preparado para uma situação tão singular. Os frutos da ditadura que dividiam ainda mais os militantes, submetendo-os a ter que lutar das formas mais dolorosas e difíceis, levando-os a desacreditar em seus dirigentes, ou mesmo aos projetos do socialismo. As razões disso fazem parte da conjuntura repressiva que ajuda a dividir e desacreditar os militantes.

Para os trotiskistas, o principal organizador coletivo do partido era o seu jornal, que centralizava a intervenção de forma mais ampla e trazia sua política para as massas, trabalhadores e contatos. Isso fazia parte da estrutura organizativa dos partidos que adotaram a forma bolchevique. Os trotiskistas de Fortaleza relataram sobre esse organizador coletivo. Eles informavam que existia o jornal *Frente Operária*, do POR-T nacional, que quem editava era José Posadas, e que eles passaram a organizar um jornal local com o nome de *O Proletário*. Segundo Gilvan, na célula do POR-T na Fábrica Santa Cecília, esse jornal era repassado mão-a-mão entre os operários.

Havia um dos companheiros da Santa Cecília que era da manutenção das máquinas, e ele circulava muito pela fábrica e quando havia alguma panfletagem para se fazer, nós utilizávamos esse esquema na divulgação do jornal de mão-a-mão, e dava certo. Considerando que era uma comunicação limitada, mas considerando as circunstâncias dava certo. (Cf. entrevista citada).

A forma como era produzido esse jornal e em que condições foram narradas por Mário Albuquerque. Paulo Emílio narrou que, ao serem produzidos panfletos ou outros documentos, era necessário distribuir e destruir o material de impressão, devido a possibilidade da repressão anexar esses documentos como provas contra os militantes. Diante disso, se tornou raro encontrar esse jornal. Daí a importância de localizá-lo com a abertura de documentos secretos da ditadura, para podermos encontrar o jornal do POR-T, no Ceará. Mário informa como era produzido o jornal *O Proletário*:

[...] Aqui no Ceará era feito de uma forma extremamente rudimentar. Era no chamado reco-reco. Olha, é impressionante quando eu lembro, porque o reco-reco é uma coisa caseira, quase artesanal, medieval... E eu lembro que nós fazíamos isso na casa de um operário, de madrugada. Eu me imaginava na Revolução Russa... E nós passávamos a madrugada fazendo aquilo para tirar uns 100 panfletos ou uns 150. Quando nós conseguimos um mimeógrafo a álcool ou elétrico foi um avanço tecnológico impressionante, um salto tecnológico. (Cf. entrevista citada).

A circulação do jornal conforme pudemos perceber era restrita, mas buscava o contato com operários. Apesar de ter uma linha local, saía dos padrões do bolchevismo, onde existia um jornal nacional que centralizava a política, mas entendemos que a iniciativa do jornal local foi para suprir a lacuna deixada pelo posadismo, que não dava respostas concretas nesse terreno.

3.2) O programa político

É Revolução Permanente ou destruição permanente.
(Leon Trotsky - A Revolução Russa).

O programa político dos trotiskistas era o Programa de Transição, que foi reproduzido pelo POR-T, depois de sua Primeira Escola de Quadros, no ano de 1965. No entanto, nesse momento, queremos analisar a articulação desse programa com as lutas e como ele apareceu nas falas dos trotiskistas. Não se trata de ver se eles aplicavam ou não o Programa de Transição, atualizando algumas bandeiras, mas de perceber se os seus princípios estavam presentes nas atividades e nas narrativas sobre o trotiskismo no período e até que princípios foram utilizados, de modo que fiquem registradas as formas como os depoentes expressaram a sua importância no passado e no presente, ou mesmo se essa experiência deixou de ter importância. Luiz Cruz Lima lembra que, na invasão da antiga Tchecoslováquia pela URSS em poder da burocracia stalinista, ele e os companheiros trotiskistas que distribuíam panfletos, mostravam, claramente, a posição contrária ao fato e receberam ataques e foram perseguidos por isso. Ele declarou, também, que os trotiskistas tiveram uma grande importância por desmoralizar a teoria do socialismo real:

Pois, enquanto, as massas eram enganadas achando que a URSS era um mundo, era o Éden, nós já dizíamos muito antes que era o contrário. Que na URSS havia corrupção, privilégios, e não se construía o socialismo em um só país. Basta verificar a história da URSS. Basta ver o caso do stalinismo, que nós combatíamos diretamente até hoje. Lembro-me do caso de Lênin doente, prevendo o processo de burocratização. [...] Stalin manda liquidar Trotsky e todos aqueles que poderiam ter feito uma revolução diferente. E quando acontece isso, o que você vai verificar: a Revolução Russa se deteriora, se degrada [...] Então, você verifica que a URSS foi entregue aos burocratas, à intelectualóides, a homens que não tinham cultura como no caso de Stalin. Aí você vai verificar que houve um desvio de um projeto socialista, que as massas queriam construir. Então, essas massas foram traídas [...] Ora, isso tudo foi denunciado pelo trotiskismo, por nós trotiskistas. Tinha toda essa discussão e essas colocações. Daí, quando cai a URSS, os trotiskistas estavam rindo e dizendo: Tai, foi tarde! Porque isso deveria ter acabado desde o começo, nos anos 20. E Stalin foi o maior assassino, mais que Hitler e nós mostramos isso por A+B. (Cf. entrevista citada).

Luiz Cruz continuou a entrevista com a seguinte observação sobre a revitalização do trotiskismo: “O que se espera, o que houve de bom é que esse pensamento está se renovando, está sendo construído de baixo para cima. Então, há uma

esperança de que o trotiskismo se revigore através de uma posição dos pobres... e eu não diria que nós trotiskistas tenhamos deixado isso de lado”. Segundo ele, as premissas do Programa de Transição no combate às direções traidoras e ao processo de burocratização se apresentam em sua fala, além de ter uma esperança na renovação do trotiskismo.

Paulo Emílio e Gilvan Rocha pensam diferentemente de Luiz Cruz Lima. Para Paulo Emílio, as organizações trotiskistas não passavam de uns grupelhos, onde a mais organizada era a Quarta Internacional Mandelista. Seu pensamento oscilava entre os aspectos significativos e as insignificâncias do trotiskismo. Ao que se apresenta em suas narrativas, essa relação do passado com o presente e a real avaliação de tudo ainda está em aberto. É como um balanço político que ainda não se fechou. Vejamos uma das exposições de Paulo Emílio: “[...] afinal de contas perguntávamos: o que é verdadeiramente o trotiskismo? Se esse trotiskismo estava interpretado de várias maneiras e em cada país havia três quatro, cinco grupos, muitos isolados entre si...”. E, como uma “metralhadora”, desfece um duro ataque aos opositores que se afirmavam hegemonia na esquerda:

Afinal de contas qual era a esquerda que tinha hegemonia? Qual era? Por mais numerosas que fossem? Se cada esquerda encaminhava suas formas de luta, se cada esquerda encaminhava suas palavras de ordem, se cada esquerda tinha sua igreja, seu grupinho, seu grupelho? Havia muitas vezes o que nós chamávamos de “masturbação intelectual” dentro das reuniões de partidos, onde em muitos casos havia apenas manifestações de competência e intelectualidade, ou da sabedoria em termos de teoria marxista, do que alguma coisa prática que pudesse servir à realidade. Na verdade, muitos desses jovens, eram pessoas inteiramente descomprometidas com o processo real e revolucionário. Era mais um exercício intelectual daquilo que se havia lido e estudado. Os nomes dessas pessoas qualquer homem de esquerda sério, aqui no Ceará, sabe identificar, quem se manifestava dessa maneira. Existem determinados intelectuais hoje que estão em evidência que eram desse tipo. Esses intelectuais acabavam caindo no vazio, pois isso era distanciado da realidade, a realidade era completamente outra e eles se propunham a repetir modelos, tendo como modelo a União Soviética e a Revolução Russa [...]. (Cf. entrevista citada).

Assim como Gilvan Rocha, Paulo Emílio discordava completamente das teorias de Posadas, mostrando o seu deslocamento das questões essenciais no terreno da política. Para Coggiola (1984), essas análises de Posadas provinham de sua incapacidade teórica. Paulo Emílio descreveu que Posadas era considerado pelas pessoas que tinham consciência e conviviam com ele como “um cara meio malucão”,

meio idiotizado, pelo isolamento do movimento de massas, e por pregar não existir tempo histórico para a construção da Quarta Internacional (reflexo da política pablista) e foi com Mandel seguidor dessa política do “*entrismo sui generis*”. Paulo Emílio lembrou da teoria Posadista dos “Discos voadores”:

Ele imaginava (Posadas) que em poucos anos haveria uma guerra nuclear e que era preciso que os trotiskistas estivessem preparados para a guerra nuclear e para se proteger dessa guerra entre URSS e EUA e, ao mesmo tempo, receber os extraterrestres que porventura já deveriam estar num estágio mais avançado do que nós aqui na terra. Portanto, já estariam no comunismo. E que esses extraterrestres deveriam ser recebidos de braços abertos pelos terráqueos e ao mesmo tempo congraçando-se num processo de comunismo universal. Por tudo isso eles eram chamados de “Platos voladores”. [...] Era mais ou menos essa idéia. (Cf. entrevista citada).

Gilvan Rocha segue o pensamento de Paulo Emílio nas críticas ao trotiskismo posadista e ao trotiskismo, em geral, afirmando que: “o silêncio sobre o trotiskismo se dá porque ele é irrelevante. O peso do trotiskismo da Quarta Internacional é irrelevante, por ter sido pequeno merece pouca atenção...”. Nessa resposta, Gilvan não observa os diversos aspectos que deram ao trotiskismo suas dimensões. No entanto, Gilvan não deixa de perceber a importância do POR-T.

O POR-T trouxe um grande contributo na medida em que instalou no movimento estudantil uma discussão sobre a Revolução Russa, porque a Revolução Russa era vista somente para que nós a pudéssemos cultuar, era um lugar onde corria leite e mel... Havia uma posição a-crítica. Com a vinda dos trotiskistas, a Revolução Russa passou a ser discutida... O POR-T quebrou aquele monolitismo mais atrasado. (Cf. entrevista citada).

Mário Albuquerque se aproxima mais das idéias de Inocêncio Uchoa e Luiz Cruz Lima, apesar de, na sua entrevista, em alguns momentos, se aproximar de Paulo Emílio e Gilvan quanto ao sectarismo, que todos foram unânimes ao reconhecer sua existência. No entanto, ele destacou:

Isso eu devo aos trotiskistas. Inclusive foi fundamental para mim, quando eu enfrentei a prisão, a tortura. Na época da derrota da luta armada, eles os trotiskistas, me ensinaram uma coisa muito importante: Você deve olhar o processo como um todo, você pode sofrer uma derrota localizada, mas veja o processo como um todo. Então isso foi fundamental quando eu vi que estava derrotado. Foi meu diferencial com outros companheiros que caíram no pessimismo, e isso, sem dúvida, eu devo aos trotiskistas. (Cf. entrevista citada).

Paulo Emílio mostra o internacionalismo da teoria e prática trotiskista e a estratégia socialista que ele ansiava em conquistar:

Foi nesse momento que eu entrei para a universidade e eu tive contato com essas idéias. Foi também nesse momento que eu percebi que o movimento nacionalista era um movimento burguês, era um movimento de defesa dos interesses da burguesia nacional. E eu queria socialismo, eu queria construir o comunismo universal, internacional. Eu sabia que o socialismo seria a solução. Mas só se ele fosse a nível internacional. Daí meu internacionalismo naquela época. (Cf. entrevista citada).

Supomos que a narrativa de Paulo Emílio esteja ligada àquele balanço ainda inconcluso, na medida em que oscilavam suas críticas e a própria empolgação no relato de certos temas. A juventude desse período apostou tudo na revolução, mas com a repressão da burguesia e com a ditadura destruindo seus sonhos, suas lutas, esse passado passou a ser contraditório com o presente que era sonhado na época. O relato de Paulo Emílio, citado por Vasconcelos, demonstra o quanto ele estava engajado nesse período:

Comecei a me dar conta que era possível lutar pela felicidade do homem não depois da morte, mas aqui em vida, materialmente, aqui na terra... Agora. Nesse momento, e a qualquer momento. Basta que se dispusesse a lutar. Convencer a sociedade a transformar. A lutar contra a classe dominante, pela liberdade, pela democracia, pelo socialismo, pela democratização dos meios de produção [...]. Assim, abandonei a indústria, vendi todo o patrimônio que eu tinha e entreguei tudo isso ao partido e aos companheiros para que eles investissem tudo na revolução. (PAULO EMÍLIO *apud* VASCONCELOS, 1998, p.53).

Inocência Uchoa lembra da atuação de sua célula trotiskista no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito da UFC (CACB). A sua atuação era apoiada por uma forte célula do partido, que tinha Arlindo e Nancy, entre outros. A célula contava com militantes experientes que vinham do movimento secundarista, onde eles foram a maior força entre as correntes políticas. A célula tinha a experiência de militantes que vinham do Colégio Liceu do Ceará, como Galba Gomes⁵⁸. Foi atuando nessa célula e no curso de Direito que os trotiskistas conseguiram vencer as eleições para o CACB com chapa própria, que era a Aliança Operário-Estudantil-Camponesa. Inocência relata:

[...] O Álvaro concorria comigo. Ele era filho de uma elite intelectual, muito forte na Faculdade de Direito, era um homem da elite... Uma pessoa muito equilibrada por sinal. Mas, o fato é que ele era o candidato que aglutinava setores da direita e do PC do B. Até mesmo pela forma e pela figura dele

⁵⁸ Galba Gomes foi militante trotiskista do POR-T, hoje é professor da Universidade Federal do Ceará.

meio diplomata e, ainda, tendo bem claro que a direita não votava no trotiskismo. Mesmo assim nós ganhamos a eleição. Essa eleição nós ganhamos com a cara do trotiskismo. (Cf. entrevista citada).

Dos entrevistados, Inocêncio foi o que mais destacou a atuação do trotiskismo e respondeu à nossa pergunta sobre quais os motivos para se ter pouca produção sobre o trotiskismo:

Isso é uma marca que vem desde a época do stalinismo. Houve uma guerra interna dentro da URSS e se começou todo um processo de discriminação contra os trotiskistas e oposicionistas, e aí se começou a assassinar vários bolcheviques e toda aquela geração que fez a Revolução foi exterminada por Stalin. E isso marcou não só a URSS como o resto do mundo inteiro: a Alemanha, Polônia, China e vários lugares... O trotiskismo sempre foi muito discriminado e os grandes intelectuais foram a maioria do PCB. Assim, o cara que divergia nesses partidos era chamado de trotiskista, por exemplo, e ficava com o carimbo que ficou marcado na acusação de que os trotiskistas eram traidores da revolução. (Cf. entrevista citada).

Inocêncio destacou ainda que a posição de independência política dos trotiskistas, a postura de não fazer alianças à direita, com uma fidelidade muito forte e rígida, tornava os caminhos mais difíceis para um avanço no seu crescimento. Isso pode ser melhor explicado se observarmos a forte repressão ao movimento estudantil por parte do regime militar e de não haver no país um levante operário, como ocorreu anos mais tarde nas greves do ABC paulista. Os trotiskistas estiveram presentes em minoria na história de Fortaleza, mas isso não pode ser um fator que faça descartar o conhecimento de suas idéias e história. Nesses depoimentos, estiveram presentes o pensamento crítico da tradição trotiskista, a defesa do socialismo como meta estratégica, o internacionalismo abandonado por diversas outras tradições do marxismo, desvios teóricos, sectarismo, decepções e romantismo, que fazem parte da vida de um militante político de esquerda. A radicalidade do trotiskismo não pode arrefecer os pesquisadores, nem mesmo superestimá-los, mas permitir que eles também possam fazer sua história. Esse é apenas mais uma página dos combates históricos na esquerda em busca do projeto socialista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pois, na verdade, o Estado e o político não são os únicos a colocar a história sob uma vigilância. Também o faz a sociedade, que, por sua vez, censura e auto-censura qualquer análise que possa comprometer a imagem que uma sociedade pretende dar de si mesma. (FERRO, 1984, p.25).

Fizemos um longo percurso, desde um esboço biográfico de Leon Trotsky, passando pelo surgimento do trotiskismo na Rússia, a luta contra o stalinismo e como atuaram os trotiskistas internacionalmente na Ásia, na Europa, na América do Norte e na América Latina, dando destaque a alguns grupos e ao histórico do movimento trotiskista no Brasil de 1928-1970. Analisamos os grupos trotiskistas de Fortaleza tentando narrar a história do movimento trotiskista nos “anos de chumbo”. Esse longo trajeto se justifica na medida em que esse movimento político manteve seu internacionalismo proletário como princípio.

Entendemos ser muito limitada uma abordagem do trotiskismo que não leve em consideração o plano internacional, sem conhecer as polêmicas e divergências internacionais que afetavam diretamente os grupos locais, com o risco de perder a essência da compreensão dos partidos trotiskistas, seja qual fosse a sua tradição. Os membros dos grupos POR-T e FBT entrevistados confirmaram isso em suas narrativas, as quais estiveram impregnadas das polêmicas internacionais do período.

Esse trabalho também acrescentou: 1. Reconstrução de uma elaboração teórica sobre o trotiskismo, para que o público leigo possa ter uma visão alternativa ao cristalizador e tradicional discurso sobre o trotiskismo (stalinismo) que perdura ainda hoje; 2. Elaboração de um panorama, no intuito de que qualquer leitor, que se depare com nossa pesquisa, possa ter um mosaico de informações que lhe permitam compreender minimamente o trotiskismo, encontrando, inclusive, um cabedal de informações, fontes e uma bibliografia especializada sobre o tema; 3. trabalhar com o pensamento crítico, sem criar a oposição entre um pensamento falso e outro verdadeiro. Nossa proposta, enquanto pensador crítico, foi o de fazer falar o silêncio produzido sobre o trotiskismo, principalmente em Fortaleza, jogando uma “zona de luz” nessa área encoberta por penumbras e mitos, desvendando os personagens históricos que

silenciavam sobre a questão. Nossa perspectiva é a de que com a trama histórica elaborada em nossa pesquisa, possamos fazer aparecer, por meio das fontes históricas e bibliográficas, o implícito e o explícito, de tal forma que, trabalhando com o pensamento crítico, possamos estar melhor balizados para desconstruir silêncios e lugares comuns estabelecidos pelo pensamento tradicional. Essa forma de se trabalhar não busca ser um agregado de informações, muito menos um empirismo ou o descritivismo. Buscamos compreender o trotiskismo sem idealismo e como uma totalidade social, determinada historicamente, em um contexto histórico específico. Trabalhamos com a História Política não desligada dos outros aspectos da vida humana, mas articulados e dinamicamente autônomos, segundo as conjunturas e especificidades históricas de seu tempo.

Pudemos também observar que os partidos trotiskistas de Fortaleza, no período de 1964 a 1970, eram partidos que tinham militância majoritária no movimento estudantil, com pouca inserção no meio do operariado, o que classifica a composição social desses partidos ou organizações mais ligados a um setor da pequena-burguesia radicalizado, que se desloca para a intelectualidade. Esse setor do movimento estudantil conferiu características de um forte ativismo com dedicação às lutas sindicais, ao movimento estudantil, com a defesa do internacionalismo, o combate às teorias stalinistas e revisionistas. Tinham, porém, um forte componente de sectarismo, com lideranças jovens e com debilidades, por não serem ainda testadas nas lutas de classe, com uma forma organizativa longe dos moldes do leninismo, do Partido Bolchevique, e mais próximas do centralismo burocrático stalinista. Esses problemas não retiram as contribuições históricas dos grupos, nem mesmo o fato de apontar o “aventureirismo” da guerrilha como estratégia para a revolução. Compreender o pensamento e a ação dos partidos trotiskistas contribui significativamente para a compreensão das esquerdas marxistas no presente.

Os depoimentos que coletamos estão imersos nos conceitos trotiskistas, na sua teoria, na atuação de seus militantes, seus erros, acertos, as formas organizativas, as relações sociais com oponentes, familiares, o movimento estudantil. Todos são vistos como uma forma de rememoração pessoal dos fatos, permeados pela situação social atual (presente), através de um espaço dialético de afirmação-negação do passado e do presente.

Registramos conceitos, análises políticas, históricas e categorias que pertencem a todo cabedal de conhecimento do trotiskismo. As narrativas e os conceitos estão marcados pelo vivido e pela vivência atual, isso foi importante, pois, devido os depoentes recorrerem a várias temporalidades e a diversos acontecimentos políticos (Revolução Russa, Revolução Chinesa, Maoísmo, Maio de 68, Fundação da Quarta Internacional), tivemos que recorrer a uma explicação inicial do surgimento e desenvolvimento do trotiskismo, diluindo as falas dos entrevistados e analisando sua compreensão conceitual, teórica e política dos acontecimentos e categorias.

Os relatos que colhemos são significativos, pois mostram os mais diversos aspectos vividos pelos militantes trotiskistas, desde as relações familiares até o caos da desumanidade que é a tortura, ressentimento, disputas políticas nas passeatas e pelas melhores palavras de ordem. Todas passando por um passado que ainda causa dor por ser lembrado. Estes relatos auxiliam na perspectiva de evitarmos reproduzir homogeneizações aos processos históricos.

Sem dúvida, o regime militar, instalado em 1964, contribuiu na imposição desse silêncio sobre os trotiskistas, privando inclusive os setores acadêmicos de sua produção, destruindo as fontes históricas, torturando (ressalte-se que esse método conduz a traumas que reforçam o silêncio) e assassinando militantes de esquerda ou opositores ao regime:

Assim, considerou-se que, nas lutas políticas do período, a ordem dos vencidos possuía requisitos diferenciados e que, inclusive, os discursos acadêmicos, atendendo a demandas específicas de poder, silenciavam indiferentemente também o eco das experiências proletárias. Os setores intelectuais traumatizados pelos acontecimentos de 64 produziam discursos diferenciados, cuja estratégia, embora atendesse às resistências exigidas pela luta política, impediu, no decorrer de boa parte desses quinze anos, a emergência de vozes há muito tempo emudecidas. (DE DECCA, 1994, p.32).

O passado apresentado pelos depoentes se reflete sobre o presente, diante das narrativas, mostrando uma dinâmica que relaciona a vida pessoal de cada um com a interligação aos processos coletivos. A reconfiguração desses depoimentos, ligados a essa dinâmica (vida pessoal-processos coletivos) despertou a atenção do historiador para ênfase, lapsos, esquecimentos e omissões que observados pelo investigador, revelam campos interrogativos na execução da pesquisa.

Isso faz referência aos estudos desenvolvidos sobre o trotiskismo no Estado do Ceará. As pesquisas trazem apenas informações fragmentárias e por vezes pouco informativas. Apesar de importantes, seu foco não é o assunto, aparecendo os trotiskistas apenas como citados e existentes nas pesquisas, mas não contribuem para que se conheça de maneira mais profunda o assunto, levando a outra forma de silêncio que provoca um conhecimento superficial do assunto, sem uma investigação mais detalhada para esclarecer as nuances e perceber esse objeto em seus mais variados aspectos e complexidades. Diante disso, a nossa ênfase em produzir uma pesquisa para abordar esse grupo político de esquerda. Muitas vezes o desprezo por um tema, ou a indiferença e o escárnio sobre ele, pode gerar uma ruptura violenta entre o passado e o presente, inclusive sendo um elemento de indução ao silêncio e ao esquecimento.

Entendemos que essa pesquisa contribui para uma melhor compreensão do trotiskismo, na medida em que buscou articular essas dimensões da realidade em seu “conjunto orquestral”. No plano local ampliamos as informações sobre um grupo de esquerda que não tinha ainda sido objeto de estudo específico em Fortaleza. Chegamos a conclusão de que o silêncio ou as poucas investigações sobre o trotiskismo, tanto em Fortaleza como nacionalmente, é resultado de uma combinação de aspectos objetivos e subjetivos, que ocorrem nos espaços internacionais, nacionais e locais. Essa combinação é resultado de alguns elementos:

1. Ao fato do trotiskismo não ter conseguido conquistar o poder em nenhum país;
2. Ao fato de não ter conseguido se tornar um partido de massas;
3. Os próprios trotiskistas ou mesmo os ex-militantes trotiskistas não se interessaram em produzir sua história;
4. Às produções acadêmicas, que durante muito tempo privilegiaram pesquisas voltadas aos Partidos Comunistas;
5. Aos traumas sofridos pelos militantes com a repressão e a tortura, bem como pelas decepções políticas;
6. Ao forte sectarismo de alguns grupos trotiskistas, dificultando balanços, revisões e auto-crítica;
7. Ao próprio silêncio imposto pela sociedade que, devido aos interesses de classe do momento, privilegiam alguns temas em detrimento de outros;

8. À queda dos regimes stalinistas no Leste Europeu e a falsa propaganda ideológica em torno do fim do socialismo;

9. Às diversas cisões ocorridas nos partidos trotiskistas, que dificultam ainda mais o acesso dos pesquisadores devido à dispersão de fontes, apesar de isso mostrar que o movimento possui vida e dinâmica própria;

10. Aos diversos anos de domínio do stalinismo na ex-URSS, que confundiam os setores de massas, fazendo-os acreditar serem os stalinistas os herdeiros das conquistas do proletariado russo;

11. À eliminação física dos militantes trotiskistas (pelos governos burgueses e stalinistas) pelo mundo, inclusive de Leon Trotsky, seu principal dirigente;

12. Às campanhas de desmoralização e calúnias atribuídas a Trotsky e aos trotiskistas, pelos stalinistas e pela burguesia;

13. Às inúmeras derrotas do movimento operário no século XX, levadas a cabo pelas direções stalinistas;

14. À destruição e adulteração de fontes;

15. Ao Regime Militar vigente no Brasil no período de 1964-1985.

Vamos resumir da seguinte forma como entendemos a geração desses silêncios sobre o trotiskismo: 1. os grupos trotiskistas eram minoritários em alguns espaços políticos (universidade), mas nem por isso eram insignificantes; 2. a hegemonia do PC do B não era suficiente para explicar esse silêncio, tendo em vista que a liderança dos trotiskistas tinha respaldo em importantes espaços (Centro Acadêmico de Direito - dirigido pelos trotiskistas); 3. as fontes escritas são escassas devido à repressão, os documentos foram eliminados, mas devido ao avanço nas técnicas de investigação e ao uso do gravador isso não pode ser colocado como ponto essencial para esse silêncio, pois a própria sociedade se interroga sobre seu passado; 4. os trotiskistas silenciaram sobre esse passado e isso pode ser constatado até mesmo pela dificuldade que tivemos para localizar, convencer e realizar as entrevistas, ou seja, os próprios militantes trotiskistas não quiseram rememorar seu passado por uma série de fatores, já destacados acima. Nossa conclusão a esse respeito é a de que esse conjunto de fatores contribuiu para esse silêncio histórico.

Contudo, entendemos que a construção da história do trotiskismo poderá trazer lições e experiências que ajudem a superar o sectarismo e divisionismo de alguns

grupos atuais. A história do trotiskismo, como uma tradição marxista que manteve a visão internacionalista, ainda está com suas melhores e maiores páginas a serem escritas, pois, mesmo na “solidão revolucionária”, continuam “nadando na contracorrente da história”. Não podemos deixar de falar do lugar social de onde viemos. Parafraseando Trotsky, no *Programa de Transição*, devemos: “Olhar a realidade de frente; não procurar a linha de menor resistência; chamar as coisas pelo seu nome; dizer a verdade as massas, por mais amarga que seja; não temer os obstáculos; ser rigoroso nas pequenas coisas como nas grandes; ousar quando chegar a hora; tais são as regras da Quarta Internacional” (MARGARIDO, 2008, p.20).

Apesar do silêncio de seus antigos militantes, o trotiskismo ainda permanece atuante, embora esfacelado em vários grupos, mas, conforme já vimos, isso não significa de modo algum estaticidade, mas a própria dinâmica, em que estão imersos na luta de classes. A atualidade do trotiskismo e sua importância podem ser destacadas por manter o debate estratégico do socialismo, no seu internacionalismo proletário, na luta pelas mobilizações e na atuação direta em diversos processos de lutas. Uma diferença é fundamental entre os trotiskistas que estudamos dos de hoje, além é claro do tempo histórico. Os trotiskistas do passado militavam na clandestinidade e os de hoje, no Brasil, militam na democracia liberal burguesa. Outra característica fundamental é a de que os regimes stalinistas do Leste Europeu foram derrubados pelas massas e o capitalismo foi restaurado nos diversos Estados Operários do mundo, concretizando as análises de Trotsky, no livro *A revolução Traída*, 30 anos antes. Segundo Trotsky, caso não houvesse uma revolução política que retirasse o poder das mãos da burocracia stalinista, e o devolvendo aos trabalhadores, o Estado Operário e as conquistas sociais conseguidas estariam ameaçadas constantemente de restauração pelos capitalistas.

Alguns grupos políticos trotiskistas atuam hoje em dia na cidade de Fortaleza como: PSTU, P-SOL (que possui algumas correntes trotiskistas em seu interior), POR-Massas, de tradição boliviana, LBI, algumas correntes políticas do PT (DS, O trabalho). Para maiores esclarecimentos pode-se buscar, nos anexos documentais, o fluxograma que elaboramos. Não houve uma conexão entre os militantes do passado que estudamos e os dos anos 1980, 1990. Nenhum dos entrevistados milita em algum partido trotiskista atualmente, ou reivindicou militar. Alguns apenas mantiveram posições trotiskistas nas suas análises políticas e da sociedade. O fato é que mesmo sem ter ocorrido um fio de

continuidade entre uma geração e outra, o trotiskismo continua a existir e seus adeptos buscam criar um partido de massas, que dirija os trabalhadores nos rumos do socialismo, pois a revolução socialista será obra e fruto das lutas dos trabalhadores.

Todo esse trajeto foi pensado para que essa pesquisa seja referência para outros que possam se interessar pelo assunto e assim possa ter um panorama amplo e local do trotiskismo, possibilitando um diálogo conosco e com outros autores citados. Partindo de uma forma de se compreender a história, sem recair em um amontoado de fatos processados em uma ordenação de datas, onde se configura um modelo tradicional do ensino e dos procedimentos de pesquisa. Retomando as considerações de que é fundamental pensar a história, como um sistema de pesquisa:

Como um conjunto de métodos, cuja principal finalidade seja a de ajudar os homens a, através da decifração de seu passado, compreender as razões que explicam sua situação presente e as perspectivas das quais devem partir na elaboração de seu futuro. Uma história instrumento, que enriquece a capacidade de compreensão e de crítica, supõe uma participação ativa de todos quantos por ela se interessem. (CARDOSO, 1983, p.10).

Nosso objetivo terá sido alcançado se essa pesquisa for motivo de informação, raciocínio, reflexão e crítica aos futuros pesquisadores, além da consulta para pesquisas sobre o tema, cultivando uma constante elaboração crítica sobre o trotiskismo, cativando e recriando os lampejos do interesse e da prazerosa e permanente interrogação sobre o assunto.

FONTES

Entrevistas:

- 1- Mário Miranda de Albuquerque. Entrevistado no dia 08 de maio de 2006.
- 2- Paulo Emílio Andrade Aguiar. Entrevistado no dia 26 de fevereiro de 2007.
- 3- Gilvan Rocha. Entrevistado no dia 1 de maio de 2008.
- 4- Inocêncio Rodrigues Uchôa. Entrevistado no dia 8 de maio de 2008.
- 5- Luiz Cruz Lima. Entrevistado no dia 29 de dezembro de 2009.

Jornais:

- Correio do Ceará de 8 de maio de 1970.
- Correio do Ceará de 11 de maio de 1970.
- Correio do Ceará de 13 de maio de 1970
- Correio do Ceará de 20 de maio de 1970
- O Povo de 8 de maio de 1970
- O Povo de 13 de maio de 1970.

Internet:

- <http://www.pstu.org.br> (Acesso em: 21 de outubro de 2010)
- <http://www.revolucaosocialista.com> (Acesso em: 23 de outubro de 2010)
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Trotskismo> (Acesso em: 23 de outubro de 2010)

BIBLIOGRAFIA CITADA

AARÃO, Daniel Reis. (ORG.) **O Golpe e a Ditadura militar**. Bauru: São Paulo: Edusc, 2004.

ARCARY, Valério. **As esquinas perigosas da história**: situações revolucionárias em perspectiva marxista. São Paulo: Xamã, 2004.

BANDEIRA, Moniz. **O governo João Goulart**: as lutas sociais no Brasil (1961-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARBALHO, Alexandre. **Lívio Xavier**: vida e obra. Fortaleza: A Casa / Expressão Gráfica Editora, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987

BENSAID, Daniel. **Trotskismos**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A ilusão Biográfica**. In: Usos e abusos da História Oral, Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BURGUIÈRE, André (Org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1993.

CAMPOS, José Roberto. **O que é Trotskismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CAPELATO, Maria H. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, Ciro F. **Uma introdução a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Marxismo hoje**. 2ª ed. São Paulo: Xamã, s/d.

_____. **O trotiskismo na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Trotsky**: ontem e hoje. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

DE DECCA, Edgar. **1930**: o silêncio dos vencidos. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DEUSTCHER, Isaac. **Trotsky**: o profeta armado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Trotsky**: o profeta banido. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. **Trotsky: o profeta desarmado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. Campinas: Ensaio, 1992.

DREIFUSS, René Armand. **1964: a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FALCON, Francisco. **História e Poder**. In: Domínios da História, Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FARIAS, Airton de. **Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)**. Fortaleza: Livro Técnico, 2007.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **O ocidente diante da revolução soviética: a história e seus mitos**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

FREITAS, Sâmia Maria. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas, 2002.

HERNANDEZ, Martín. **O veredicto da História**. São Paulo: Editora: José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos: uma história do século XX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

KAREPOVS, Dainis (Org). **Na Contracorrente da História**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEAL, Murilo. **A esquerda da esquerda**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LÖWY, Michael. **A estrela da manhã: surrealismo e marxismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____; BENSID, Daniel. **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

MAIA, Edmilson Alves. **Memórias de luta: ritos políticos do movimento estudantil universitário (Fortaleza, 1962-1969)**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

MARIE, Jean Jacques. **O trotiskismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1990.

MORAES, João Quartim de (Org.). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 1995.

MANDEL, Ernest. **Trotski**: um estudo da dinâmica do seu pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1980.

_____. **Trotsky como alternativa**. São Paulo: Xamã, 1995.

MARGARIDO, Marcos. **Documentos de fundação da IV Internacional**: Congresso de 1938. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

MARIE, Jean J. **Le trotskysme**. Paris: Flammarion, 1977.

MAZZEO, Antônio Carlos (Org). **Corações Vermelhos**: Comunistas brasileiros no século XX.São Paulo: Cortez Editora, 2003.

_____. **O partido e a Revolução**. São Paulo: Editora: José luis e Rosa Sundermann, 2009.

NETO. José Castilho M. **Solidão revolucionária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

OZAÏ, Antônio. **História das tendências na Brasil**. São Paulo: Proposta editorial, s/d.

OLIVEIRA, Evandro de. **A Revolução Boliviana**. São Paulo: UNESP, 2007.

PILAR; CUNHA. Maria; Maria do R. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

RÉMOND, Rene. **Por uma história Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

RIDENTI, Marcelo (Org.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007a.v.5.

_____(Org). **História do marxismo no Brasil**. Campinas: SP: Editora da Unicamp, 2007b, v.6.

ROCHA, Gilvan. **Meio século de caminhada Socialista**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2008.

SACHETTA, Hermínio. **O Caldeirão das Bruxas e outros escritos políticos**. Campinas: UNICAMP, 1992.

SAGRA Alícia. **História das internacionais socialistas**. São Paulo: José Luís e Rosa Sundermann, 2005.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TROTSKY, Leon.**Biblioteca de História**:grandes personagens de todos os tempos.Rio de janeiro:Editora Três,1973.

- _____. **Minha Vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- _____. **Escritos sobre sindicato**. São Paulo: Kairós Editora, 1978.
- _____. **A Revolução de Outubro**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. **A revolução desfigurada**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- _____. **A revolução permanente na Rússia**. Portugal: Antídoto, 1977.
- _____. **As lições de outubro**. São Paulo: Global, 1979.
- _____. **Como fizemos a revolução**. São Paulo: Global, 1978.
- _____. **Em defesa do marxismo**. Proposta Editorial, s/d.
- _____. **Escritos**. Tomo IX (1937-38). V. 1. Bogotá: Editora Pluma, 1977.
- _____. **História da Revolução Russa**. V.1-3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- VASCONCELOS, José Gerardo. **Memórias do silêncio**: militantes de esquerda no Brasil autoritário. Fortaleza: UFC edições, 1998.
- VERENA, Alberti. **A experiência em História Oral no CPDOC**. São Paulo: Editora: FGV, 1998.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- AARÃO, Daniel Reis. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. **A Revolução faltou ao encontro**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. **A Revolução Russa de 1917**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____; FERREIRA, Jair de S. **Imagens da revolução**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
- _____. *et al.* **Versões e ficções: o seqüestro da história**. São Paulo: Perseu Abramo, 1997.
- _____. **Ditadura militar: esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX**. V.1-3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____; RIDENTI, Marcelo; PATTO SÁ, Rodrigo Motta. **O golpe e a ditadura militar**. Bauru: EDUSC, 2004.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABRAMOWICZ, Betty S. **Greves**. São Paulo: Global, 1986.
- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOG**. São Paulo: FGU, 1990.
- _____. **Manual de História Oral**. São Paulo: FGV, 2007.
- _____. **Ouvir e contar**. São Paulo: FGV, 2004.
- ALEXANDER, Robert Jakson. **Trotiskism in Latin America**. Stanford, Stanford University, 1973.
- ALMEIDA, Eduardo Neto. **Brasil: reforma ou revolução**. Cadernos Marxistas, s/d.
- ALMEIDA, José Maria de. **Os sindicatos e a luta contra a burocratização**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2008.
- _____. **Os sindicatos e a luta contra a burocratização**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2007.
- ALVES, Maria Helena M. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1985.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de M. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ANDERSON, Perry. **A crise da crise do marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

ANSARA, Soraia. **Memória política, repressão e ditadura no Brasil**. São Paulo: Juruá, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ARCARY, Valério. **O encontro da revolução com a história**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2006.

_____. **O encontro da revolução com a história**. São Paulo: Xamã, 2006.

ARNS, Paulo E. **Brasil nunca mais**. Petrópolis: Vozes, 1985.

ARRABAL, José; ESTEVÃO, José Carlos. **Stálin**. São Paulo: Moderna, 1998.

ARVON, Henri. **A revolta de Kronstadt**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio O. **Sistema político brasileiro: uma introdução à política brasileira**. São Paulo: UNESP, 2004.

BADARÓ, Marcelo M. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BANDEIRA, Moniz; MELO Clovis; ANDRADE, A. T. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BEER, Marx. **História do socialismo e das lutas sociais**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

_____. **Obras escolhidas**. V. 3. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIANCHI, Alvaro (Org.). **Transgressões: as ocupações de reitoria e a crise das universidades públicas**. São Paulo: José Luis e Rosa Surderman, 2008.

BLACKBURN, Robin (Org.). **Depois da Queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOBBIO, Norberto (Org.). **Dicionário de política**. V. 2. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

BOITO, Armando Jr (Org.). **A Comuna de Paris na história**. São Paulo: Xamã, 2001.

BORGES, Maria Eliza L. **História e fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, Willian. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

BRANDÃO, Juarez (Org.). **Deutscher**. São Paulo: Ática, 1982.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre história**. São Paulo: Perspectivas, 1992.

_____. **História e ciências sociais**. Lisboa: Presença, 1972.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRETON, André. **Breton e Trotsky: por uma arte revolucionária independente**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

BRUIT, Héctor. **O imperialismo**. São Paulo: Moderna, 1997.

_____. **Revoluções na América Latina**. São Paulo: Moderna, 1988.

BURKE, Peter. **A arte da conversação**. São Paulo: UNESP, 1995.

_____. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

CALLADO, Antônio. **Quarup**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CALLINICOS, Alex. **A vingança da história: o marxismo e as revoluções do Leste Europeu**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

CAPELATO, Maria Helena R. **A Imprensa da História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas de rebeldia**. São Paulo: SENAC, 2001.

CARR, Eduard H. **O que é história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CASTORIADS, Cornelius. **A experiência do movimento operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CASTRO, Pedro. **Greve: fatos e significados**. São Paulo: Ática, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHIAVENATO, Júlio José. **O golpe de 64 e a ditadura militar**. São Paulo: Moderna, 2004.

CLAUDÍN, Fernando. **A crise do movimento comunista**. São Paulo: Global, 1986.

CODO, Wanderlei. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COGGIOLA, Clemesha. **A Revolução Russa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995.

_____. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Moderna, 1989.

_____. **Escritos sobre a Comuna de Paris**. São Paulo: Xamã, 2003.

_____. **História e revolução**. São Paulo: Xamã, 1998.

_____. **Marx e Engels na história**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Teoria marxista e estratégia política**. São Paulo: Xamã, 1997.

Conversando com Moreno. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2005. Entrevista realizada por Daniel Acosta, Marco Trogo e Raul Tuny.

CORREA, Manuel de Andrade. **Lutas camponesas no Nordeste**. São Paulo: Ática, 1986.

CORTEZ, Lucili G. **O drama barroco dos exilados do Nordeste**. Fortaleza: UFC, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Democracia e socialismo**. São Paulo: Cortez, 1992.

DALLARI, Dalmo de A. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DELGADO, Lucilia de A. **História Oral: memória, tempo e identidades**. São Paulo: Autêntica, 2006.

DEUSTCHER, Isaac. **Stálin: a história de uma tirania**. v. 1 e 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

_____. **Trotski: o profeta banido.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

_____. *et al.* **Problemas e perspectiva do socialismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

DONGHI, Halperin. **História da América Latina.** São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

_____. **A história.** Bauru: EDUSC, 2003.

_____. **História e ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 2004.

DROSDORFF, Daniel. **Linha dura no Brasil: o governo Médici.** São Paulo: Global, 1986.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** São Paulo: Perspectiva, 1977.

ENGELS, Fredrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra.** São Paulo: Global, 2005.

_____. **Anti-Dünring.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ESPADA, Henrique. **A micro-história italiana: escalas, indícios e singularidades.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FÁVERO, Maria de Lourdes. **A UNE em tempo de autoritarismo.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história.** Lisboa: Presença, s/d.

FELIPPE, Willian (Org.). **As classes sociais no capitalismo.** São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2008.

_____. (Org.). **O Estado burguês e a revolução socialista.** São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2008.

FERNANDES, Florestan (Org.). **Lenin.** São Paulo: Ática, 1978.

_____. **Em busca do socialismo.** São Paulo: Xamã, 1995.

_____. **O que é revolução.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956).** Rio de Janeiro: EduFF, 2002.

_____. (Org.). **A formação das tradições (1889-1945).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007a, v.1.

_____. **Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964).** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b, v.2.

_____. **Revolução e democracia (1964...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007c, v.3.

_____; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo da Ditadura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FERREIRA, Marieta de M. *et al.* **Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.

FERRY, Luc. **Pensamento 68: ensaio sobre anti-humanismo contemporâneo**. São Paulo: Ensaio, 1988.

FLAMARION, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações: contribuições a um debate transdisciplinar**. São Paulo: Papirus, 2000.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**. Bauru: EDUSC, 2004.

_____. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: EDUSC, 1998.

GALVÃO, Andréia *et al.* **Marxismo e socialismo no século 21**. São Paulo: Xamã, 2005.

_____. *et al.* **Marxismo e ciências humanas**. São Paulo: Xamã, 2003.

GARZA, Hedda. **Trotsky**. São Paulo: Abril Cultural, 1990.

GASPARI, Elio. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GÉLEDAN, Alain; BRÉMOND, Janine. **Dicionário econômico e social**. Lisboa: Horizonte, 1988.

GOLDFEDER, Sonia. **A primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, s/d.

GOMES, Oziel. **Lenin e a Revolução Russa**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

GONZÁLEZ, Horácio. **A Revolução Russa**. São Paulo: Moderna, 1986.

GORENDER, Jacob. **A burguesia brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, s/d.

GRADELLA, Ernesto. **As revoluções do século XX**. Câmara dos Deputados, s/d. Brasília

GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel: a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARNECKER, Martha. **A revolução social**. São Paulo: Global, s/d.

HELENA, Cecília de Salles; COELHO, Maria Ligia; JANOTTI, Maria de Lourdes (Orgs.). **A história na política, a política na história**. São Paulo: Alameda, 2006.

HILL, Christopher. **Lênin e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **História do marxismo**. V.1-10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Revolucionários**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Tempos interessantes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HOLZMANN, Lorena; PADRÓS, Enrique S. **1968: contestação e utopia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HOWE, Irving. **As idéias de Trotski**. São Paulo: Cultrix, 1978.

HUBERMAN, Leo; SWEEZY, Paul M. **Cuba: anatomia de uma revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1960.

ISKANDAR, Jamil I. **Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos**. São Paulo: Juruá, 2009.

ITURBE, Alejandro. **O sistema financeiro e a economia mundial**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2005.

JUST, Stephaine. **A revolução proletária e os estados operários burocratizados**. São Paulo: Palavra, 1980.

KOLLONTAI, Alexandra. **Marxismo e revolução sexual**. São Paulo: Global, 1982.

KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

- _____. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1995.
- _____. **O marxismo na batalha das idéias**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- _____. **Os marxistas e a arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Os sofrimentos do homem burguês**. São Paulo: SENAC, 2000.
- KOSIK, Karel. **Dialético do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- KOTHE, Flávio R. (Org.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1991.
- KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro (1857 a 1967)**. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.
- _____. (Org.). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LEMINSKI, Paulo. **Trotsky**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. São Paulo: Papirus, 1986.
- LENIN, Vladimir. **Como iludir o povo**. São Paulo: Global, 1979. Coleção Boss.
- _____. **Esquerdismo: doença infantil do comunismo**. São Paulo: Global, 1989.
- _____. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. **Sobre os sindicatos**. São Paulo: Editorial Livramento, 1979.
- _____. ; TROTSKY, Leon. **A questão do programa**. São Paulo: Kairós, 1979.
- _____. **Materialismo e empiriocriticismo**. Notas críticas sobre filosofia reacionária. Lisboa: Estampa 1975.
- _____. **Obras escolhidas**. V.1-3. São Paulo: Alfa-ômega, 1980.
- _____. **Aliança da classe operária e do campesinato**. Moscovo: Edições Progresso, 1983.
- LEON, Abraham. **Concepção materialista da Questão Judaica**. São Paulo: Global, 1981.
- LIMA; Cláudio Gonçalves; CARMO, Francisca Maurilene; RABELO, Jackline (Orgs.). **Trabalho, educação e crítica marxista**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.

LORA, Guillermo. **História da IV Internacional**. Fortaleza: POR-MASSA, 2001.

_____. **Revolução permanente em Marx, Engels, Lênin e Trotsky**. São Paulo: CHED Editorial, 1980.

LÖWY, Michael. **Método dialético e teoria política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____.(Org.) **O marxismo na América Latina**. São Paulo: Editor Perseu Abramo, 2006.

_____. **Nacionalismos e internacionalismos: da época de Marx até nossos dias**. São Paulo: Xamã, 2000.

MAAR, Leo W. **O que é política**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MAIAKÓVSKI. **Vida e obra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

MANDEL, Ernest. **Além da Perestroika: a era Gorbachov e o despertar do povo soviético**. São Paulo: Busca Vida, 1989.

_____. **Introdução ao Marxismo**. Lisboa: Antídoto, 1978.

_____. **Teoria marxista do Estado**. Lisboa: Antídoto, 1977.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MARABINI, Jean. **A Rússia durante a Revolução de Outubro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Coleção vida cotidiana.

MARIANO, Andreyson S. **Leon Trotsky, O Trotiskismo no Brasil e as memórias sociais de militantes trotiskistas do movimento estudantil de Fortaleza nas décadas de 1960 e 1970**. Fortaleza, 2007.110f.Trabalho de conclusão do curso de Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará –UECE.

MARX, Karl. **A guerra civil na França**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **As lutas de classe em França**. São Paulo: Global, 1986.

_____. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAZZEO, Antônio Carlos. **Estado e burguesia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe B. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDES, Antônio. **Movimento estudantil no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MINAYO, Cecília de S. **A pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MIRANDA, Nilmário; TIBÚRCIO, Carlos. **Dos filhos deste solo**. São Paulo: Boitempo, 1999.

MIRANDA, Orlando (Org.). **Leon Trotski: política**. São Paulo: Ática, 1981.

MONIZ, Edmundo. **A originalidade das revoluções**: uma visão abrangente do socialismo no século XX. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

MONTENEGRO, Antônio T. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.

MORENO, Nahuel. **A ditadura revolucionária do proletariado**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2007.

_____. **China x Vietnã**. São Paulo: Versus Ltda, 1979.

_____. **Lógica marxista e ciências modernas**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2007.

_____. **Os governos de frente popular na história**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2003.

_____. **Teses para atualização do programa de transição**. São Paulo: CS Editora, 1992.

_____; PETIT, Mercedes. **Conceitos políticos básicos**. Cadernos de Formação 7 (outubro /1988).

MOSLEY, Nicholas. **O assassinato de Trotsky**. Rio de Janeiro: Record, 1972.

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro**: 1964-1985. São Paulo: Atual, 1998.

NASCIMENTO, Ana Paula. **A utopia fragmentada**: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

NAVARRO, Caio Toledo. **O governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

NETTO, José Paulo. **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NOVACK, George. **Introdução à lógica marxista**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2006.

_____. **O desenvolvimento desigual e combinado na história**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2008.

O fim da URSS, divisão da LIT e o legado do Moreno. São Paulo: Datacopy Editoração Ltda, Publicações Liga Bolchevique Internacionalista, s/d.

O'DONNEL, Guillermo *et al.* **O Estado autoritário e movimentos populares**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PATTO SÁ, Rodrigo Motta. **Jango e o golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Em guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PAULO, Antônio. **História do movimento operário no Brasil**. São Paulo: Ática, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

POERNER, José Artur. **O poder jovem**. São Paulo: Centro de Memória da Juventude, 1995.

QUATTROCCHI, Ângelo; NAIRN, Tom. **O começo do fim**: França, maio de 68. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RAMALHO, Bráulio. **O movimento estudantil no Ceará de 1928 a 1968**. Fortaleza: ABC Editora, s/d.

REED, Jonh. **Os dez dias que abalaram o mundo**. São Paulo: Alfa-ômega, s/d.

REIS, José Carlos. **História e teoria**. São Paulo: FGV, 2008.

RÉMOND, Réne. **O século XX**: de 1914 aos nossos dias. São Paulo: Cultrix, 1974.

RESOLUÇÕES E DOCUMENTOS DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – LIT. VII Congresso Mundial. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2005.

RESOLUÇÕES E DOCUMENTOS DO IX CONGRESSO MUNDIAL DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – LIT. São Paulo: Marxismo Vivo, 2009.

REVISTA CULTURA E POLÍTICA. Revista Brasileira de História. Órgão da Associação Nacional de Professores Universitários de História. São Paulo: ANPUH / Marco Zero, v. 12, n.º 23 e 24, setembro 91/agosto 92.

REVISTA DE TEORIA POLÍTICA INTERNACIONAL: Marxismo Vivo – ISSN 1806-1591. Nahuel Moreno: uma vida a serviço da IV Internacional. 2007.

REVISTA DE TEORIA POLÍTICA INTERNACIONAL: Marxismo Vivo – ISSN 1806-1591. 70 anos da Quarta Internacional. 2008.

REVISTA HISTÓRIA VIVA. Temas brasileiros: esquerda no Brasil. Edição temática, n.º 5, s/d.

- REVISTA OUTUBRO – ISSN 1516-6333. n.º. 10. 1º semestre. São Paulo: 2004.
- REVISTA PRÁTICA MARXISTA. V.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REVISTA TRAJETOS. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFC. v. 2, n.º. 3. Fortaleza: Departamento de História - UFC, 2002.
- REVISTA UNIVERSIDADE PÚBLICA. Ano IV n.º 29, janeiro/fevereiro – 2006.
- RIAZANOV, David. **Marx e Engels e a história do movimento operário**. São Paulo: Global, 1984.
- RIDENTI, Marcelo. **Classes sociais e representação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP, 1993.
- ROCHA, Gilvan. **Bye, bye PT**. Fortaleza: Expressão Gráfica Ltda, 1997.
- _____. **Vermelho cor de esperança**. Fortaleza: Expressão Gráfica Ltda, 1996. Textos socialistas.
- RODRIGUES, Marly. **O Brasil da abertura: de 1974 à Constituinte**. São Paulo: Atual, 1990.
- ROSSI, Clóvis. **A contra-revolução na América Latina**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SADER, Emir. **A transição no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1990.
- _____. **Chile (1818-1990)**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SALOMONI, Antonela. **Lênin e a Revolução Russa**. São Paulo: Ática, 1995.
- SANDRONI, Paulo. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 2002.
- SANFELICE, José Luis. **Movimento estudantil: a UNE da resistência ao golpe de 64**. São Paulo: Cortez, 1986.
- SANTOS, José Luiz. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SCHWARCZ, Lilian M. (Org.). **História da vida privada do Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. **Cultura e política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- SEMINÁRIO 40 ANOS DO GOLPE DE 64 (1964-2004). **40 anos do Golpe: ditadura militar e resistência no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

SEMINÁRIO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E A NOVA LUTA PELO SOCIALISMO. São Paulo: Anita Garibaldi; Instituto Maurício Grabois, 2008.

SERGE, Victor. **Memórias de um revolucionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O que todo revolucionário deve saber sobre repressão**. São Paulo: Quilombo, s/d.

_____. **Vida e morte de Trotsky**. São Paulo: Ensaio, 1997.

SILVA, Kalina. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.

SINGER, Paul. **A crise do milagre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. **O que é socialismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **O que é socialismo hoje**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Castelo a Tandreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SPINDER, Arnaldo. **O que é comunismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SWEEZY, Paul. **Socialismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

_____. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SYRKIS, Alfredo. **Os carbonários**. São Paulo: Global, 1981.

THOMPSON, Eduard P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

TOLEDO, Caio Navarro. **Ensaio sobre o Manifesto Comunista**. São Paulo: Xamã, 1998.

TRAGTENBERG, Maurício. **A Revolução Russa**. São Paulo: Atual, 1988.

TROTSKY, Leon. **A Revolução de 1905**. São Paulo: Global, s/d.

_____. **A Revolução Russa: a natureza de classe da URSS**. São Paulo: Informação, 1989.

_____. **A revolução traída**. São Paulo: Global, 1980.

_____. **A revolução traída**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2005.

_____. **A situação real na Rússia**. São Paulo: Datacopy Editoração Ltda, Publicações Liga Bolchevique Internacionalista, s/d.

- _____. **A vida de Lênin**: sua juventude. São Paulo: Global, 1981.
- _____. **Leon Sedov**: filho, amigo e lutador. Editado pelo Partido Operário Revolucionário POR-MASSAS, VI Congresso Nacional do POR, s/d.
- _____. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.
- _____. **O imperialismo e a crise econômica mundial**: textos sobre a crise de 1929. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2008.
- _____. **Questões do modo de vida**. São Paulo: Datacopy Editoração Ltda, Publicações Liga Bolchevique Internacionalista, 2006.
- _____. **Questões do modo de vida**: a moral deles e a nossa. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2009.
- _____. **Revolução e contra-revolução**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, s/d.
- _____. **Stálin**: o militante anônimo. São Paulo: CHED, 1980.
- _____. **Terrorismo e comunismo**: o anti-kautsky.
- VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história**: micro-história. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- _____; GERMANO, Antônio Magalhães (Orgs.). **Memórias no plural**. Fortaleza: LCR, 2001.
- VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- VICENTINO, Cláudio. **Rússia**: antes e depois da URSS. São Paulo: Scipione, 1995.
- VIEIRA, Evaldo. **A República brasileira (1964-1984)**. São Paulo: Moderna, 1985.
- VILAR, Pierre. **Iniciación al vocabulario del análisis histórico**. Barcelona: Grijalbo, 1982.
- VOLIN. **A República desconhecida**: nascimento, crescimento e triunfo da Revolução Russa (1825-1917). São Paulo: Global, 1980.
- WELMOWICKI, José. **Cidadania ou classe**: o movimento operário da década de 80. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2004.
- WILLIAN, Felipe. **Teoria e organização do partido**. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2006.
- WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WOOD, Ellen Meiksins; FOSTER, John Bellamy (Orgs.). **Em defesa da história:** marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ZINOIEZ; BUKHÁRIN; BORDIGA; LENINE; TROTSKY. **A questão parlamentar e a Internacional Comunista.** Portugal: Antídoto, s/d.

ANEXOS

Trotiskistas internacionais

Anexo I



José posadas principal dirigente do POR-T (Posadista).

AnexoII



Nahuel Moreno dirigente Trotiskista e fundador da LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores).

Anexo III



Ernest Mandel dirigente da Quarta Internacional (SU) Secretariado Internacional.

Anexo IV



Michel Pablo dirigente da Quarta Internacional .

Anexo V



Pierre Frank um dos principais dirigentes da Quarta Internacional ligado ao Secretariado Unificado Internacional

Anexo VI



Guillermo Lora principal dirigente do POR-boliviano

Anexo VII



Leon Sedov filho de Trotsky assassinado pela GPU (polícia secreta Stalinista).

AnexoVIII



Pierre Lambert dirigente francês trotiskista.

Anexo VIX



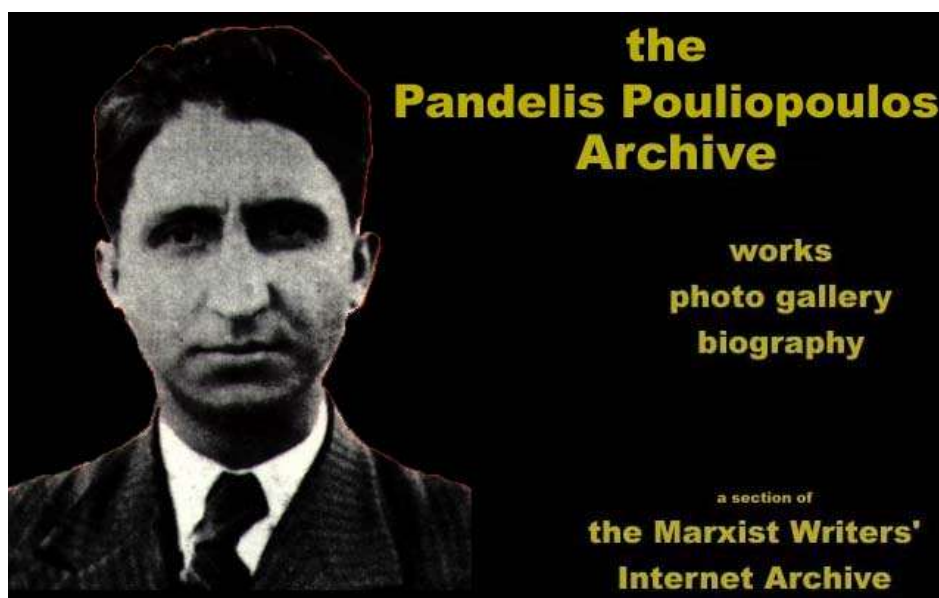
Christian Rakovsky militante da Oposição de Esquerda Internacional.

Anexo X



James Patrick Cannon líder trotskysta. Cannon foi fundador e importante liderança do Socialism Workers Party (SWP).

Anexo XI



Pandelis Pouliopoulos militante e dirigente trotiskista grego.

AnexoXII



Ta Thu Thâu
Dirigente da Quarta Internacional no Vietnã, assassinado pelos Staslinistas do Vietnã.

Anexo XIII



Alfred Rosmer cometeu suicídio , foi um dos principais auxiliares de Trotsky.

Trotiskistas nacionais

Anexo XIV



Mário Pedrosa dirigente da GLC, LCI, POL e um dos fundadores do trotiskismo no Brasil.

AnexoXV



Cearense Lívio Xavier membro da LCI e GCL

Anexo XVI

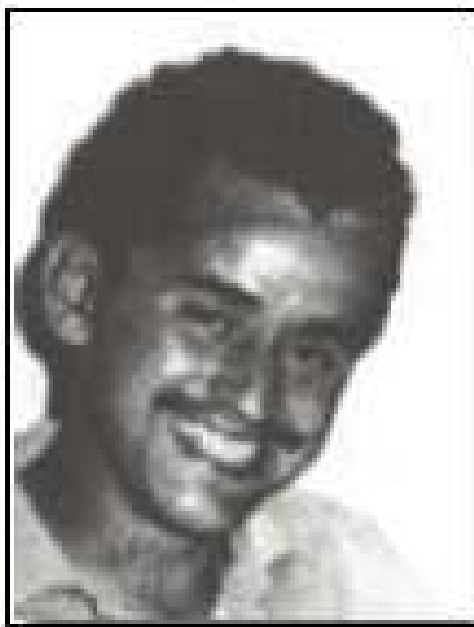
Fúlvio Abramo militante trotiskista da LCI .

Anexo XVII

Hermínio Sachetta dirigente trotiskista do PSR.

Anexo XVIII

Olavo Hansen
Militante do POR-T(Posadista) desaparecido

Anexo XIX

Rui Osvaldo Aguiar Pfutzenhauser militante do POR-T(Posadista) desaparecido.

Anexo XX

**Luis Eduardo da Rocha Merlino ,militante do POC(Partido Operário Comunista)-
Secção brasileira do grupo doSecretariado Unificado da Quarta Internacional.
Desaparecido na Ditadura Militar no Brasil.**

Anexo XXI

**Túlio Roberto Cardoso Quinntiliano, participou do grupo Ponto de
Partida.Desaparecido na Ditadura de Pinochet no Chile.**

Trotiskistas de Fortaleza (60-70) entrevistados

Anexo XXII



Mario Albuquerque foi militante trotiskista cearense do POR-T (Posadista)

Anexo XXIII



Inocência Uchoa foi militante cearense trotiskista do POR-T e da FBT.

Anexo XXIV



Gilvan Rocha foi militante trotiskista do POR-T (Posadista)

Anexo XXV

Luís Cruz Lima foi militante cearense do PORT.

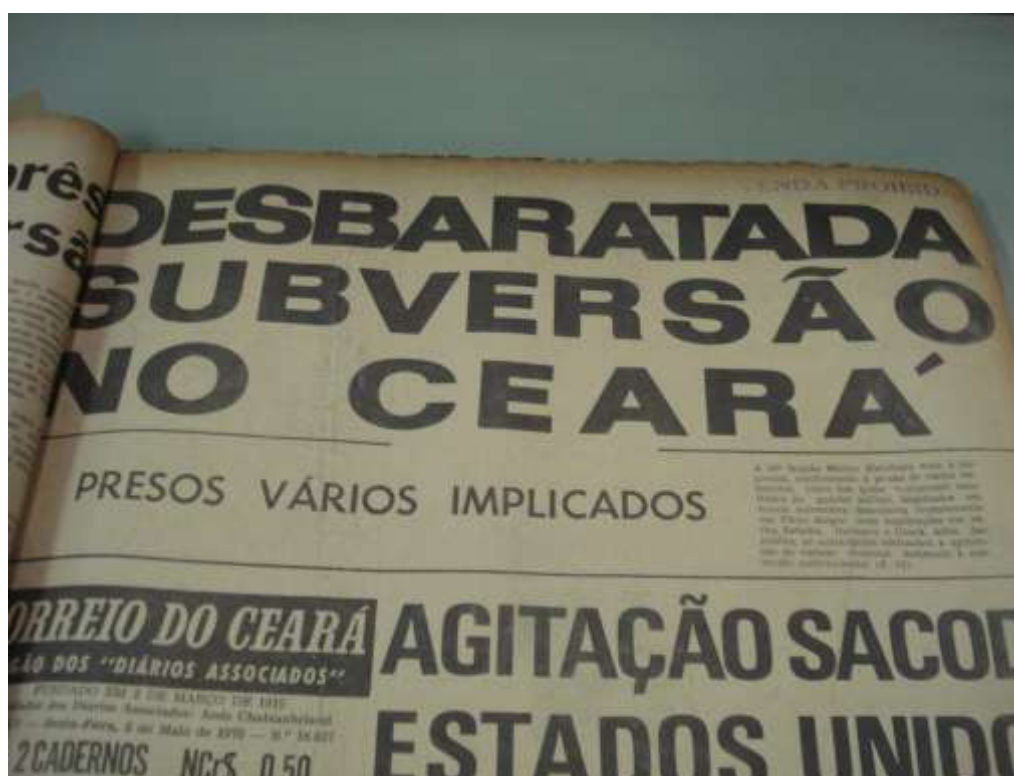
Anexo XXVI

Os componentes da esquerda para a direita são: Marcos Alberto Carvalho, José Arlindo Soares (que foi militante do POR-T(Posadista) e da FBT, Paulo Emílio). Andrade Aguiar (que também pertenceu aos dois grupos POR-T e FBT).

Anexo XXVII

Paulo Emilio Andrade Aguiar foi membro do POR-T e da FBT.

Anexo XIX



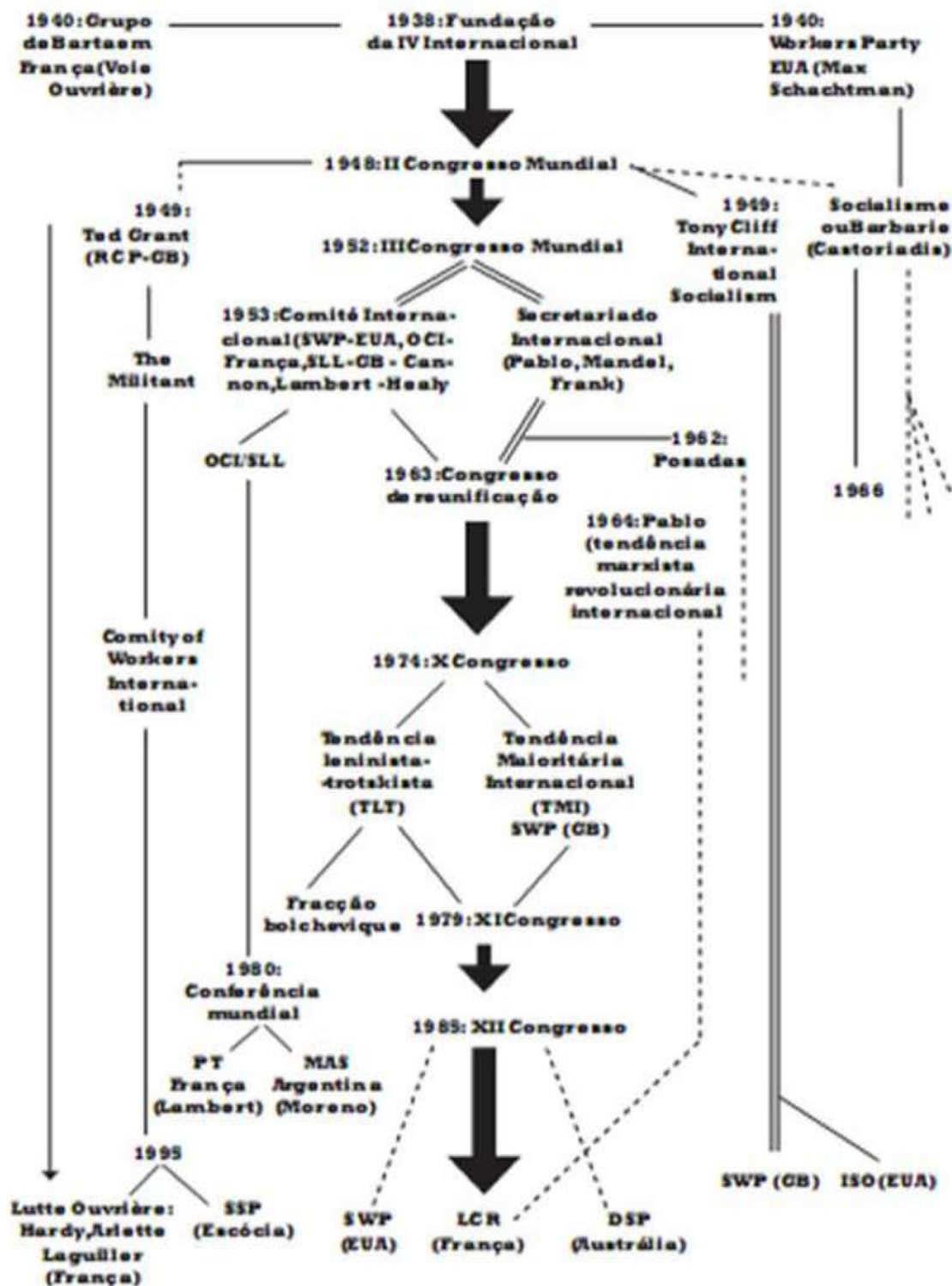
Jornal Correio do Ceará 8 de março de 1970.

Anexo XXX



Jornal O povo dia 8 de março de 1970.

Fluxograma Trotiskismo Internacional (Anexo XXXI)

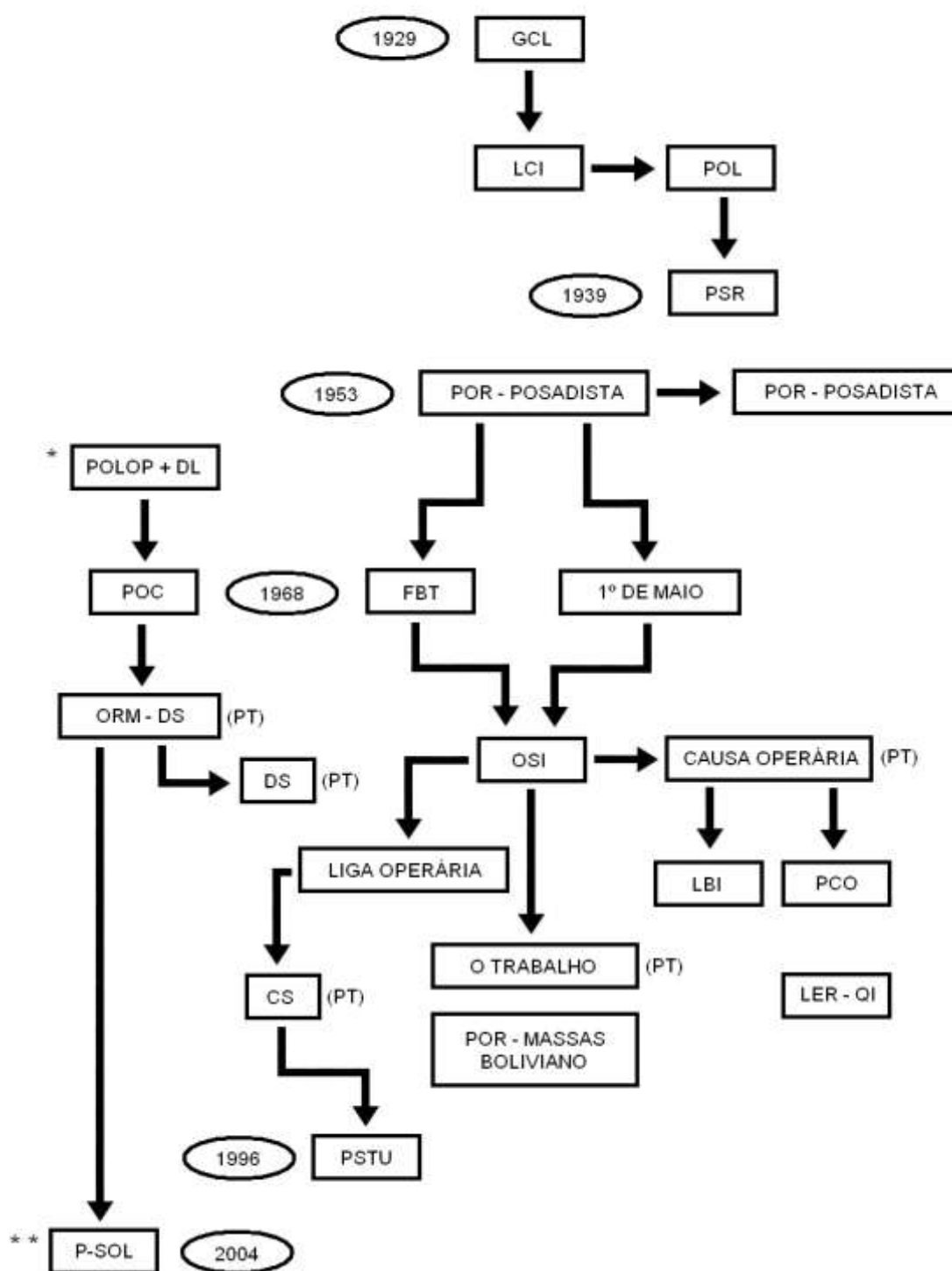


Documento elaborado por Bensaid (2010,p.12) .Encontra-se na obra Os trotiskismos

Anexo XXXII

FLUXOGRAMA

PARTIDOS TROTISKISTAS DO BRASIL (1929-2010)



- A POPOP (Organização Revolucionária Marxista Política Operária) e a DL (Dissidência Leninista-PCB) não eram organizações trotskistas.

** P-SOL reúne algumas tendências trotskistas: CST (Central Socialista dos Trabalhadores), MES (Movimento Esquerda Socialista) e dissidentes da DS (Democracia Socialista)

Obs.: Fluxograma elaborado por Andreyson Silva Mariano.

Siglas dos partidos trotiskistas

GLC:Grupo Comunista Lênin

LCI:Liga Comunista Internacional

POL:Partido Operário Leninista

PSR:Partido Socialista Revolucionário

POR-Posadista:Partido Operário Revolucionário

FBT:Fração Bolchevique Trotiskista

1de MAIO:Organização primeiro de maio dos trabalhadores

POC:Partido Operário Comunista

OSI:Organização Socialista Internacional

ORM-DS:Organização marxista Revolucionária –Democracia socialista.

CS:Convergência Socialista

LBI:Liga Bolchevique Internacional

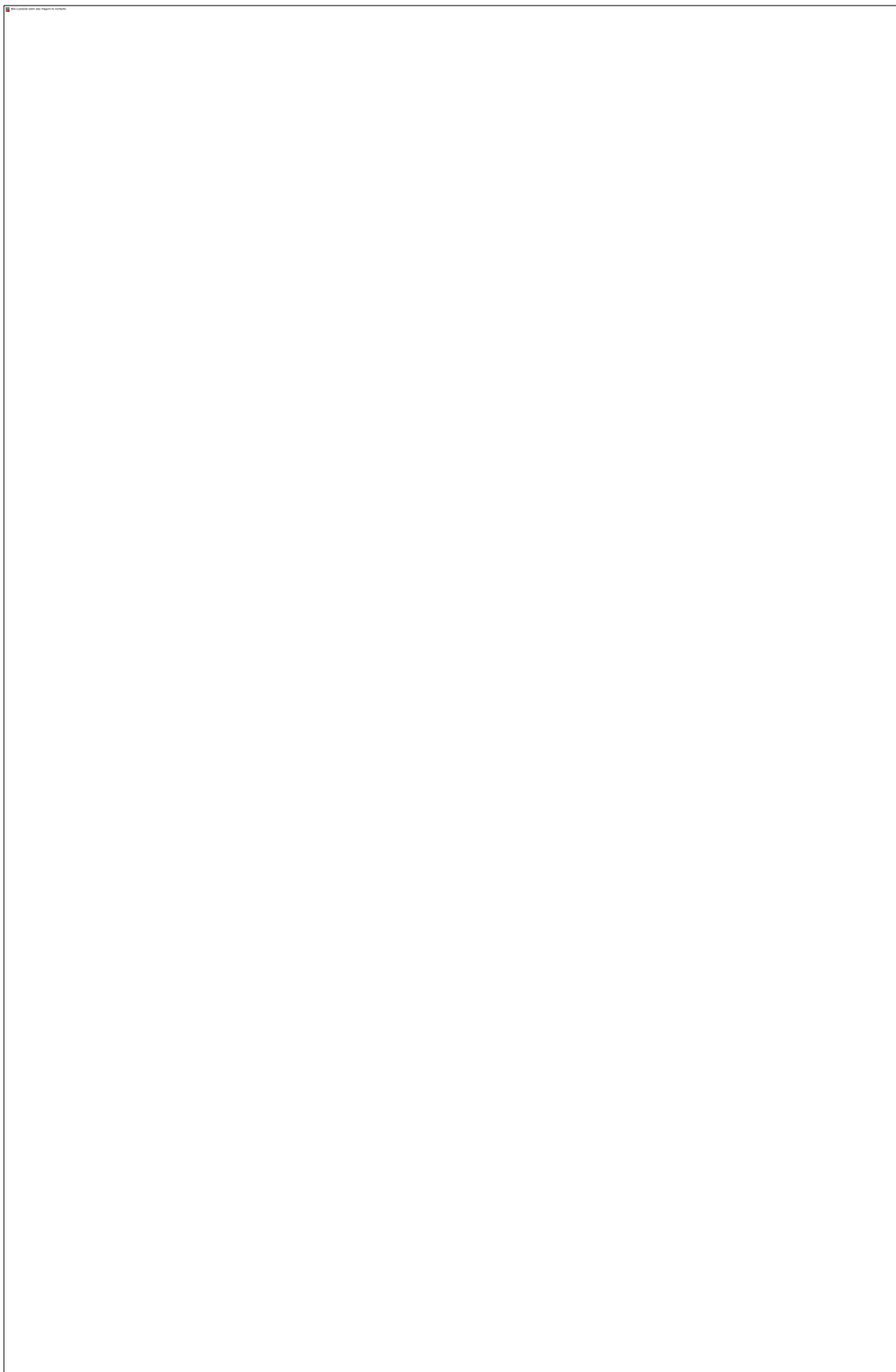
PCO:Partido da causa Operária

LER-QI:Liga Estratégica Revolucionária –Quarta Internacional

PSTU:Partido Socialista dos trabalhadores Unificado

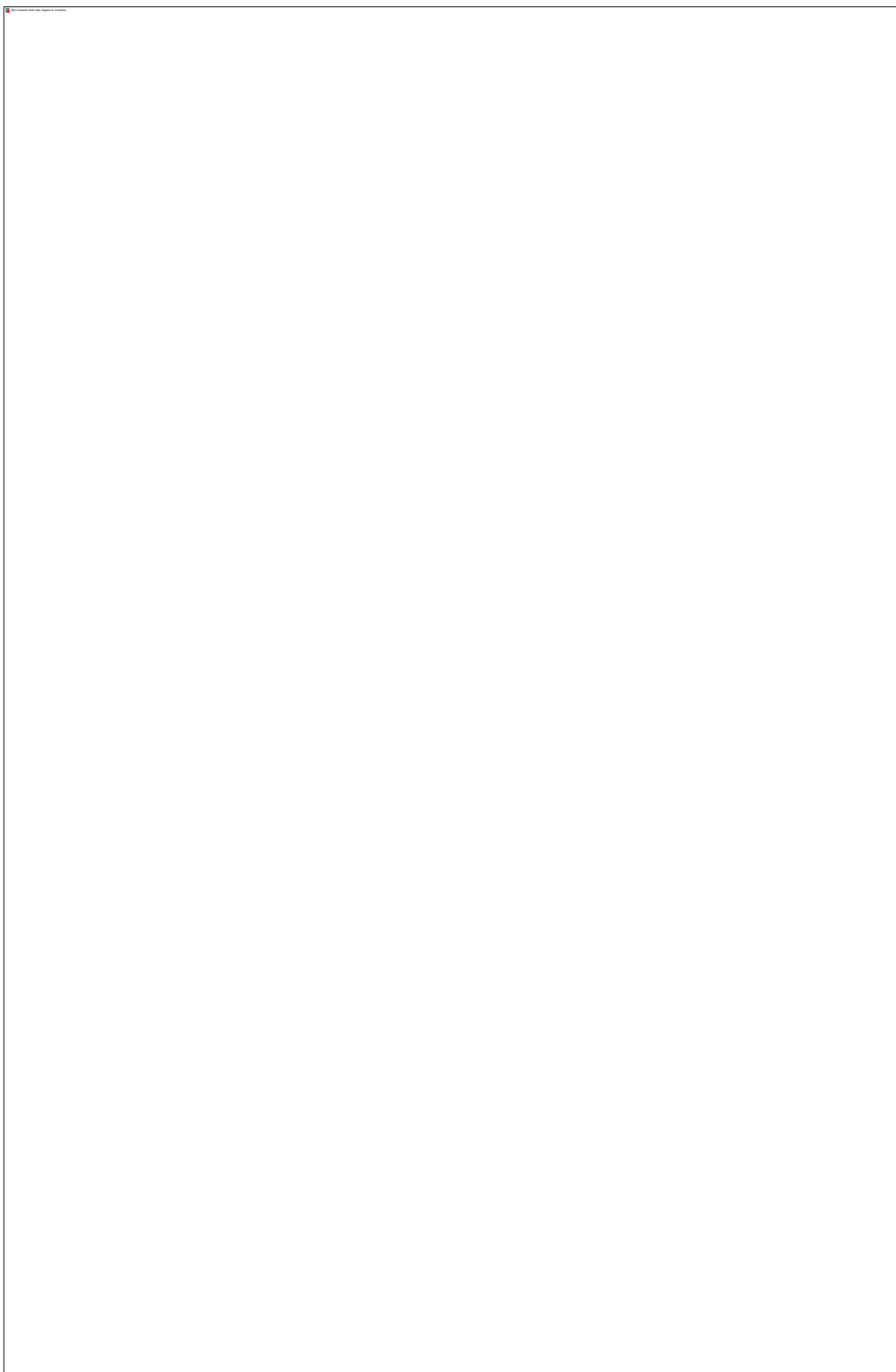
P-SOL:Partido Socialismo e Liberdade

POR-Massas:Partido Operário Revolucionário(boliviano)Lorista.

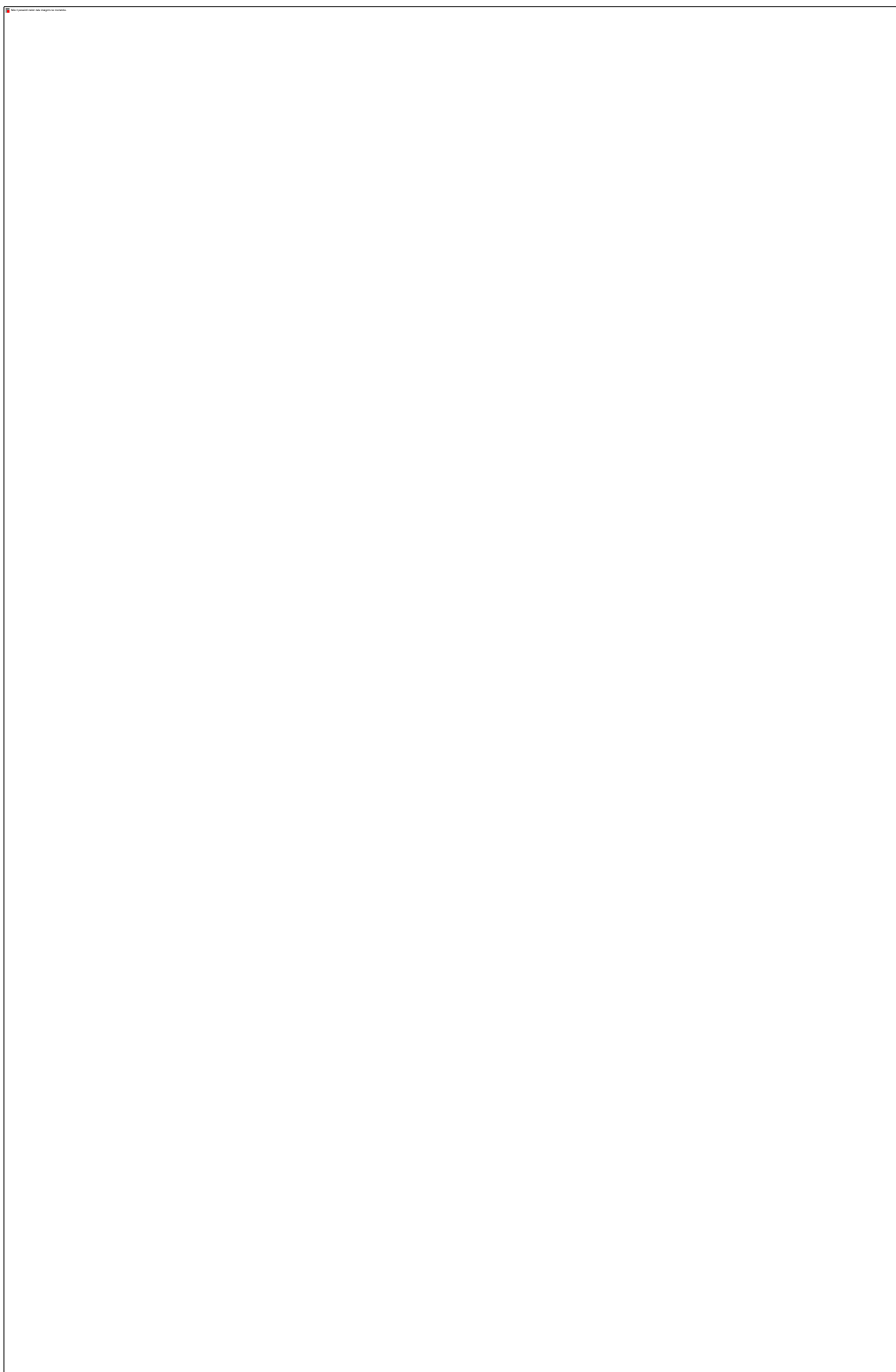
Anexo XXXIV(Documentos da LCI)





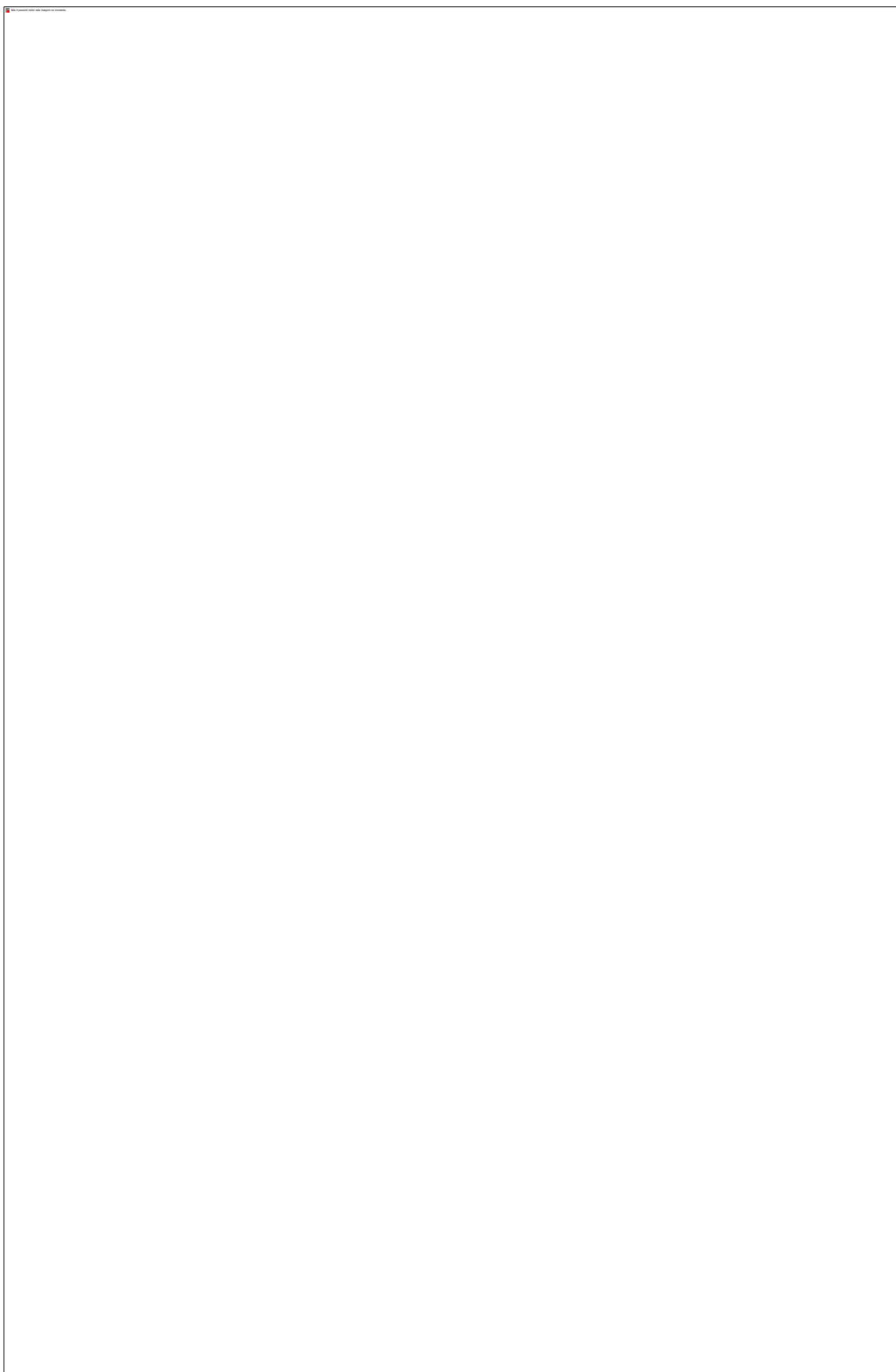


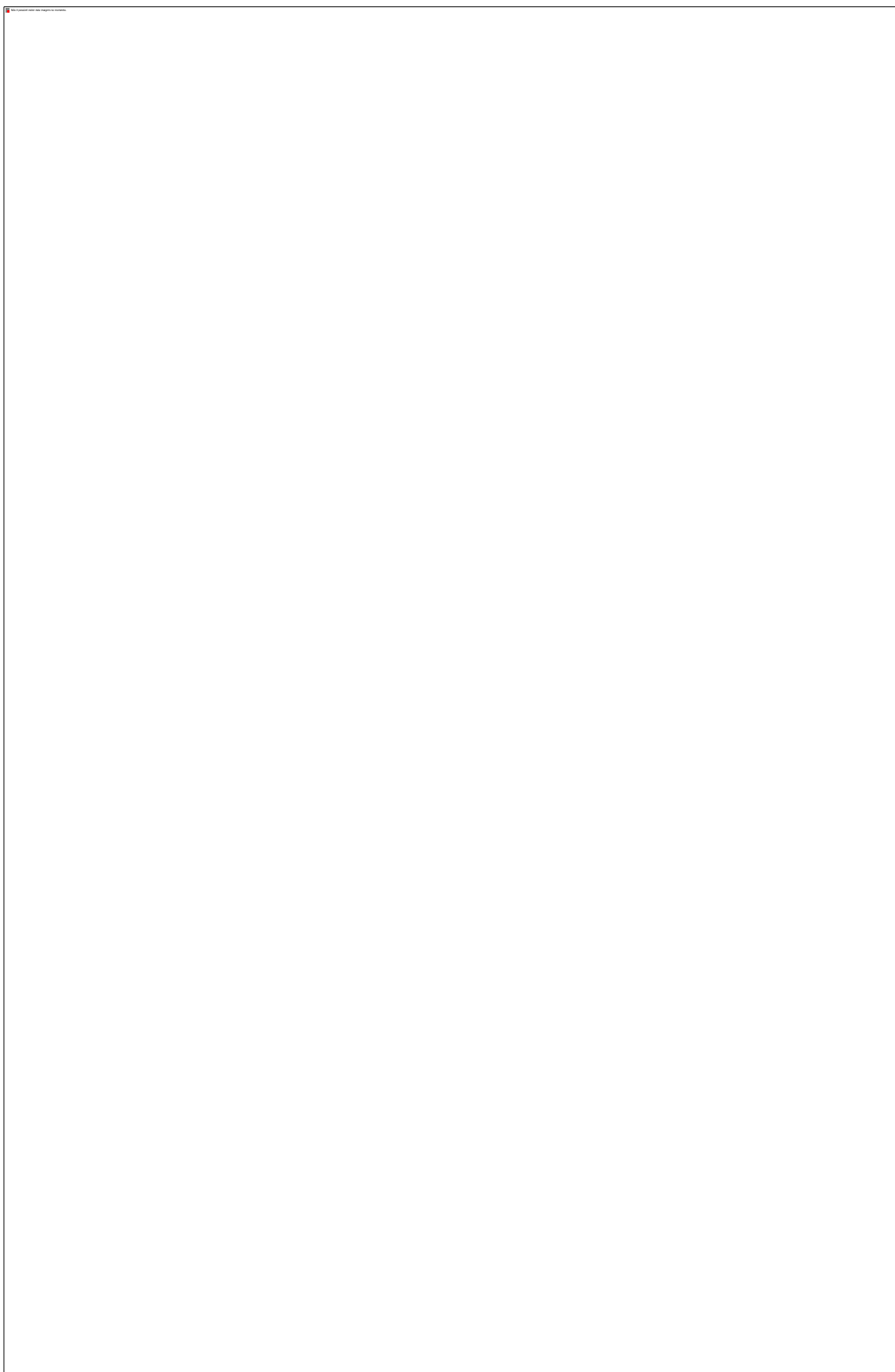


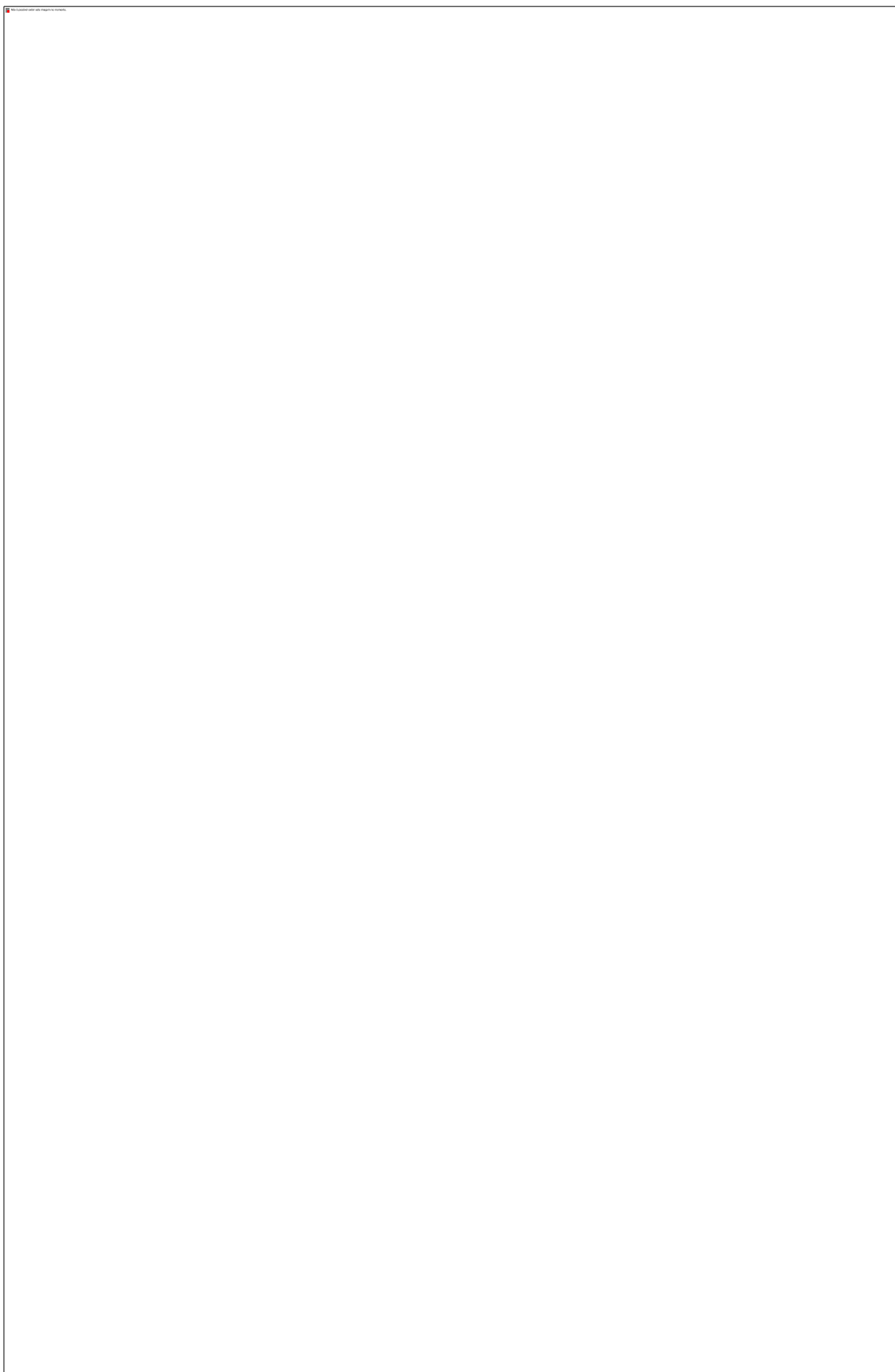












© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2014 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

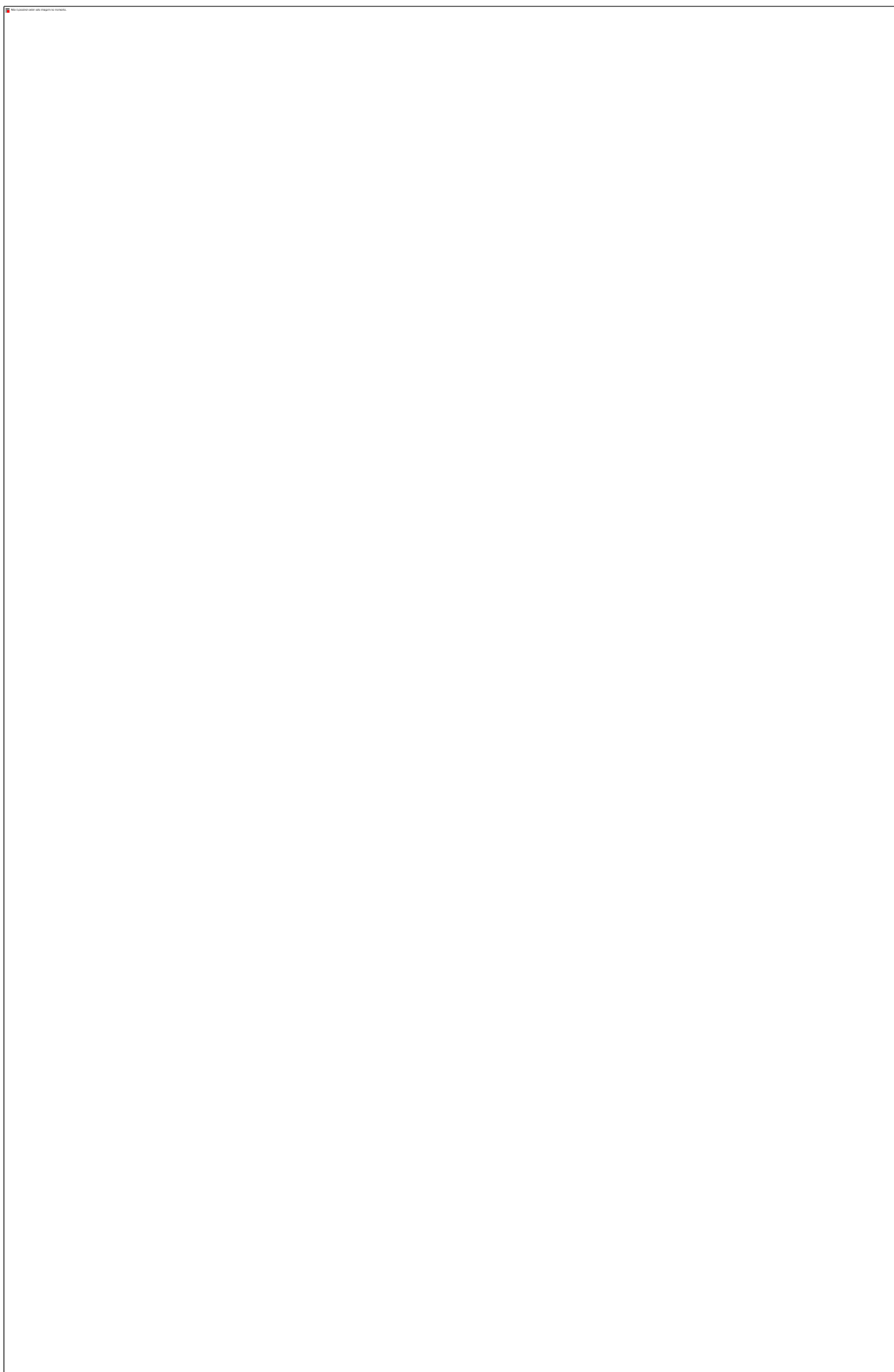
© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2013 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.



© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.



© 2018 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2019 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.



Anexo XXXV (DocumentoPSR)

© 2010 Pearson Education, Inc. All rights reserved.



© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

Anexo XXIV

Documento de Moreno polemizando com Lora e Altamira

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

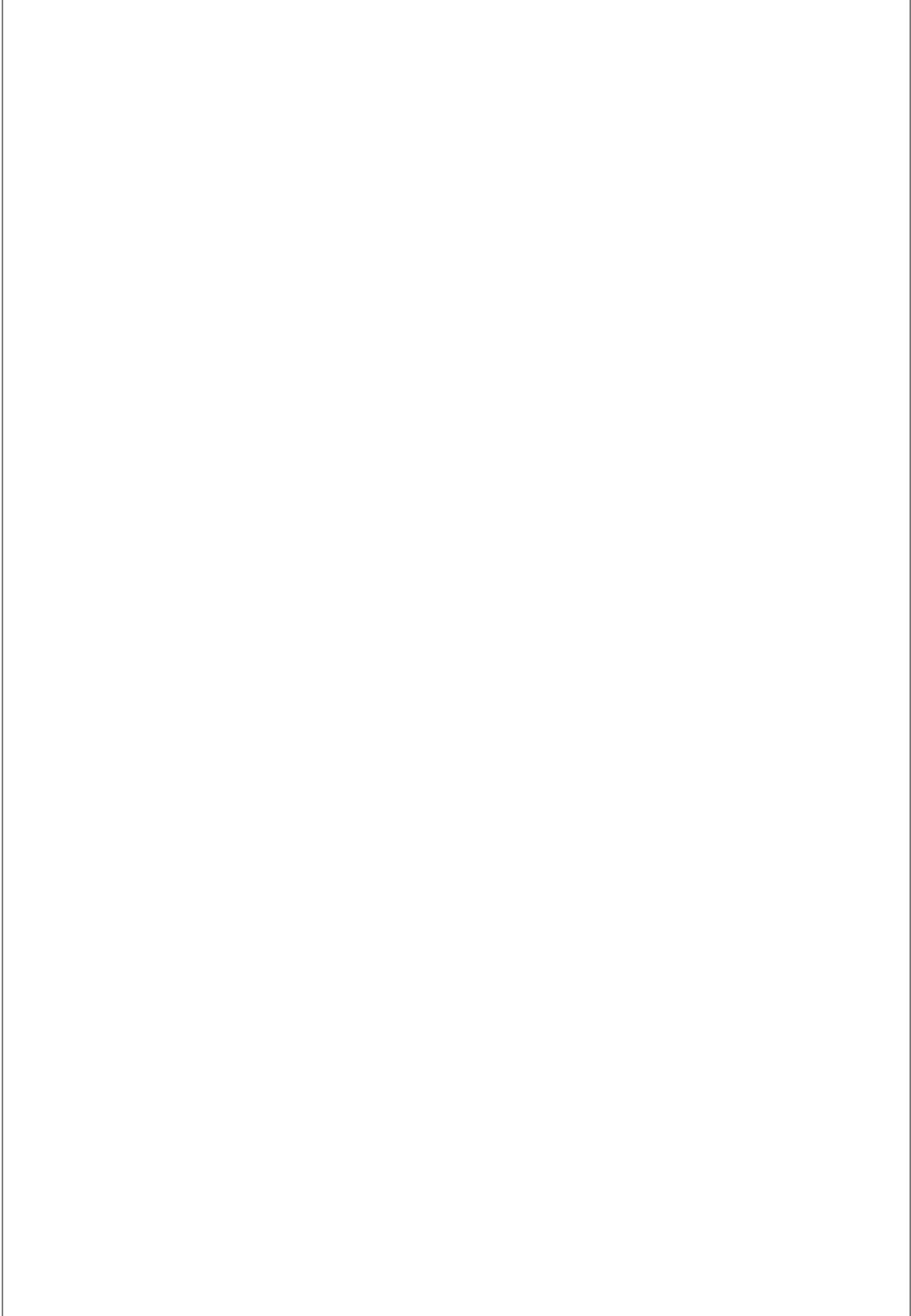
© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2011 Pearson Education, Inc. All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

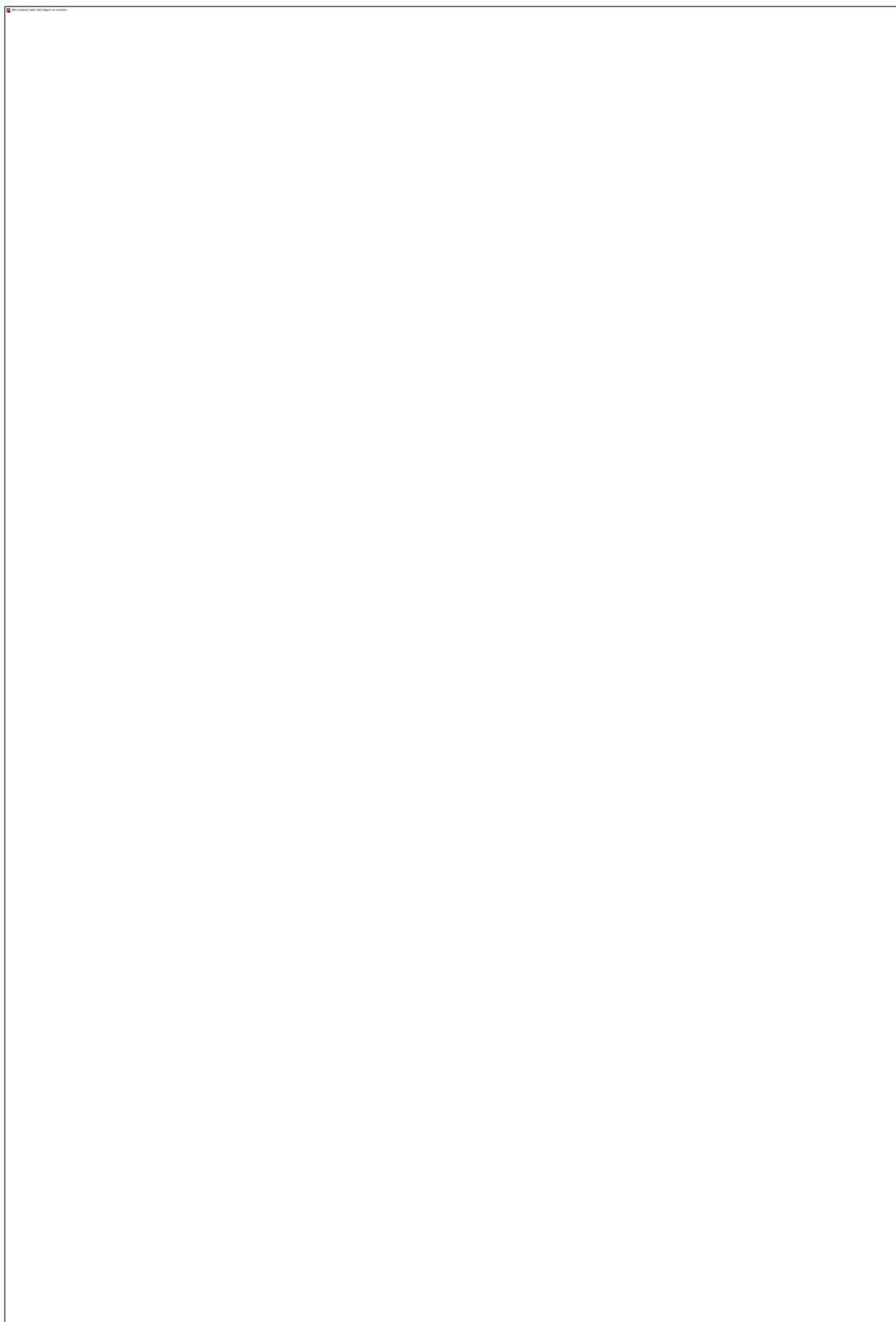
FIG. 1. (a) Schematic diagram of the experimental setup. (b) Photograph of the experimental setup.





© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2015 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.



Fonte: www.pstu.org

Anexo XXVII

Documento sobre a Fundação da Quarta Internacional Posadista.

La Cuarta Internacional Posadista se ha desarrollado a partir de 1962, desde que el Buró Latinoamericano de la Cuarta Internacional ha roto con la dirección internacional de esa época para mantener el programa y los objetivos de la organización fundada por Trotsky en 1938. La historia de la Cuarta Internacional es tratada en un capítulo aparte em nuestra web.

En 1962, J. Posadas presentó El Manifiesto de la Conferencia de Abril proponiendo la reorganización de la Internacional y apoyándose en las secciones latinoamericanas se plantea reconstruir las secciones europeas defendiendo el programa de la revolución socialista mundial.

La teoría de la Revolución Permanente de Trotsky se ha enriquecido con las nuevas experiencias revolucionarias surgidas después de la 2ª Guerra Mundial. La comprensión de estas nuevas fuerzas revolucionarias y la intervención en estos movimientos han sido vitales para la IV Internacional. Esto es lo que Posadas ha aportado a través de textos y documentos como: **DE LA REVOLUCION NACIONALISTA AL ESTADO OBRERO, EL ESTADO REVOLUCIONARIO y LAS NUEVAS FORMAS DE LOS ESTADOS OBREROS.**

La IV Internacional Posadista plantea que el antagonismo entre el capitalismo y los Estados obreros y la revolución mundial conduciría a un enfrentamiento que sería también el fin del sistema y la construcción de una sociedad superior: la sociedad socialista. Esto está desarrollado en **LA CRISIS DEL CAPITALISMO, LA GUERRA Y EL SOCIALISMO.**

El marxismo es el método de pensamiento y acción que orienta a la IV Internacional Posadista. La historia progresa a través de la lucha de clases. En esta etapa, el proletariado sigue siendo el motor de la transformación de la sociedad como desarrolla Posadas en el texto **EL MARXISMO ES EL UNICO INTERPRETE DE ESTA ETAPA DE LA HISTORIA.**

La IV Internacional Posadista considera que el proletariado cumplió su función histórica disputándole el poder al capitalismo e instalando Estados obreros como fue la construcción de la Unión Soviética y de los demás países socialistas que se organizaron a partir de 1945. La defensa incondicional de los Estados obreros y la lucha por la transformación socialista del mundo son indisolubles como se explica en **LA CONSTRUCCIÓN DEL ESTADO OBRERO Y LA CONSTRUCCIÓN DEL SOCIALISMO.**

La crisis de la humanidad es la crisis de su dirección. La construcción de esa dirección ha sido uno de los objetivos de la IV Internacional desde Trotsky a Posadas. Los

partidos posadistas se han organizado considerando como esencial la contribución a la construcción de una nueva Internacional de masas. **EL PROCESO**

REVOLUCIONARIO MUNDIAL Y LA FUNCION DE LA INTERNACIONAL POSADISTA.

La crisis de los Estados obreros y el movimiento comunista en general después del retroceso de la Unión Soviética y el desmantelamiento del campo socialista obliga a una reflexión y un análisis, para hacer un balance histórico de la función de los Estados obreros, de las condiciones necesarias para que se encuentren y se extiendan al mundo entero las bases y las estructuras que conducen al socialismo. Continuando el concepto de “la revolución traicionada” y el de “la regeneración parcial” del Estado obrero y del movimiento comunista mundial es fundamental para comprender las características transitorias del proceso actual y tener en cuenta todas las fuerzas revolucionarias de la humanidad para continuar la lucha hacia la emancipación completa, el comunismo. **EL PROCESO MUNDIAL REVOLUCIONARIO Y EL CURSO DE LA REGENERACIÓN PARCIAL EN LOS ESTADOS OBREROS.**

La muerte de J. Posadas en 1981 no ha permitido que esta función se haya podido continuar al mismo nivel. Pero, los textos que él ha elaborado hasta esa fecha son una contribución para desenvolver la nueva vanguardia y construir los cuadros que la nueva dirección de la revolución mundial necesita. La realización de esta web tiene como objetivo impulsar el debate y la difusión del pensamiento y los principios que han sido la base de la construcción de la IV Internacional en los últimos 40 años.

<http://www.revolucaosocialista.com>

ANEXO XXVI
Fotos das falsificações Stalinistas

© 2012 Pearson Education, Inc. All rights reserved.







© 2000 Blackwell Science Ltd, *Journal of Internal Medicine* 247: 253–261

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

© 2012 Pearson Education, Inc. or its affiliate(s). All rights reserved.

FIG. 1. (a) Schematic diagram of the experimental setup. (b) Photograph of the experimental setup.

